



**TERRA
PROMETIDA
NAÇÃO
ESCOLHIDA
BOM PASTOR
UM NOVO
HOMEM
REINO
ETERNO**

Terra Prometida Nação Escolhida Bom Pastor Um Novo Homem Reino Eterno

por David Mulliss

Capítulo 1. O Papel de Israel no Plano de Salvação de Deus	3
Capítulo 2. O Propósito das Promessas	6
Capítulo 3. Éden e a Humanidade Primitiva	10
Capítulo 4. Abraão é chamado para Canaã	12
Capítulo 5. Geografia da Aliança	14
Capítulo 6. A Aliança Abraâmica	16
Capítulo 7. A Circuncisão como Sinal da Aliança de Deus	21
Capítulo 8. A Prova da Fé de Abraão	27
Capítulo 9. O Pacto Mosaico – a Lei e uma Nação Santa	30
Capítulo 10. Israel como Terra da Aliança	33
Capítulo 11. A relação fiel de Deus com a terra	39
Capítulo 12. Monte Moriá – o Lugar Santo	40
Capítulo 13. Jerusalém – a Cidade Escolhida	42
Capítulo 14. A incapacidade de Israel de cumprir a aliança	47
Capítulo 15. Exílio Assírio e Babilônico	52
Capítulo 16. Retorno e Reconstrução – Esdras e Neemias	55
Capítulo 17. Restauração Profética	58
Capítulo 18. A Nova Aliança	62
Capítulo 19. O Ministério de Jesus em Israel	64
Capítulo 20. Jerusalém como Centro Redentor	67
Capítulo 21. A Jornada Histórica de Israel	69
Capítulo 22. Jesus e Israel	73
Capítulo 23. A Rejeição do Messias por Israel	78
Capítulo 24. A Cegueira Espiritual de Israel	81
Capítulo 25. Extensão da Salvação aos Gentios	86
Capítulo 26. A explicação de Paulo sobre o papel de Israel	88
Capítulo 27. A Oliveira e o Novo Homem em Cristo	90
Capítulo 28. Israel Nacional e o Cumprimento da Aliança	94
Capítulo 29. Israel como objeto de estudo - Lição	98
Capítulo 30. Geografia do Futuro	101
Capítulo 31. O Pastor que Restaura as 12 Tribos	106
Capítulo 32. Significado Profético da Terra de Israel	110
Capítulo 33. Um Rei Reinará em Jerusalém	115
Capítulo 34. A Nova Jerusalém	121
Capítulo 35. Uma Conclusão Inescapável	127

Capítulo 1. O Papel de Israel no Plano de Salvação de Deus

Israel ocupa uma posição única no plano redentor de Deus para a humanidade.

A relação de Deus com Israel não foi acidental, mas planejada desde o princípio. Como revelam as Escrituras, quando Deus estabeleceu as habitações da humanidade, Ele dividiu as nações, tendo Israel explicitamente em mente.

"O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe... fez de um só homem todas as nações para habitarem sobre toda a face da terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos onde deveriam habitar." (Atos 17:24-26)

"Quando o Altíssimo deu às nações a sua herança, quando dividiu a humanidade, fixou os limites dos povos de acordo com o número dos filhos de Israel. Porque a porção do Senhor é o seu povo, e a Jacó a sua herança." (Deuteronômio 32:8-9)

Deus iniciou esta obra redentora direcionada, separando um homem, Abrão, e prometendo estabelecer um povo distinto por meio dele.

"Disse o Senhor a Abrão: 'Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Farei de ti uma grande nação; abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.'" (Gênesis 12:1-3)

Os descendentes de Jacó são chamados de 'Israel' devido a um encontro divino direto, que mudou para sempre sua identidade e história.

"E Jacó ficou sozinho. E um homem lutou com ele até o romper do dia. Quando o homem viu que não conseguia vencer Jacó, tocou-lhe na articulação da coxa, e a coxa de Jacó deslocou-se enquanto

lutava com ele. Então disse: 'Deixe-me ir, pois já amanheceu.' Mas Jacó respondeu: 'Não o deixarei ir, a menos que me abençoe.' E o homem lhe perguntou: 'Qual é o seu nome?' E ele respondeu: 'Jacó.' Então o homem disse: 'Seu nome não será mais Jacó, mas Israel, porque você lutou com Deus e com os homens e venceu.'" (Gênesis 32:24-28)

"...Portanto, até hoje o povo de Israel não come o tendão da coxa que está na articulação do quadril, porque ele tocou a articulação do quadril de Jacó com o tendão da coxa." (Gênesis 32:32)

No texto hebraico original, o nome Israel (Yisra'el) é profundo. É uma palavra composta derivada do verbo raiz 'sarah', que significa "lutar", "competir" ou "perseverar", e da palavra El, que significa "Deus". O nome se traduz como "Ele luta com Deus" ou "Deus prevalece". Como Gênesis 32 detalha explicitamente, o nome serve como um marcador histórico permanente de que Jacó (e, por extensão, a nação) lutou diretamente com Deus, persistiu em buscar Sua bênção e prevaleceu pela fé.

Deus declarou que essa nação específica seria Suas testemunhas exclusivas e seu tesouro mais precioso dentre todos os povos da Terra.

"De todas as famílias da terra, somente a ti conheci." (Amós 3:2)

*"Vocês são minhas testemunhas", declara o Senhor,
"e meu servo a quem escolhi, para que vocês me conheçam,
creiam em mim e entendam que eu sou. Antes de mim nenhum
deus se formou, e depois de mim nenhum haverá." (Isaías 43:10)*

*"Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e
guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade
peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha; e vós
me sereis um reino de sacerdotes e uma nação santa. Estas são as
palavras que falarás aos filhos de Israel." (Êxodo 19:5-6)*

"Pois vocês são um povo santo para o Senhor, o seu Deus. O Senhor os escolheu para serem o seu povo, o seu tesouro particular, dentre todos os povos da face da terra."
(Deuteronômio 14:2)

A sensibilidade, o cuidado e as promessas soberanas de Deus para com Israel estão inteiramente enraizadas na fidelidade da Sua aliança, e não no mérito, na justiça ou no poder de Israel.

"Pois vocês são um povo santo para o Senhor, o seu Deus... Não foi por serem mais numerosos do que os outros povos que o Senhor os escolheu, pois vocês eram o menor de todos os povos, mas porque o Senhor os ama e cumpre o juramento que fez aos seus antepassados, que o Senhor os tirou com mão poderosa e os resgatou da casa da servidão, das mãos de Faraó, rei do Egito."
(Deuteronômio 7:6-8)

"Não digam em seus corações: 'Foi por causa da minha justiça que o Senhor me trouxe para possuir esta terra', quando na verdade foi por causa da maldade destas nações que o Senhor as está expulsando de diante de vocês. Não é por causa da sua justiça ou da retidão do seu coração que vocês estão entrando para possuir a terra deles... mas para confirmar a palavra que o Senhor jurou aos seus pais, a Abraão, a Isaque e a Jacó. Saibam, portanto, que o Senhor, o seu Deus, não lhes está dando esta boa terra para possuírem por causa da sua justiça, pois vocês são um povo obstinado." (Deuteronômio 9:4-6)

Mesmo em tempos de disciplina, Deus guarda Israel com ferocidade, prometendo, em última instância, habitar em seu meio e atrair os gentios a Si por meio deles.

"Fujam para Sião, vocês que habitam com a filha da Babilônia. Pois assim diz o Senhor dos Exércitos... pois quem tocar em vocês tocará na menina dos seus olhos: 'Eis que levantarei a minha mão sobre eles, e eles se tornarão despojo para aqueles que os

serviram.' Então vocês saberão que o Senhor dos Exércitos me enviou. Cantem e alegrem-se, ó filha de Sião, pois eis que venho e habitarei no meio de vocês, diz o Senhor. E muitas nações se unirão ao Senhor naquele dia, e serão o meu povo." (Zacarias 2:7-11)

"Eu sou o Senhor; eu te chamei em justiça; eu te tomarei pela mão e te guardarei; eu te darei por aliança ao povo e por luz às nações." (Isaías 42:6)

"Eu te farei luz para as nações, para que a minha salvação chegue até os confins da terra." (Isaías 49:6)

Esse propósito divino se estende ao Novo Testamento, validando o chamado permanente de Israel como canal para os oráculos de Deus, o Messias e a luz para todas as nações.

"Pois assim nos ordenou o Senhor, dizendo: 'Eu te constituí luz para os gentios, para que leves a salvação até os confins da terra.'" (Atos 13:47)

"Que vantagem tem, então, o judeu? Ou qual o valor da circuncisão? Muita, em todos os sentidos! Primeiramente, aos judeus foram confiadas as palavras de Deus." (Romanos 3:1-2)

"Eles são israelitas, e a eles pertencem a adoção, a glória, as alianças, a promulgação da lei, o culto e as promessas. Deles são os patriarcas, e deles descende o Cristo segundo a carne, que é Deus sobre todos, bendito para sempre. Amém." (Romanos 9:4-5)

Capítulo 2. O Propósito das Promessas

Gênesis 12, Êxodo 19, Deuteronômio 14 e Isaías 42 demonstraram que o propósito de Deus era fazer de Israel uma *"grande nação"*, uma *"nação santa"*, *"Seu tesouro precioso"* e uma *"luz para as nações"*. Mas, mais do que isso, Deus formou Israel para que pudesse levar a salvação à humanidade, alcançando os confins da terra, para que todas as famílias da terra fossem abençoadas.

"...e em ti serão benditas todas as famílias da terra." (Gênesis 12:3)

A certeza absoluta deste plano redentor repousa inteiramente no caráter imutável de Deus. Como Deus não pode mentir, as promessas que Ele faz são irrevogáveis e garantidas para serem cumpridas exatamente como foram declaradas.

"Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura, terá ele dito e não o fará? Ou terá falado e não o cumprirá?" (Números 23:19)

"Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, não havendo ninguém maior por quem jurar, jurou por si mesmo... Assim, querendo Deus mostrar de forma mais convincente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, confirmou-a com juramento, para que, por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, nós, que buscamos refúgio, tenhamos forte encorajamento para nos apegarmos à esperança que nos foi proposta." (Hebreus 6:13, 17-18)

Quando Deus faz uma promessa, Ele a cumpre, mesmo quando os humanos falham ou tentam impor seus próprios desejos. É por isso que Deus abençoou tanto Ismael quanto Jacó. Quando Abraão e Sara falharam em sua fé e geraram Ismael com Agar, Deus ainda honrou Sua promessa de abençoar a descendência de Abraão.

"E farei do filho da escrava uma nação, porque ele é teu descendente." (Gênesis 21:13)

Da mesma forma, embora Jacó tenha usado de engano para obter a bênção de seu pai, a escolha soberana de Deus permaneceu inabalável. Deus encontrou Jacó em seu exílio e confirmou a aliança:

"Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaque... A tua descendência será como o pó da terra... e em ti e na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra. Eis que

estou contigo e te guardarei por onde quer que andares."

(Gênesis 28:13-15)

Por causa da fidelidade de Abraão, Deus jurou que sua descendência se multiplicaria para se tornar uma bênção para todas as nações:

"Por mim mesmo jurei, declara o Senhor, que, por teres feito isso e não teres me negado o teu filho, o teu único filho, certamente te abençoarei... e na tua descendência serão benditas todas as nações da terra, porque obedeceste à minha voz." (Gênesis 22:16-18)

A nação de Israel foi reservada e preservada para que essa salvação pudesse chegar ao mundo inteiro e para que a terra fosse, em última instância, preenchida com a Sua glória.

"Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar." (Habacuque 2:14)

"É pouco que sejas meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta os remanescentes de Israel; farei de ti uma luz para as nações, para que a minha salvação chegue até os confins da terra." (Isaías 49:6)

As Escrituras esclarecem que essa bênção mundial não se cumpriria apenas para a nação como um todo, mas se concentrava em uma "descendência" específica – um "filho" específico. Gênesis 3:15 diz: "...ele te ferirá a cabeça ". Gênesis 22:17-18 especifica um indivíduo: "a tua descendência possuirá a porta dos seus inimigos".

Em 2 Samuel 7:12-14, Deus prometeu a Davi: "Levantarei depois de ti a tua descendência ", e esse descendente teria "todas as nações benditas nele" (Salmo 72). Jeremias 23:5 diz: "Levantarei para Davi um Renovo justo ". Isaías 9 e 11 falam de um governante davídico específico, assim como Jeremias 23:5. Esse indivíduo específico é confirmado pelo livro de Gálatas.

"Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: 'E à descendência', referindo-se a muitos, mas a um só: 'E à tua descendência', que é Cristo." (Gálatas 3:15)

O tempo que Deus dedica a revelar a promessa de um indivíduo especial pode parecer lento para os humanos, mas a Sua paciência está inteiramente voltada para a máxima salvação da humanidade.

"Mas não se esqueçam disto, amados: que para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é paciente para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento." (2 Pedro 3:8-9)

Como Deus é totalmente fiel às Suas alianças, a vinda do Messias teve que se alinhar perfeitamente com os parâmetros históricos e físicos que Ele havia estabelecido. Portanto, o Novo Testamento traça meticulosamente a chegada de Jesus através dos patriarcas. Mateus 1 descreve isso e identifica Jesus como *"...filho de Davi, filho de Abraão"*. Romanos 1:3 também diz: *"...a respeito de seu Filho, que, segundo a carne, era descendente de Davi..."*

Lucas 3 apresenta uma genealogia de Jesus que remonta não apenas a Abraão, mas até Adão. Citando o profeta Isaías, Lucas revela que Jesus nasceu para que a restauração final da humanidade pudesse ser alcançada, como diz Lucas 3:6: *"...e toda a humanidade verá a salvação de Deus"*.

A vida e o ministério de Cristo na Terra mostraram que Deus foi fiel em cumprir Suas promessas e que Deus havia dito a verdade aos patriarcas. Por meio de Jesus, as promessas de Gênesis 12:3 e 22:18 seriam cumpridas. Maria lembrou-se dessas promessas em Lucas 1:54-55, quando disse: *"Ele ajudou o seu servo Israel, lembrando-se da sua misericórdia, como havia prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre"*.

"Pois eu lhes digo que Cristo se tornou servo dos circuncidados para demonstrar a fidelidade de Deus, a fim de confirmar as promessas feitas aos patriarcas e para que os gentios glorificassem a Deus por sua misericórdia." (Romanos 15:8-9a)

Durante seu ministério terreno, o próprio Jesus afirmou que esse mecanismo de redenção global foi estabelecido exatamente como ordenado pela linhagem e história do povo judeu.

" Vocês adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus." (João 4:22)

Agora sabemos que é Jesus quem cumpre todas as promessas inquebráveis de Deus, derrubando a barreira entre as nações e estendendo a aliança a todos os que creem.

"E a Escritura, prevendo que Deus justificaria os gentios pela fé, anunciou antecipadamente o evangelho a Abraão, dizendo: 'Em ti serão benditas todas as nações'. De modo que os que são da fé são abençoados com Abraão, o homem de fé... Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós... para que em Cristo Jesus a bênção de Abraão chegasse aos gentios, a fim de que recebêssemos o Espírito prometido mediante a fé." (Gálatas 3:8-9, 13-14)

"Antes que viesse a fé, estávamos escravizados pela lei... De modo que a lei nos serviu de tutor até a vinda de Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Mas agora que a fé chegou, já não estamos debaixo de tutor, porque em Cristo Jesus todos vocês são filhos de Deus, mediante a fé... Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos vocês são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa." (Gálatas 3:23-29)

Capítulo 3. Éden e a Humanidade Primitiva

Para compreender plenamente o significado das promessas de Deus e da terra física específica dada a Abraão e seus descendentes, é necessário voltar ao princípio. Desde os primeiros capítulos das Escrituras, Deus estabeleceu uma profunda conexão entre a humanidade, a Sua presença e uma geografia física específica.

"E o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, no oriente, e ali colocou o homem que havia formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda espécie de árvores agradáveis à vista e boas para alimento. A árvore da vida estava no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia em quatro rios. O nome do primeiro é Pisom; este circunda toda a terra de Havilá, onde há ouro. E o ouro dessa terra é bom; ali há bdélio e ônix. O nome do segundo rio é Giom; este circunda toda a terra de Cuxe. E o nome do terceiro rio é Tigre; corre para o oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates. Tomou o Senhor Deus o homem e o pôs no jardim do Éden para o cultivar e o guardar." (Gênesis 2:8-15)

O solo físico do Éden não era um pedaço de terra fortuito; era um espaço sagrado onde o homem habitava em perfeita comunhão com o Criador. As Escrituras revelam a extraordinária beleza e o valor inestimável que Deus atribui a essa geografia original e intocada. Podemos apenas imaginar que era um lugar belíssimo e especial.

"Você estava no Éden, o jardim de Deus; toda pedra preciosa era a sua cobertura..." (Ezequiel 28:13a)

Contudo, quando a humanidade caiu em pecado, a consequência imediata foi o exílio físico deste lugar, o que representou uma separação direta da presença e provisão irrestritas de Deus.

"...portanto, o Senhor Deus o expulsou do jardim do Éden para cultivar a terra da qual fora tomado. Expulsou o homem e colocou, ao oriente do jardim do Éden, querubins e uma espada

flamejante que se movia em todas as direções, para guardar o caminho da árvore da vida.” (Gênesis 3:23-24)

Esse padrão de pecado que resulta em exílio geográfico se consolida na geração seguinte. Quando Caim se rebelou e cometeu o primeiro assassinato, seu castigo foi ser expulso ainda mais para longe do lugar físico (e da “*presença*”) da comunhão com Deus.

"Então Caim se afastou da presença do Senhor e habitou na terra de Node, ao oriente do Éden." (Gênesis 4:16)

Esse afastamento da presença do Senhor estabelece o contexto espiritual para o restante da história bíblica. O afastamento de Caim de Deus para o exílio permanente contrasta de forma deliberada e marcante com o plano redentor de Deus.

Embora a humanidade primitiva tenha sido repetidamente expulsa do santuário geográfico de Deus devido à rebelião, Deus eventualmente retornaria à história para chamar um homem, Abraão, de seu próprio exílio para um santuário geográfico recém-designado, a fim de iniciar o processo de restauração da humanidade. O lugar que Deus tinha em mente era muito, muito especial.

Capítulo 4. Abraão é chamado para Canaã

Após o período de peregrinação e exílio da humanidade primitiva, Deus iniciou Seu plano de restauração. Ele escolheu um homem chamado Abrão, que vivia longe da presença do Senhor, entre as nações dispersas, servindo a outros deuses.

"Assim diz o Senhor, Deus de Israel: 'Há muito tempo, seus pais viviam além do Eufrates: Terá, pai de Abraão e de Naor; e serviam a outros deuses. Então, tirei seu pai Abraão de além do Rio e o conduzi por toda a terra de Canaã, e multipliquei a sua descendência.'" (Josué 24:2-3a)

O chamado de Deus era soberano, físico e específico. Ele ordenou a Abrão que deixasse seu passado e seu povo completamente para trás, direcionando-o para uma terra recém-designada.

"O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, quando ele estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, e lhe disse: 'Sai da tua terra e da tua parentela, e vai para a terra que eu te mostrarei'. Então ele saiu da terra dos caldeus e habitou em Harã. E, depois da morte de seu pai, Deus o trouxe dali para esta terra em que vocês agora habitam." (Atos 7:2-4)

Essa mudança geográfica estava diretamente ligada às grandes promessas espirituais de salvação global.

"Disse o Senhor a Abrão: 'Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Farei de ti uma grande nação; abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.' Partiu, pois, Abrão, como o Senhor lhe ordenara, e Ló foi com ele. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã. Tomou consigo Sarai, sua mulher, e Ló, filho de seu irmão, e todos os seus bens que haviam adquirido, e as pessoas que haviam juntado em Harã, e partiram para a terra de Canaã. Quando chegaram à terra de Canaã..." (Gênesis 12:1-5)

Abraão respondeu com pura fé, entrando na geografia física que Deus havia escolhido para seus descendentes, sem conhecer o resultado final.

"Pela fé, Abraão obedeceu quando foi chamado para ir a um lugar que havia de receber por herança; e partiu, sem saber para onde ia." (Hebreus 11:8)

Ao chegar em Canaã, Deus apareceu a Abraão e vinculou explicitamente o futuro de Suas promessas redentoras a esse território físico específico.

"Então o Senhor apareceu a Abrão e disse: 'À tua descendência darei esta terra.' Assim, Abrão construiu ali um altar ao Senhor, que lhe havia aparecido." (Gênesis 12:7)

Deus então ampliou essa promessa, ordenando a Abraão que inspecionasse a terra e confirmando que Canaã seria uma herança física eterna para seus descendentes específicos.

"Disse o Senhor a Abrão, depois que Ló se separou dele: 'Levante os olhos e olhe desde o lugar onde você está, para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste, pois toda a terra que você vê, eu a darei a você e à sua descendência para sempre... Levante-se e percorra toda a extensão da terra, porque eu a darei a você.'" (Gênesis 13:14-15, 17)

Por meio dessa jornada, Deus estabeleceu poderosamente os parâmetros de Sua aliança. Ele chamou um homem dentre as nações errantes e o firmou na própria terra onde a redenção do mundo finalmente se desenrolaria.

Capítulo 5. Geografia da Aliança

Após conduzir Abraão a Canaã, Deus estabeleceu os limites geográficos exatos da herança permanente prometida aos seus descendentes. Esse território físico foi estritamente definido por uma aliança divina, abrangendo uma área vasta e específica.

"E darei a ti e à tua descendência depois de ti a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em posse perpétua, e serei o seu Deus." (Gênesis 17:8)

"Naquele dia, o Senhor fez uma aliança com Abrão, dizendo: 'À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até o

grande rio, o rio Eufrates, a terra dos queneus, dos quenezeus, dos cadmoneus, dos heteus, dos ferezeus, dos refains, dos amorreus, dos cananeus, dos girgaseus e dos jebuseus." (Gênesis 15:18-21)

As Escrituras revelam progressivamente toda a extensão da herança física prometida.

"Estabelecerei os teus limites desde o Mar Vermelho até o Mar dos Filisteus, e desde o deserto até o Eufrates; porque entregarei os habitantes desta terra nas tuas mãos, e os expulsareis de diante de ti." (Êxodo 23:31)

"Voltai e partei, e ide para a região montanhosa dos amorreus e para todos os seus vizinhos na Arabá, na região montanhosa, na planície, no Neguebe e junto ao mar, na terra dos cananeus e no Líbano, até ao grande rio, o rio Eufrates. Eis que ponho a terra diante de vós. Entrai e toma posse da terra que o Senhor jurou dar aos vossos pais, a Abraão, a Isaque e a Jacó, a eles e à sua descendência depois deles." (Deuteronômio 1:7-8)

"Todo lugar que a planta do seu pé pisar será seu. O seu território se estenderá desde o deserto até o Líbano, e desde o rio Eufrates até o mar ocidental." (Deuteronômio 11:24)

"Desde o deserto e este Líbano até o grande rio, o rio Eufrates, toda a terra dos hititas e até o grande mar, para o poente, será o vosso território." (Josué 1:4)

Para garantir que não houvesse ambiguidade sobre a realidade física dessa aliança, Deus deu a Moisés uma definição extremamente detalhada, ponto por ponto, da terra que a nação deveria herdar:

O SENHOR FALOU A MOISÉS, DIZENDO: "Dê ordens aos filhos de Israel e diga-lhes: Quando entrarem na terra de Canaã (esta é a terra que lhes será dada como herança, a terra de Canaã, conforme suas fronteiras), o seu limite sul começará no deserto de Zim, junto a Edom, e o seu limite sul começará na extremidade do Mar

Salgado, a leste. O seu limite sul começará na subida de Acrabim e atravessará para Zim, e o seu limite será ao sul de Cades-Barneia. Depois, seguirá para Hazar-Adar e passará por Azmom. O limite de Azmom seguirá para o ribeiro do Egito, e o seu limite será no mar.”

“Para a fronteira ocidental, vocês terão o Grande Mar e sua costa. Esta será a sua fronteira ocidental.”

“Esta será a vossa fronteira norte: desde o Mar Grande traçareis uma linha até ao monte Hor. Do monte Hor traçareis uma linha até Lebo-Hamate, e o limite da fronteira será em Zedade. Depois, a fronteira estender-se-á até Zifron, e o seu limite será em Hazar-Enã. Esta será a vossa fronteira norte.”

“Traçarás uma linha para a tua fronteira oriental, desde Hazar-Enã até Sefã. E a fronteira descenderá de Sefã até Ribla, ao leste de Aim. E a fronteira descenderá até à margem do Mar de Quinerete, ao leste. E a fronteira descenderá até ao Jordão, e o seu limite será no Mar Salgado. Esta será a tua terra, conforme definida pelas suas fronteiras em todo o seu redor.”

Moisés ordenou ao povo de Israel, dizendo: “Esta é a terra que vocês herdarão por sorteio, a qual o SENHOR ordenou que fosse dada às nove tribos e à meia tribo. Pois a tribo do povo de Rúben, por meio de suas casas paternas, e a tribo do povo de Gade, por meio de suas casas paternas, receberam sua herança, assim como a meia tribo de Manassés. As duas tribos e a meia tribo receberam sua herança além do Jordão, a leste de Jericó, na direção do nascer do sol.” (Números 34:1-15)

Capítulo 6. A Aliança Abraâmica

O chamado de Deus para Israel começou com Abraão em Gênesis 11-12, quando Ele chamou Abraão para deixar Ur e ir para Canaã,

prometendo fazer dele uma grande nação através da qual todas as famílias da terra seriam abençoadas (Gênesis 12:1-3).

Essa aliança foi reafirmada em Gênesis 13:14-17, onde Deus prometeu a Abraão e seus descendentes a terra de Canaã para sempre. No entanto, a estrutura legal exata dessa promessa foi formalizada em Gênesis 15. Quando Abraão questionou como poderia ter descendentes, visto que era estéril, Deus prometeu que ele teria um filho e que sua descendência seria tão numerosa quanto as estrelas. Abraão *"creu no Senhor, e isso lhe foi imputado como justiça"*.

Deus confirmou essa aliança por meio de uma profunda cerimônia sacrificial, profetizando com grande substância a futura escravidão de Israel no Egito por 400 anos e sua subsequente libertação, antes de definir legalmente as fronteiras da terra (Gênesis 15:18-21).

Mais tarde, Deus apareceu novamente a Abrão para renomeá-lo permanentemente como Abraão e para instituir o sinal físico desta aliança eterna.

"Quando Abrão tinha noventa e nove anos, o Senhor lhe apareceu e disse: 'Eu sou o Deus Todo-Poderoso; ande na minha presença e seja íntegro, para que eu faça a minha aliança com você e o multiplique grandemente.' Então Abrão prostrou-se com o rosto em terra. E Deus lhe disse: 'Eis que a minha aliança é com você, e você será o pai de muitas nações. Você não será mais chamado Abrão, mas Abraão, porque eu o constituí pai de muitas nações. Eu o farei frutificar abundantemente e o transformarei em nações, e reis sairão de você. Estabelecerei a minha aliança com você e com a sua descendência depois de você, por todas as gerações, como aliança perpétua, para ser o seu Deus e o Deus da sua descendência depois de você. Darei a você e à sua descendência depois de você a terra das suas peregrinações, toda a terra de Canaã, em posse perpétua, e serei o seu Deus.'"
(Gênesis 17:1-8)

Foi por meio de Isaque, filho específico de Abraão, que Deus estabeleceu essa aliança eterna. Deus instruiu Abraão que o sinal da aliança seria a circuncisão de todos os homens. Embora Abraão tenha intercedido por seu primogênito, Ismael, Deus foi preciso em Sua intenção.

"E Deus disse a Abraão: 'Quanto a Sarai, tua mulher, não lhe chamarás mais Sarai, mas Sara será o seu nome. Eu a abençoarei e dela te darei um filho. Eu a abençoarei, e dela sairão nações; reis de povos procederão.' Então Abraão prostrou-se com o rosto em terra, riu e disse consigo mesmo: 'Poderá um homem de cem anos gerar um filho? E Sara, com noventa anos, poderá dar à luz?' E Abraão disse a Deus: 'Quem dera Ismael vivesse diante de ti!'" Deus disse: "Não, mas Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe porás o nome de Isaque. Estabelecerei com ele a minha aliança, uma aliança perpétua para os seus descendentes depois dele. Quanto a Ismael, eu te ouvi; eis que o abençoei, e o farei frutificar e o multiplicarei grandemente. Ele gerará doze príncipes, e dele farei uma grande nação. Mas estabelecerei a minha aliança com Isaque, que Sara te dará à luz no ano que vem, nesta mesma época." (Gênesis 17:15-21)

Em obediência absoluta, Abraão circuncidou imediatamente Ismael e todos os homens de sua casa naquele mesmo dia (Gênesis 17:23-27). Essa obediência culminou anos depois, quando Abraão demonstrou sua disposição em sacrificar Isaque, resultando no juramento de Deus de selar a aliança para sempre.

"E o anjo do Senhor chamou Abraão pela segunda vez desde o céu e disse: 'Por mim mesmo jurei, diz o Senhor, que porquanto fizeste isto e não me negaste o teu filho, o teu único filho, certamente te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia que está na praia do mar. E a tua descendência possuirá a porta dos seus inimigos, e na tua descendência serão benditas todas as nações

da terra, porquanto obedeceste à minha voz.'" (Gênesis 22:15-18)

Deus então apareceu pessoalmente a Isaac para garantir a transferência legal desse juramento exato para a próxima geração.

"Havia fome na terra, além da fome que já havia ocorrido nos dias de Abraão. Isaque foi a Gerar, a Abimeleque, rei dos filisteus. O Senhor lhe apareceu e disse: 'Não desça ao Egito; fique na terra que eu lhe indicarei. Permaneça nesta terra, e eu estarei com você e o abençoarei, porque a você e à sua descendência darei todas estas terras e confirmarei o juramento que fiz a Abraão, seu pai. Multiplicarei a sua descendência como as estrelas do céu e darei à sua descendência todas estas terras. E por meio da sua descendência serão benditas todas as nações da terra, porque Abraão obedeceu à minha voz e guardou o meu mandamento, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis.'" (Gênesis 26:1-5)

A aliança foi então transferida para o filho de Isaque, Jacó.

"Jacó saiu de Berseba e foi para Harã. Chegou a um certo lugar e ali passou a noite, porque o sol já se havia posto... E sonhou: havia uma escada posta na terra, cujo topo chegava ao céu. E eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela! E eis que o Senhor estava em cima dela e disse: 'Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaque. A terra em que estás deitado, eu a darei a ti e à tua descendência. A tua descendência será como o pó da terra, e te espalharás para o oeste, para o leste, para o norte e para o sul; e em ti e na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra. Eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra. Porque não te deixarei até que haja cumprido o que te prometi.' Então Jacó acordou do seu sono e disse: 'Certamente o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia.'" E ele teve medo e disse: 'Como é temível

este lugar! Este é nada menos que a casa de Deus; esta é a porta dos céus." (Gênesis 28:10-17)

Essa transferência deliberada da aliança de Abraão para Isaque, e depois de Isaque para Jacó, revela um princípio crucial do plano redentor de Deus. A promessa não passou automaticamente para todos os filhos biológicos, nem se aplicava automaticamente ao primogênito, segundo o costume humano. Deus rejeitou intencionalmente Ismael (em favor de Isaque) e Esaú (em favor de Jacó) como herdeiros da aliança. Embora Deus ainda tenha abençoado Ismael e Esaú (porque as promessas de Deus a Abraão jamais falharam), a estrutura legal da salvação foi restrita exclusivamente a Jacó pela escolha soberana de Deus.

"Eu vos amei, diz o Senhor. Mas vós dizeis: 'Como nos amaste?' 'Esaú não é irmão de Jacó?', declara o Senhor. 'Contudo, amei Jacó, mas aborreci Esaú.'" (Malaquias 1:2-3)

Os Salmos celebram essa progressão exata da aliança, confirmando que o juramento de Deus a esses três patriarcas específicos permanece como um estatuto eterno.

"Lembrem-se das maravilhas que ele fez, dos seus milagres e dos juízos que proferiu, ó descendentes de Abraão, seu servo, filhos de Jacó, seus escolhidos! Ele é o Senhor nosso Deus; os seus juízos estão em toda a terra. Ele se lembra para sempre da sua aliança, da palavra que ordenou por mil gerações, da aliança que fez com Abraão, do juramento que fez a Isaque, que confirmou a Jacó como estatuto, e a Israel como aliança perpétua, dizendo: 'A vocês darei a terra de Canaã como herança'. Quando eram poucos em número, insignificantes e peregrinos na terra, errantes de nação em nação, de um reino para outro povo, ele não permitiu que ninguém os oprimisse; repreendeu reis por causa deles, dizendo: 'Não toquem nos meus ungidos, não façam mal aos meus profetas!'" (Salmo 105:5-15)

A história subsequente da nação comprovou a absoluta confiabilidade dessas promessas. A promessa específica de Deus a Abrão de que seus descendentes seriam fecundos (Gênesis 17:6) e se multiplicariam (Gênesis 15:5) foi cumprida de forma dramática durante o tempo em que estiveram no Egito.

"Então Israel chegou ao Egito; Jacó peregrinou na terra de Cão. E o Senhor fez o seu povo muito fértil e o tornou mais forte do que os seus inimigos." (Salmo 105:23-24)

"Mas os israelitas eram fecundos e multiplicaram-se grandemente; tornaram-se extremamente fortes, de modo que a terra se encheu deles." (Êxodo 1:7)

A natureza inquebrável dessa aliança abraâmica permanece o fundamento da nossa esperança em Jesus. Deus sabia que os humanos falhariam, mas as promessas de Deus não podem falhar.

"Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, não havendo ninguém maior por quem jurar, jurou por si mesmo, dizendo: 'Certamente te abençoarei e te multiplicarei'. E assim Abraão, depois de esperar com paciência, alcançou a promessa. Porque as pessoas juram por algo maior do que elas mesmas, e em todas as suas contendas o juramento é definitivo para confirmação. Assim, querendo Deus mostrar de forma mais convincente aos herdeiros da promessa o caráter imutável do seu propósito, confirmou-o com juramento, para que, por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, nós, que buscamos refúgio, tenhamos forte encorajamento para nos apegarmos à esperança que nos foi proposta." (Hebreus 6:13-18)

Capítulo 7. A Circuncisão como Sinal da Aliança de Deus

Em Gênesis 17, Deus estabeleceu a circuncisão como o sinal físico, contínuo e intergeracional de Sua aliança eterna com Abraão e seus descendentes.

"Disse Deus a Abraão: 'Quanto a você, guarde a minha aliança, você e a sua descendência depois de você, de geração em geração. Esta é a minha aliança, que vocês guardarão entre mim e você e a sua descendência depois de você: todo macho entre vocês será circuncidado. Vocês serão circuncidados na carne do prepúcio, e isso será o sinal da aliança entre mim e vocês. Todo menino de oito dias entre vocês será circuncidado. Todo macho, de geração em geração, seja nascido em sua casa ou comprado por você de algum estrangeiro que não seja da sua descendência, tanto o nascido em sua casa como o comprado por você, certamente será circuncidado. Assim, a minha aliança estará na carne de vocês, uma aliança perpétua. Qualquer homem incircunciso, que não for circuncidado na carne do seu prepúcio, será eliminado do meio do seu povo; ele quebrou a minha aliança.'" (Gênesis 17:9-14)

Seguindo essa ordem, Deus mudou o nome de Abrão para Abraão ("pai de muitas nações") e prometeu que Sara daria à luz um filho chamado Isaque, por meio de quem a aliança continuaria. Abraão tinha 99 anos quando ele e sua família foram circuncidados, e Isaque nasceu no ano seguinte, exatamente como prometido.

Sabemos por Êxodo 2 que o primeiro filho de Moisés nasceu em Midiã porque o nome que Moisés lhe deu reflete o fato de ele ser um estrangeiro vivendo no exílio.

"Então Moisés concordou em viver com aquele homem, e este lhe deu sua filha Zípora. E ela lhe deu um filho. Ele lhe chamou de Gérson, pois disse: 'Fui estrangeiro em terra estranha.'" (Êxodo 2:21-22)

Ao que tudo indica, Moisés partiu imediatamente para o Egito após a ordem de Deus, pois os versículos seguintes mostram que Zípora circuncidou o filho deles " *no caminho* ".

"Em uma hospedaria no caminho, o Senhor encontrou-o e procurou matá-lo.

Então Zípora pegou uma pedra de sílex, cortou o prepúcio de seu filho e tocou com ele os pés de Moisés, dizendo: 'Certamente você é para mim um noivo de sangue!' Então ele o deixou ir. Foi então que ela disse: 'Noivo de sangue', por causa da circuncisão."

(Êxodo 4:24-26)

O versículo 24 nos mostra que, imediatamente após Deus instruir Moisés a retornar ao Egito, Deus o deteve no caminho e procurou matá-lo. Por quê? Porque o filho de Moisés não era circuncidado e, portanto, não podia fazer parte da nação da aliança de Israel. Josué 5:5 confirma posteriormente que a circuncisão foi estritamente mantida pelos hebreus enquanto estavam no Egito. Assim, como futuro legislador, Moisés não poderia mediar uma nova aliança enquanto sua família estivesse em violação da aliança abraâmica existente.

Zípora sabia que Moisés era hebreu e que Deus esperava que seu filho carregasse o sinal da aliança. A identidade hebraica de Moisés era inconfundível — a filha do faraó a reconheceu imediatamente (Êxodo 2:6), e ambos os pais de Moisés eram da casa de Levi (Êxodo 2:1), tendo agido com profunda fé para escondê-lo (Hebreus 11:23).

Moisés também teve um segundo filho, Eliezer. Embora seu nome só seja mencionado mais tarde, Êxodo 18 revela que Moisés enviou sua esposa e ambos os filhos de volta a Midiã para protegê-los durante as pragas. Jetro os leva até Moisés no deserto, e o nome de Eliezer serve como testemunho da fé de Moisés no Deus de seus pais.

"E o nome do outro era Eliézer; porque o Deus de meu pai, disse ele, foi o meu auxílio e me livrou da espada de Faraó." (Êxodo 18:4)

Esse símbolo físico tornou-se a marca nacional de Israel. Era tão central para a sua identidade que se tornou um pré-requisito estrito para participar da Páscoa e da subsequente libertação do Egito.

"Então o Senhor disse a Moisés e a Arão: 'Este é o estatuto da Páscoa: nenhum estrangeiro poderá comer dela; mas todo escravo comprado por dinheiro poderá comer dela, depois de circuncidado. Nenhum estrangeiro ou trabalhador assalariado poderá comer dela. Ela será comida numa só casa; não levareis da carne para fora da casa, nem quebrareis nenhum dos seus ossos. Toda a congregação de Israel a celebrará. Se algum estrangeiro peregrinar entre vós e quiser celebrar a Páscoa ao Senhor, circuncidar-se-ão todos os seus homens. Então ele poderá aproximar-se e celebrá-la; será como o natural da terra. Mas nenhum incircunciso poderá comer dela. Haverá uma só lei para o natural e para o estrangeiro que peregrinar entre vós.' Todos os filhos de Israel fizeram exatamente como o Senhor ordenara a Moisés e a Arão. E naquele mesmo dia o Senhor tirou os filhos de Israel da terra do Egito, segundo os seus exércitos." (Êxodo 12:43-51)

Essa exigência rigorosa (de identidade étnica/nacional e direito de acesso à aliança) permaneceu em vigor quarenta anos depois, quando a nação estava às vésperas de entrar em Canaã. A geração adulta que havia sido resgatada do Egito se rebelou no deserto, e Deus decretou que eles não entrariam na Terra Prometida, com apenas duas exceções.

"...ninguém entrará na terra que jurei dar-vos para habitar, exceto Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num." (Números 14:30)

Conforme detalhado em Números 14:29-31, enquanto a geração incrédula do Êxodo pereceu no deserto, a geração mais jovem (aqueles com menos de vinte anos de idade) foi preservada. Contudo,

esses homens, nascidos após a saída do Egito, não haviam sido circuncidados durante a jornada. Portanto, antes que essa nova geração pudesse herdar a terra, o marco da aliança precisava ser restaurado.

"Naquela ocasião, o SENHOR disse a Josué: 'Faça facas de sílex e circuncide os filhos de Israel pela segunda vez.'" Então Josué fez facas de sílex e circuncidou os filhos de Israel em Gibeate-Haaralote. E esta é a razão pela qual Josué os circuncidou: todos os homens do povo que saíram do Egito, todos os homens de guerra, morreram no deserto, no caminho, depois de terem saído do Egito. Embora todo o povo que saiu tivesse sido circuncidado, todos os que nasceram no deserto, depois de terem saído do Egito, não foram circuncidados. Pois o povo de Israel caminhou quarenta anos no deserto, até que toda a nação, os homens de guerra que saíram do Egito, pereceram, porque não obedeceram à voz do SENHOR; o SENHOR lhes jurou que não os deixaria ver a terra que o SENHOR havia jurado dar a seus pais, terra que mana leite e mel. Assim, Josué circuncidou os filhos deles, que ele levantou em lugar deles, pois eles eram incircuncisos, porque não haviam sido circuncidados no caminho.

Quando a circuncisão de toda a nação foi concluída, eles permaneceram em seus lugares no acampamento até serem curados. E o SENHOR disse a Josué: "Hoje removi de você a vergonha do Egito". E por isso aquele lugar é chamado Gilgal até hoje. (Josué 5:2-9)

Tendo sido devidamente consagrados pela circuncisão, os israelitas estavam agora prontos para participar de sua primeira Páscoa dentro das fronteiras de sua herança.

"Enquanto os israelitas estavam acampados em Gilgal, celebraram a Páscoa no décimo quarto dia do mês, ao entardecer, nas planícies de Jericó. No dia seguinte à Páscoa,

comeram dos frutos da terra: pães ázimos e grãos tostados. O maná cessou no dia seguinte à refeição dos frutos da terra, e não houve mais maná para os israelitas; naquele ano, comeram dos frutos da terra de Canaã." (Josué 5:10-12)

Assim, a circuncisão física era a consagração da aliança exigida antes que Israel pudesse herdar a Terra Prometida sob uma conquista divinamente guiada. Contudo, os profetas revelaram posteriormente que o desejo final de Deus sempre foi que essa marca física representasse uma profunda realidade espiritual interna.

"Circuncidem, pois, o prepúcio do vosso coração e não sejam mais teimosos." (Deuteronômio 10:16)

"O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração e o coração dos teus descendentes, para que ames o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, para que vivas." (Deuteronômio 30:6)

"Circuncidem-se para o Senhor; removam o prepúcio de seus corações, ó homens de Judá e habitantes de Jerusalém; para que a minha ira não se acenda como fogo e queime sem que ninguém a apague, por causa da maldade das suas obras." (Jeremias 4:4)

O Novo Testamento confirma que o verdadeiro cumprimento eterno deste marco da aliança não se dá exteriormente na carne, mas interiormente pelo Espírito, realizado inteiramente através da obra salvadora de Jesus Cristo.

"Pois ninguém é judeu apenas exteriormente, nem é a circuncisão exterior, na carne. Mas judeu é aquele que o é interiormente, e a circuncisão, a do coração, no Espírito, não na letra; e o louvor dele não provém dos homens, mas de Deus." (Romanos 2:28-29)

"Pois nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, nos gloriamos em Cristo Jesus e não confiamos na carne." (Filipenses 3:3)

"Nele também fostes circuncidados com a circuncisão não feita por mãos humanas, mas sim com a circuncisão de Cristo, que consiste no despojamento do corpo da carne. Fostes sepultados com ele no batismo e com ele ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos. E a vós, que estáveis mortos em vossos pecados e na incircuncisão da vossa carne, Deus vivificou-vos juntamente com ele, perdoadando-nos todos os nossos pecados, tendo cancelado a escrita da dívida que era contra nós e que constava de ordenanças, a qual nos era prejudicial, e a removeu, pregando-a na cruz. E despojou os principados e potestades, expondo-os à vergonha pública, triunfando sobre eles na cruz." (Colossenses 2:11-15)

Capítulo 8. A Prova da Fé de Abraão

Gênesis 22 registra o teste de fé de Deus a Abraão, quando Ele lhe pediu que sacrificasse Isaque – o próprio filho por meio de quem Deus prometeu estabelecer uma aliança eterna e uma bênção global.

Depois disso, Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: "Abraão!" Ele respondeu: "Eis-me aqui". Deus disse: "Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá. Ofereça-o ali em holocausto num dos montes que eu lhe indicarei". Abraão levantou-se de manhã cedo, selou o seu jumento e levou consigo dois dos seus servos e seu filho Isaque. Cortou a lenha para o holocausto, partiu e foi para o lugar que Deus lhe havia indicado. Ao terceiro dia, Abraão olhou para o lugar de longe e disse aos seus servos: "Fiquem aqui com o jumento; eu e o menino iremos até lá, adoraremos e voltaremos para vocês". Abraão tomou a lenha para o holocausto e a colocou sobre Isaque, seu filho. Levou também o fogo e a faca. E foram juntos. Isaque disse a seu pai Abraão: "Meu pai!" Ele respondeu: "Eis-me aqui, meu filho". Ele disse: "Eis o fogo e a lenha, mas onde

está o cordeiro para o holocausto?" Abraão respondeu: "Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto, meu filho." E foram ambos juntos.

Quando chegaram ao lugar que Deus lhe havia indicado, Abraão construiu ali o altar, arrumou a lenha, amarrou seu filho Isaque e o colocou sobre o altar, em cima da lenha. Então Abraão estendeu a mão e pegou a faca para imolar seu filho. Mas o anjo do SENHOR o chamou do céu e disse: "Abraão! Abraão!" Ele respondeu: "Eis-me aqui". O anjo disse: "Não estenda a mão contra o menino nem lhe faça mal algum, pois agora sei que você teme a Deus, visto que não me negou seu filho, seu único filho". Abraão levantou os olhos e viu um carneiro preso pelos chifres num arbusto. Aproximou-se, tomou o carneiro e o ofereceu em holocausto em lugar de seu filho. Abraão chamou aquele lugar de "O SENHOR proverá", como se diz até hoje: "No monte do SENHOR se proverá". (Gênesis 22:1-14)

O livro de Hebreus nos mostra que Abraão estava simplesmente exercendo sua profunda fé em Deus. Abraão sabia que, se Deus tinha autoridade para instruí-lo a sacrificar seu filho, então Deus também tinha o poder de ressuscitá-lo dos mortos.

"Pela fé, Abraão, quando foi posto à prova, ofereceu Isaque; aquele que recebera as promessas estava a ponto de sacrificar o seu único filho, do qual se tinha dito: 'Por meio de Isaque a tua descendência será chamada'. Ele considerou que Deus era capaz até de ressuscitá-lo dentre os mortos, e, figuradamente falando, de fato o recebeu de volta." (Hebreus 11:17-19)

Abraão não se aventurou no Monte Moriá (Gênesis 22:2,14) para sacrificar seu único filho por medo. Abraão sabia (ou seja, tinha fé) que Deus lhe concederia outro milagre. Gênesis 15:2-3 nos diz que Abraão não tinha filhos. Gênesis 17:17 mostra que Abraão achava absurdo (ou seja, impossível) que um homem de 100 anos com uma

esposa de 90 pudesse ter um filho. Sara também achava isso absurdo (Gênesis 18:11-12).

“ Por isso, a promessa depende da fé, para que seja pela graça e seja confirmada a toda a sua descendência, não apenas aos que são da lei, mas também aos que são da fé de Abraão, que é o pai de todos nós, como está escrito: ‘Eu o constituí pai de muitas nações’, diante do Deus em quem ele creu, que dá vida aos mortos e chama à existência as coisas que não existem. Em esperança, contra toda esperança, ele creu que se tornaria pai de muitas nações, como lhe fora dito: ‘Assim será a sua descendência’. Ele não vacilou na fé, considerando o seu próprio corpo já como morto (pois tinha quase cem anos), nem a esterilidade do ventre de Sara. A incredulidade não o fez duvidar da promessa de Deus; ao contrário, ele se fortaleceu na fé, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que Deus era poderoso para cumprir o que havia prometido. Por isso, a sua fé lhe foi imputada como justiça.” Mas as palavras “isso lhe foi imputado” não foram escritas apenas por causa dele, mas também por nossa causa. Será imputado a nós, que cremos naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação. (Romanos 4:16-25)

“Pela fé, até mesmo Sara, apesar de já ser avançada em idade, recebeu poder para conceber, pois considerou fiel aquele que lhe havia prometido. Assim, de um só homem, já praticamente morto, nasceram descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como incontáveis grãos de areia da praia.” (Hebreus 11:11-12)

O livro de Tiago usa esse mesmo evento para mostrar o valor igual da crença e da ação. A fé não é meramente passiva ou intelectual. *“ Assim também a fé, se não for acompanhada de obras, por si só está morta.”* (Tiago 2:17) No Monte Moriá, a convicção interior de Abraão e suas

ações exteriores operaram em perfeita harmonia, levando seu relacionamento original com Deus à sua maturidade final e visível.

“ Porventura Abraão, nosso pai, não foi justificado pelas obras, quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar? Vedes que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada? E cumpriu-se a Escritura que diz: ‘Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça’. E foi chamado amigo de Deus.” (Tiago 2:21-23)

Abraão creu em Deus, e Deus lhe deu um filho na sua velhice. A verdadeira fé também produz ações: Abraão ofereceu seu filho, e Deus resgatou o filho de Abraão; como diz Hebreus, *“ figurativamente falando, Deus o recebeu de volta”* (Hebreus 11:19).

Capítulo 9. O Pacto Mosaico – a Lei e uma Nação Santa

Antes da entrega da Lei, Deus estabeleceu a identidade de Israel como seu primogênito e demonstrou a estrita exigência de obediência à aliança.

“E o Senhor disse a Moisés: ‘Quando voltares ao Egito, vê que faças diante de Faraó todos os sinais que te confiei. Mas eu endurecerei o coração dele, para que não deixe o povo ir. Então dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho primogênito, e eu te digo: Deixa ir o meu filho, para que me sirva. Se recusares deixá-lo ir, eis que matarei o teu filho primogênito.’” (Êxodo 4:21-23)

Após a libertação do Egito, Deus conduziu os filhos de Israel ao deserto do Sinai. Ali, o Senhor propôs uma aliança singular, mediada por Moisés. Diferentemente das promessas incondicionais feitas anteriormente a Abraão, essa aliança era estritamente condicional. Exigia que a nação ouvisse, obedecesse e observasse ativamente as

leis de Deus (incluindo a circuncisão) para assegurar seu status como Sua nação santa.

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha; e vós me sereis um reino de sacerdotes e uma nação santa. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel.” (Êxodo 19:5-6)

“E todo o povo respondeu de comum acordo: Faremos tudo o que o Senhor falou. E Moisés relatou ao Senhor as palavras do povo.” (Êxodo 19:8)

“Então Moisés tomou o sangue, aspergiu-o sobre o povo e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco, acerca de todas estas palavras.” (Êxodo 24:8)

As principais estipulações dessa aliança incluíam a Lei (Êxodo 20; Deuteronômio 5). No entanto, a instituição da Lei Mosaica não anulou as promessas anteriores e incondicionais feitas aos patriarcas.

“Digo, porém, que a aliança previamente confirmada por Deus em Cristo não pode ser anulada pela lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, de modo que torne sem efeito a promessa.” (Gálatas 3:17)

Como a Aliança Mosaica era um acordo condicional, exigia observância estrita e contínua dos estatutos e juízos promulgados no Sinai. O Senhor deixou claro que a prosperidade, a paz e a permanência de Israel na Terra Prometida dependiam inteiramente de sua fidelidade. Levítico 26 estabelece essa natureza dual da aliança, prometendo abundância agrícola e paz para a obediência, mas terror e destruição para a rebelião.

“Se vocês andarem nos meus estatutos, guardarem os meus mandamentos e os cumprirem, então eu lhes darei as chuvas no tempo certo, e a terra dará a sua colheita, e as árvores do campo darão o seu fruto...

“Mas, se vocês não me ouvirem e não cumprirem todos esses mandamentos, se desprezarem os meus estatutos e se a sua alma abominar as minhas ordenanças, de modo que não cumprirem todos os meus mandamentos, mas quebrarem a minha aliança, então farei o seguinte: castigarei vocês com terror, com doenças debilitantes e febre que consumirão os olhos e farão o coração sofrer. E vocês semearão em vão, porque os seus inimigos comerão a sua semente.” (Levítico 26:3-4, 14-16)

Este pacto delineava claramente as bênçãos nacionais para a obediência e as maldições para a rebelião.

“ Se vocês obedecerem fielmente à voz do SENHOR, o seu Deus, e tiverem o cuidado de cumprir todos os mandamentos que hoje lhes dou, o SENHOR, o seu Deus, os exaltará sobre todas as nações da terra. Todas estas bênçãos virão sobre vocês e os alcançarão, se vocês obedecerem à voz do SENHOR, o seu Deus. ”
(Deuteronômio 28:1-2)

“ Mas, se vocês não obedecerem à voz do SENHOR, o seu Deus, e não tiverem o cuidado de cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos que hoje lhes ordeno, todas estas maldições virão sobre vocês e os alcançarão. ” (Deuteronômio 28:15)

A entrega da Lei culminou em uma escolha final e decisiva apresentada aos israelitas. A aliança exigia uma decisão consciente do povo de andar nos caminhos do Senhor para obter a vida.

“Eis que hoje te apresento a vida e o bem, a morte e o mal; porquanto hoje te ordeno que ames o Senhor teu Deus, que andes nos seus caminhos, e que guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, para que vivas e te multipliques; e o Senhor teu Deus te abençoará na terra à qual vais para a possuir...

Invoco hoje o céu e a terra como testemunhas contra vocês, de que coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a

maldição. Escolham, pois, a vida, para que vocês e os seus descendentes vivam.” (Deuteronômio 30:15-16, 19)

A concretização final da Lei, a ratificação pelo sangue e a constituição da nação santa, foi o estabelecimento de um santuário, permitindo que Deus habitasse fisicamente entre o Seu povo.

“E farei para mim um santuário, para que eu habite no meio deles.” (Êxodo 25:8)

Capítulo 10. Israel como Terra da Aliança

Embora a promessa inicial de Deus de dar a terra aos descendentes de Abraão fosse um juramento incondicional, a capacidade da nação de residir em segurança e desfrutar da prosperidade daquela terra era inteiramente condicional. Enquanto os israelitas se preparavam para entrar em Canaã, Deuteronômio 28 estabeleceu os termos estritos de sua permanência. A terra era uma dádiva da aliança, mas viver dentro de suas fronteiras exigia fidelidade absoluta ao Senhor.

"Se vocês obedecerem fielmente à voz do Senhor, o seu Deus, e cumprirem fielmente todos os seus mandamentos que hoje lhes ordeno, o Senhor, o seu Deus, os exaltará sobre todas as nações da terra." (Deuteronômio 28:1)

Se os israelitas obedecessem à voz de Deus, a terra de Israel proporcionaria extraordinária segurança e fertilidade.

"Todas estas bênçãos virão sobre vocês e os alcançarão, se vocês obedecerem à voz do Senhor, o seu Deus... Benditos serão vocês na cidade e benditos serão vocês no campo." (Deuteronômio 28:2-3)

Deus enfatizou repetidamente que essas bênçãos estavam geograficamente ligadas à terra física que Ele lhes estava concedendo.

"O Senhor ordenará que a bênção esteja sobre vocês nos seus celeiros e em tudo o que fizerem. Ele os abençoará na terra que o Senhor, o seu Deus, lhes dá." (Deuteronômio 28:8)

"O Senhor fará prosperar em abundância os filhos dos seus ventres, os frutos dos seus rebanhos e os frutos da sua terra, na terra que o Senhor jurou dar a seus pais." (Deuteronômio 28:11)

"O Senhor abrirá para vocês o seu bom tesouro, os céus, para dar chuva à sua terra no tempo certo e para abençoar toda a obra das suas mãos." (Deuteronômio 28:12)

"...por toda a tua terra, que o Senhor teu Deus te deu." (Deuteronômio 28:52)

Essa abundância condicional foi reforçada em Levítico, mostrando que a própria natureza responderia à sua obediência espiritual.

"Se vocês andarem nos meus estatutos, guardarem os meus mandamentos e os cumprirem, eu lhes darei as chuvas no tempo certo, e a terra dará a sua colheita, e as árvores do campo darão o seu fruto..." (Levítico 26:3-13)

Contudo, a aliança acarretava consequências igualmente severas. Se o povo de Israel deixasse de cumprir os estatutos de Deus, a própria terra que deveria abençoá-los se voltaria contra eles.

"Mas, se vocês não obedecerem à voz do Senhor, o seu Deus, e não tiverem o cuidado de cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos que hoje lhes ordeno, todas estas maldições virão sobre vocês e os alcançarão." (Deuteronômio 28:15)

"Maldito será o fruto do teu ventre e o fruto da tua terra, as crias das tuas vacas e as crias das tuas ovelhas." (Deuteronômio 28:18)

"Os céus sobre a tua cabeça serão de bronze, e a terra debaixo de ti será de ferro. O Senhor fará com que a chuva da tua terra se

transforme em pó e fuligem; ela descera dos céus sobre ti, até que sejas destruído." (Deuteronômio 28:23-24)

O fracasso físico da agricultura da terra – o grão, o vinho e o azeite – seria absoluto, devastada por gafanhotos, vermes e grilos (Deuteronômio 28:38-40, 42).

Além disso, Deus advertiu que o castigo final por quebrar a aliança seria a remoção física da geografia prometida. A terra era sagrada e rejeitaria violentamente um povo ímpio.

"Não se contaminem com nenhuma dessas coisas, pois por causa de todas elas as nações que estou expulsando de diante de vocês se tornaram impuras, e a terra se tornou impura, de modo que castiguei a sua iniquidade, e a terra vomitou os seus habitantes. Mas vocês deverão guardar os meus estatutos e os meus juízos e não praticar nenhuma dessas abominações... para que a terra não os vomite, quando vocês a contaminarem, assim como vomitou a nação que estava antes de vocês." (Levítico 18:24-28)

Se não seguissem cuidadosamente todas as palavras da lei de Deus (Deuteronômio 28:58-59), enfrentariam o exílio total e a dispersão entre as nações estrangeiras.

"O Senhor fará com que a peste se apegue a vocês até que os consuma completamente da terra em que estão entrando para tomar posse dela." (Deuteronômio 28:21)

"Um povo que vocês não conhecem devorará os frutos da sua terra e de todo o seu trabalho..." (Deuteronômio 28:33)

"Assim como o Senhor se agradou em fazer-vos o bem e em vos multiplicar, também o Senhor se alegrará em vos arruinar e em vos destruir. Sereis arrancados da terra que estais a tomar posse dela, e o Senhor vos espalhará entre todos os povos, de uma extremidade da terra à outra..." (Deuteronômio 28:63-64)

Como a vida e a morte na terra dependiam dessa obediência condicional, Moisés apresentou à nação uma escolha definitiva antes de sua morte.

"Hoje invoco o céu e a terra como testemunhas contra vocês, de que coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a maldição. Portanto, escolham a vida, para que vocês e os seus descendentes vivam, amando o Senhor, o seu Deus, obedecendo à sua voz e apegando-se a ele, pois ele é a sua vida e a sua longevidade, para que vocês habitem na terra que o Senhor jurou dar aos seus antepassados, a Abraão, a Isaque e a Jacó."

(Deuteronômio 30:19-20)

Após a morte de Moisés, Deus incumbiu Josué de liderar o povo rumo à sua herança. Mais uma vez, Deus vinculou explicitamente o sucesso militar e a conquista das fronteiras geográficas à estrita observância da Lei.

Os israelitas estavam agora em Canaã, circuncidados e nutridos pelos frutos da terra. Contudo, não se esperava que conquistassem a terra por suas próprias forças. Assim como Deus prometeu lutar por seu povo antes da travessia do Mar Vermelho (Êxodo 14:14), Ele agora enviou o comandante de seu próprio exército para liderar a conquista.

"Estando Josué perto de Jericó, levantou os olhos e viu um homem em pé diante dele, com a espada desembainhada na mão. Josué aproximou-se dele e perguntou: 'Você é dos nossos ou dos nossos adversários?' Ele respondeu: 'Não, eu sou o comandante do exército do Senhor. Acabei de chegar.' Então Josué prostrou-se com o rosto em terra, adorou e perguntou: 'Que ordem o meu senhor dá ao seu servo?' O comandante do exército do Senhor disse a Josué: 'Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é santo.' E Josué assim fez." (Josué 5:13-15)

A chegada desse comandante divino cumpriu as repetidas promessas de Deus ao longo de Deuteronômio de que Ele mesmo lutaria por Israel.

"O Senhor, teu Deus, que vai adiante de ti, lutará por ti."

(Deuteronômio 1:30)

"O SENHOR, o seu Deus, é quem luta por vocês."

(Deuteronômio 3:22)

"Pois o Senhor, o seu Deus, é quem vai com vocês para lutar contra os seus inimigos e dar-lhes a vitória."

(Deuteronômio 20:4)

Na verdade, Deus havia profetizado especificamente a chegada desse comandante divino — um anjo que carregava o próprio nome de Deus — que expulsaria as nações e estabeleceria suas fronteiras físicas.

"Eis que envio um anjo adiante de ti, para te guardar no caminho e te conduzir ao lugar que preparei. Atentai para ele e obedecerei à sua voz; não te rebeleis contra ele, porque ele não perdoará a vossa transgressão, pois o meu nome está nele. Mas, se obedecerdes fielmente à sua voz e fizerdes tudo o que eu disser, então serei inimigo dos vossos inimigos e adversário dos vossos adversários. Quando o meu anjo for adiante de ti e te conduzir aos amorreus, aos heteus, aos ferezeus, aos cananeus, aos heveus e aos jebuseus, e eu os destruir, não te prostrarás diante dos seus deuses, nem lhes servirás... E enviarei vespas adiante de ti, que expulsarão os heveus, os cananeus e os heteus de diante de ti... E estabelecerei o teu território desde o Mar Vermelho até ao Mar dos Filisteus, e desde o deserto até ao Eufrates; porque entregarei os habitantes desta terra nas tuas mãos, e os expulsareis de diante de ti..." (Êxodo) 23:20-24a, 28, 31)

"Meu servo Moisés morreu. Agora, pois, levanta-te, atravessa este Jordão, tu e todo este povo, e entra na terra que eu dou aos filhos de Israel. Todo lugar que a planta do vosso pé pisar, eu vos tenho

dado, como prometi a Moisés. Desde o deserto e este Líbano até ao grande rio, o rio Eufrates, toda a terra dos hititas, e até ao grande mar, para o poente, será o vosso território. Ninguém vos poderá resistir em todos os dias da vossa vida. Assim como estive com Moisés, assim estarei convosco; não vos deixarei, nem vos abandonarei. Sede fortes e corajosos, porque vós fareis este povo herdar a terra que jurei dar aos seus pais. Somente sede fortes e muito corajosos, tendo o cuidado de fazer conforme toda a lei que meu servo Moisés vos ordenou. Não vos desvieis dela nem para a direita nem para a esquerda, para que tenhais sucesso por onde quer que andardes. Não se aparte da tua boca o Livro desta lei, mas não te esqueças dela." Medite nele dia e noite, para que você tenha o cuidado de fazer conforme tudo o que nele está escrito. Pois então você prosperará no caminho e terá sucesso. Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar. (Josué 1:2-9)

Sob a liderança de Josué, a nação testemunhou Deus cumprir perfeitamente a Sua parte da aliança. Deus lhes deu a terra e lhes concedeu descanso, exatamente como havia jurado.

"Assim, o Senhor deu a Israel toda a terra que jurara dar a seus pais. Eles tomaram posse dela e se estabeleceram ali. O Senhor lhes deu paz em todas as suas fronteiras, como havia jurado a seus pais. Nenhum dos seus inimigos resistiu a eles, pois o Senhor entregou todos os seus inimigos em suas mãos. E nenhuma das boas promessas que o Senhor fizera à casa de Israel deixou de se cumprir; todas se cumpriram." (Josué 21:43-45)

Contudo, como os israelitas falharam em expulsar completamente os habitantes e em obedecer plenamente à voz do Senhor (conforme registrado em Juízes 1), a conquista histórica imediata permaneceu incompleta. Assim, a posse plena da geografia da aliança prometida foi

assegurada pela fidelidade de Deus, mas sua realização completa e permanente foi reservada para o futuro.

Capítulo 11. A relação fiel de Deus com a terra

Embora a capacidade da nação de desfrutar das bênçãos da terra estivesse condicionada à sua obediência, sua sobrevivência final e seu direito duradouro à aliança repousam inteiramente na fidelidade incondicional de Deus. Ele escolheu Israel não por causa de sua própria grandeza ou mérito, mas puramente por Seu amor e Sua dedicação inabalável ao juramento que fez aos seus ancestrais.

"Pois vocês são um povo santo para o Senhor, o seu Deus. O Senhor, o seu Deus, os escolheu dentre todos os povos da face da terra para serem o seu povo, o seu tesouro particular. O Senhor não os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o Senhor os amou e cumpriu o juramento que fez aos seus antepassados que ele os tirou com mão poderosa e os resgatou da terra da escravidão, do poder de Faraó, rei do Egito. Saibam, portanto, que o Senhor, o seu Deus, é Deus; ele é o Deus fiel, que mantém a sua aliança de amor por mil gerações daqueles que o amam e guardam os seus mandamentos." (Deuteronômio 7:6-9)

Como essa aliança está fundamentada no caráter perfeito de Deus, e não na imperfeição humana, a Sua misericórdia para com o Seu povo é inesgotável, mesmo quando este falha.

"A fidelidade do Senhor jamais acaba; as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã; grande é a tua fidelidade."
(Lamentações 3:22-23)

As promessas de Deus são imutáveis. Uma vez que Ele estabelece uma aliança e a torna realidade por meio da Sua palavra (assim como Ele

proferiu a Criação), Ele garante que jamais voltará atrás ou alterará a Sua palavra.

"Não violarei a minha aliança, nem mudarei a palavra que saiu dos meus lábios." (Salmo 89:34)

Para provar a natureza indissolúvel dessa relação, Deus vinculou permanentemente a existência da nação de Israel à própria estrutura da criação. Deus aposta a Sua própria reputação na *"ordem fixa"* do sol, da lua e das estrelas. O decreto é absoluto: se o universo físico existe, Israel deve existir.

"Assim diz o Senhor, que dá o sol para iluminar o dia e a ordem fixa da lua e das estrelas para iluminar a noite, que agita o mar para que as suas ondas bramem — o Senhor dos Exércitos é o seu nome: 'Se esta ordem fixa se afastar de diante de mim', declara o Senhor, então a descendência de Israel deixará de ser uma nação diante de mim para sempre.'" (Jeremias 31:35-36)

O registro histórico de Israel na terra prometida é um testemunho vivo dessa absoluta fidelidade. Assim como Deus os conduziu à geografia prometida e lutou por eles, as Escrituras testemunham que a Sua palavra é totalmente perfeita.

"Bendito seja o Senhor, que deu descanso ao seu povo Israel, conforme tudo o que prometeu. Nenhuma palavra falhou de todas as suas boas promessas, que ele falou por meio de Moisés, seu servo." (1 Reis 8:56)

Capítulo 12. Monte Moriá – o Lugar Santo

A história bíblica do Monte Moriá começa com Abraão. Deus o conduziu a um monte em Moriá para o teste final de sua fé e obediência.

"Depois dessas coisas, Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: 'Abraão!' E ele respondeu: 'Eis-me aqui.' Disse Deus: 'Tome seu

filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá. Ofereça-o ali em holocausto num dos montes que eu lhe mostrarei." (Gênesis 22:1-2)

"Então Abraão chamou aquele lugar de 'O Senhor proverá'; como se diz até hoje: 'No monte do Senhor se proverá'." (Gênesis 22:14)

Gerações mais tarde, Deus guiou o Rei Davi até este local, que na época servia como eira de Ornã, o jebuseu. Deus ordenou especificamente a Davi que construísse um altar ali.

"Ora, o anjo do Senhor ordenou a Gade que dissesse a Davi que subisse e construísse um altar ao Senhor na eira de Ornã, o jebuseu. Então Davi subiu, conforme a ordem de Gade, que ele falou em nome do Senhor." (1 Crônicas 21:18-19)

Quando Davi se aproximou para comprar o local, Ornã ofereceu-o gratuitamente ao rei. No entanto, Davi estabeleceu o princípio do verdadeiro sacrifício naquele lugar sagrado, insistindo em pagar o preço integral.

"Mas o rei disse a Araúna: 'Não, eu a comprarei de você por um preço. Não oferecerei holocaustos ao Senhor meu Deus que não me custem nada.' Então Davi comprou a eira e os bois por cinquenta siclos de prata." (2 Samuel 24:24)

Davi obedeceu à ordem de Deus, e Deus confirmou a escolha daquela montanha iluminando milagrosamente o seu sacrifício.

"E Davi edificou ali um altar ao Senhor, e ofereceu holocaustos e ofertas pacíficas, e invocou o Senhor; e ele lhe respondeu do céu por meio de fogo sobre o altar do holocausto." (1 Crônicas 21:26)

Após essa confirmação divina, Davi reconheceu esse local específico como o lugar permanente para buscar a Deus, escolhendo-o em vez do tabernáculo em Gibeão.

"Naquele tempo, quando Davi viu que o Senhor lhe havia respondido na eira de Ornã, o jebuseu, ofereceu sacrifícios ali. Pois o tabernáculo do Senhor, que Moisés fizera no deserto, e o altar do holocausto estavam naquele tempo no lugar alto em Gibeão; mas Davi não podia ir até lá para consultar a Deus, porque tinha medo da espada do anjo do Senhor." (1 Crônicas 21:28-30)

Os Salmos celebram essa escolha soberana da montanha (também conhecida como Sião) como o local permanente do santuário de Deus.

"Mas escolheu a tribo de Judá, o monte Sião, que ele amava; e edificou o seu santuário como altos palácios." (Salmo 78:68-69)

O filho de Davi, Salomão, completou os preparativos construindo o Templo permanente exatamente nessa montanha, conectando legal e geograficamente o altar de Abraão ao altar de Davi.

"Então Salomão começou a construir a casa do Senhor em Jerusalém, no monte Moriá, onde o Senhor havia aparecido a Davi, seu pai, no lugar que Davi havia designado, na eira de Ornã, o jebuseu." (2 Crônicas 3:1)

Após a conclusão do Templo, Deus consagrou essa geografia montanhosa específica para o Seu nome *"para toda a eternidade"*.

"Por ora, escolhi e consagrei esta casa, para que o meu nome esteja nela para sempre; os meus olhos e o meu coração estarão nela para sempre." (2 Crônicas 7:16)

Olhando além dos templos históricos, os profetas declararam que esta montanha específica tem um destino final e futuro no plano redentor de Deus, onde servirá como o centro geográfico da verdade para o mundo inteiro.

Capítulo 13. Jerusalém – a Cidade Escolhida

Muito antes de Israel ter um rei, Deus declarou por meio de Moisés que eventualmente escolheria um local específico e central em toda a terra prometida para estabelecer o Seu nome.

"Mas no lugar que o Senhor teu Deus escolher dentre todas as tuas tribos para ali pôr o seu nome..." (Deuteronômio 12:5)

Como nação santa, Israel é continuamente chamado a reverenciar o Senhor e honrar o lugar específico onde Ele escolhe para fazer habitar o Seu nome.

"...tomarás dos primeiros frutos da terra, que colherás da tua terra que o Senhor teu Deus te dá, e os porás num cesto, e irás ao lugar que o Senhor teu Deus escolher, para ali fazer habitar o seu nome." (Deuteronômio 26:2)

"E perante o Senhor teu Deus, no lugar que ele escolher para ali fazer habitar o seu nome, comerás o dízimo do teu trigo, do teu vinho e do teu azeite, e os primogênitos das tuas vacas e dos teus rebanhos, para que aprendas a temer o Senhor teu Deus todos os dias." (Deuteronômio 14:23)

Gerações depois, o Rei Davi conquistou Jerusalém e desejou construir uma estrutura permanente para a Arca da Aliança. Em resposta, Deus revelou que Jerusalém não seria apenas uma capital nacional comum. Deus não construiria apenas uma casa na terra para a glória do Seu nome, mas dali seria estabelecido um trono eterno.

"...o rei disse ao profeta Natã: 'Veja, eu moro numa casa de cedro, mas a arca de Deus mora numa tenda.'...Naquela mesma noite, a palavra do Senhor veio a Natã, dizendo: 'Vá e diga ao meu servo Davi: Assim diz o Senhor: Você me construiria uma casa para morar? Desde o dia em que tirei os israelitas do Egito até hoje, não tenho morado em casa alguma; antes, tenho andado em tendas, por causa da minha habitação. Em todos os lugares por onde andei com os israelitas, porventura falei alguma palavra com algum dos juízes de Israel, a quem ordenei que pastoreassem

o meu povo, dizendo: 'Por que vocês não me construíram uma casa de cedro?'... Ele [Salomão] construirá uma casa ao meu nome, e eu estabalecerei para sempre o trono do seu reino." (2 Samuel 7:2, 4-7, 13)

Deus planejou que Jerusalém fosse o centro da aliança, onde o Seu povo habitaria em segurança sob o Seu governo.

"E designarei um lugar para o meu povo Israel, e os plantarei, para que habitem no seu próprio lugar e não sejam mais perturbados." (2 Samuel 7:10)

Foi Salomão, filho de Davi, quem completou esta casa majestosa. Em sua dedicação, Deus deixou absolutamente claro que Jerusalém era o local exato, soberanamente escolhido, para o Seu nome.

"Eu, de fato, construí para você uma casa sublime, um lugar para você habitar para sempre." (1 Reis 8:13)

"Desde o dia em que tirei o meu povo Israel do Egito, não escolhi nenhuma cidade dentre todas as tribos de Israel para edificar a minha casa... mas escolhi Jerusalém para que o meu nome esteja ali..." (1 Reis 8:16)

"Mas eu escolhi Jerusalém para que o meu nome esteja ali, e escolhi Davi para governar o meu povo Israel." (2 Crônicas 6:6)

"Ao seu filho darei uma tribo, para que Davi, meu servo, tenha sempre uma lâmpada diante de mim em Jerusalém, a cidade que escolhi para ali fazer habitar o meu nome." (1 Reis 11:36)

Após a conclusão da estrutura física, a Arca da Aliança foi trazida para o local, e a glória de Deus validou visivelmente a sua autenticidade.

"E os sacerdotes trouxeram a arca da aliança do Senhor para o seu lugar, no santuário interior da casa, no Lugar Santíssimo, debaixo das asas dos querubins." (1 Reis 8:6-7)

"E quando os sacerdotes saíram do Lugar Santo, a nuvem encheu a casa do Senhor... porque a glória do Senhor encheu a casa do Senhor." (1 Reis 8:10-11)

Durante a dedicação, Salomão fez uma oração profunda que estabeleceu Jerusalém como o ponto focal supremo de devoção para a nação. O edifício físico não era o objeto de adoração, mas sim o que ele representava: o nome de Deus e a presença de Deus.

"...para que os vossos olhos estejam abertos noite e dia para esta casa, o lugar do qual dissestes: 'O meu nome estará ali'..." (1 Reis 8:29)

Salomão pediu que, sempre que o povo de Deus enfrentasse fome, doença, batalha ou mesmo cativeiro por causa de seus pecados, sua restauração viesse quando eles voltassem seus corações para Deus e orassem em direção a esta cidade específica. Daniel fez isso em Daniel 6:10. Além disso, Salomão declarou que esta casa foi criada para o mundo inteiro, para que estrangeiros também viessem e adorassem.

"Da mesma forma, quando um estrangeiro, que não é do teu povo Israel, vier de uma terra distante por causa do teu nome (pois ouvirão falar do teu grande nome, da tua mão poderosa e do teu braço estendido), quando vier e orar voltado para esta casa, ouve dos céus, lugar da tua habitação, e faz conforme tudo o que o estrangeiro te pedir, para que todos os povos da terra conheçam o teu nome e te temam, como o teu povo Israel, e para que saibam que esta casa que eu edifiquei é chamada pelo teu nome.

Se o teu povo sair à batalha contra o seu inimigo, seja qual for o caminho que os enviares, e eles orarem ao SENHOR voltados para a cidade que escolheste e para a casa que edifiquei ao teu nome, então ouve nos céus a sua oração e a sua súplica, e defende a sua causa.

Se pecarem contra ti — pois não há ninguém que não peque — e tu te irares com eles e os entregares nas mãos de um inimigo,

levando-os cativos para uma terra distante ou próxima, se eles se arrependerem na terra para onde foram levados cativos, e suplicarem a ti na terra dos seus captores... e orarem a ti voltados para a sua terra, que deste a seus pais, para a cidade que escolheste e para a casa que edifiquei ao teu nome, então ouve nos céus, lugar da tua habitação, a sua oração e a sua súplica, defende a sua causa e perdoa ao teu povo que pecou contra ti... Estejam abertos os teus olhos para a súplica do teu servo e para a súplica do teu povo Israel, e ouça-os sempre que clamarem a ti."
(1 Reis 8:41-45, 46-48, 49-50, 52)

Salomão observou especificamente que até mesmo as chuvas sobre a terra estavam ligadas à obediência do povo e à sua orientação em relação a este lugar sagrado.

"Quando o céu estiver fechado e não houver chuva por causa dos pecados que cometeram contra ti, se eles orarem voltados para este lugar, reconhecerem o teu nome e se converterem dos seus pecados, quando os afligires, então ouve dos céus e perdoa o pecado dos teus servos, do teu povo Israel, quando lhes ensinares o bom caminho que devem seguir, e concede chuva sobre a tua terra, que deste ao teu povo por herança." (1 Reis 8:35-36)

Concluindo sua grande oração, Salomão se levantou e abençoou a assembleia, confirmando que Deus havia sido inteiramente fiel às Suas promessas de conceder descanso à nação.

"Quando Salomão terminou de fazer toda a oração e súplica ao Senhor, levantou-se de diante do altar do Senhor, onde estava ajoelhado com as mãos estendidas para o céu. Então, em pé, abençoou toda a assembleia de Israel em alta voz, dizendo: 'Bendito seja o Senhor, que deu descanso ao seu povo Israel, conforme tudo o que prometeu. Nenhuma palavra falhou de todas as suas boas promessas, que ele falou por meio de Moisés, seu servo. Que o Senhor, nosso Deus, esteja conosco, como esteve

com nossos pais. Que ele não nos deixe nem nos abandone, para que incline o nosso coração para ele, para andarmos em todos os seus caminhos e guardarmos os seus mandamentos, os seus estatutos e os seus juízos, que ele ordenou a nossos pais. Sejam estas minhas palavras, que apresentei perante o Senhor, presentes dia e noite ao Senhor, nosso Deus. Que ele defenda a causa do seu servo e a causa do seu povo Israel, conforme cada dia exigir, para que todos os povos da terra saibam que o Senhor é Deus; não há outro..." (1 Reis) 8:54-60)

A importância especial do local foi então consolidada por uma impressionante demonstração de sacrifícios para consagrar o sítio (1 Reis 8:62-64).

Por meio dessa história majestosa, os Salmos celebram eternamente a escolha soberana de Jerusalém (Sião) como a cidade do Grande Rei. No futuro, será um lugar de repouso eterno, *"aqui habitarei"*.

"Porque o Senhor escolheu Sião; desejou-a para sua habitação: 'Este é o meu lugar de repouso para sempre; aqui habitarei, pois a desejei.'" (Salmo 132:13-14)

"Grande é o Senhor e digno de ser louvado na cidade do nosso Deus! O seu santo monte, belo em sua elevação, é a alegria de toda a terra; o monte Sião, no extremo norte, é a cidade do grande Rei." (Salmo 48:1-2)

Capítulo 14. A incapacidade de Israel de cumprir a aliança.

Apesar da sincera aceitação da lei por Israel no Sinai, Deus sabia desde o princípio que a natureza humana, sem o auxílio do Espírito, não poderia sustentar a aliança. O registro histórico e arqueológico de Israel é uma profunda demonstração da incapacidade da humanidade de alcançar a perfeição através da carne.

O próprio Deus lamentou essa realidade imediatamente após entregar a lei:

"Quem dera eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos sempre, para que tudo lhes corresse bem, a eles e a seus filhos, para sempre!"
(Deuteronômio 5:29)

Mais tarde, o apóstolo Paulo explicou a razão espiritual fundamental para esse fracasso:

"Porque a mentalidade da carne é inimiga de Deus, pois não se sujeita à lei de Deus, nem mesmo pode se sujeitar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus." (Romanos 8:7-8)

Antes mesmo de a nação entrar na Terra Prometida, Moisés os advertiu explicitamente sobre as consequências, prevendo os ciclos históricos exatos de idolatria que se seguiriam.

"E o SENHOR disse a Moisés: Eis que hás de te deitar com teus pais; e este povo se levantará, e se prostituirá com os deuses estrangeiros que estão no meio deles, na terra em que vão entrar; e me abandonarão, e quebrarão a minha aliança que fiz com eles." (Deuteronômio 31:16)

Esse ciclo de rebelião começou imediatamente no deserto. Enquanto Moisés ainda estava no monte recebendo a aliança, o povo se voltou para a idolatria.

"Então o Senhor disse a Moisés: Desce, porque o teu povo, que tiraste da terra do Egito, se corrompeu; depressa se desviaram do caminho que eu lhes ordenei; fizeram para si um bezerro de ouro e o adoraram..." (Êxodo 32:7-8)

Ao chegarem à fronteira de Canaã, rebelaram-se novamente, recusando-se a confiar na promessa de Deus de lhes dar a terra, o que resultou no julgamento de peregrinação.

"Porque todos aqueles homens que viram a minha glória e os meus sinais, que fiz no Egito e no deserto, e me tentaram estas dez vezes, e não deram ouvidos à minha voz, certamente não verão a terra que prometi sob juramento a seus pais..." (Números 14:22-23)

Após a morte de Josué, o registro histórico no livro de Juízes revela um ciclo trágico e repetitivo: rebelião, opressão, súplica e libertação temporária.

"Os filhos de Israel fizeram o que era mau aos olhos do Senhor e serviram a Baalins. Abandonaram o Senhor, Deus de seus pais, que os tirou da terra do Egito, e seguiram outros deuses... Contudo, o Senhor suscitou juízes que os livraram das mãos dos opressores. Mas eles não quiseram dar ouvidos aos seus juízes; antes, prostituíram-se com outros deuses e se prostraram diante deles. Depressa se desviaram do caminho que seus pais trilharam, obedecendo aos mandamentos do Senhor. Mas eles não o fizeram." (Juízes 2:11-12, 16-17)

Mesmo após o estabelecimento da monarquia e a construção do glorioso Templo em Jerusalém, a nação não conseguiu manter sua fidelidade. Tanto o reino do norte de Israel quanto o reino do sul de Judá acabaram entrando em colapso devido à idolatria sistêmica e intergeracional.

"Contudo, eles não quiseram ouvir, mas endureceram a cerviz, como a cerviz de seus pais, que não creram no Senhor seu Deus. Rejeitaram os seus estatutos, e a sua aliança que fizera com seus pais, e os seus testemunhos que lhes deu; e seguiram a vaidade, e se tornaram vãos, e foram atrás das nações que estavam ao redor deles... Também Judá não guardou os mandamentos do Senhor seu Deus, mas andou nos estatutos de Israel que eles mesmos fizeram. E o Senhor rejeitou toda a descendência de Israel, e a

afligiu, e a entregou nas mãos de saqueadores, até que a lançou fora da sua presença." (2 Reis 17:14-15, 19-20)

Deus enviou os profetas para documentar historicamente e condenar essa infidelidade, ilustrando a profundidade da quebra da aliança.

Isaías comparou a nação a filhos rebeldes.

*"Ouçam, ó céus, e deem ouvidos, ó terra, porque o Senhor falou:
'Criei filhos e os eduquei, mas eles se rebelaram contra mim.
O boi conhece o seu dono, e o jumento, a manjedoura do seu
senhor;
mas Israel não me conhece, o meu povo não entende.'"*

*Ai da nação pecadora, povo carregado de iniquidade,
descendência de malfeitores, filhos corruptos!
Abandonaram o Senhor, desprezaram o Santo de Israel,
afastaram-se completamente dEle. (Isaías 1:2-4)*

Jeremias parou nos portões do Templo para condenar a hipocrisia deles.

*"Mas eu lhes ordenei isto, dizendo: Obedeçam à minha voz, e eu
serei o seu Deus, e vocês serão o meu povo; andem em todos os
caminhos que eu lhes ordenei, para que tudo lhes corra bem. Mas
eles não me deram ouvidos, nem inclinaram os seus ouvidos;
antes, andaram segundo os conselhos e segundo a imaginação do
seu coração perverso, e retrocederam, e não avançaram."
(Jeremias 7:23-24)*

Ezequiel e Oséias usaram a metáfora contundente do adultério espiritual para descrever a busca de Israel por deuses e alianças estrangeiras, destacando a intimidade da aliança que Deus havia oferecido.

*"Mas confiaste na tua beleza e te prostituíste por causa da tua
fama, entregando-te aos prazeres de qualquer um que passasse; a
tua beleza tornou-se dele. ... Mulher adúltera, que recebe
estranhos em vez do seu marido!" (Ezequiel 16:15, 32)*

*“Ouçam a palavra do SENHOR, ó filhos de Israel,
pois o SENHOR tem uma contenda com os habitantes desta terra.
Não há fidelidade nem amor constante,
nem conhecimento de Deus nesta terra;
há juramento, mentira, assassinato, roubo e adultério;
eles transgridem todos os limites, e derramamento de sangue
segue derramamento de sangue.” (Oséias 4:1-2)*

A conclusão inescapável dessa história é que a lei condicional não conseguiu salvar a nação; ela apenas pôde destacar sua absoluta necessidade de graça. A lei era perfeitamente sagrada, mas a humanidade era profundamente falha.

"Que diremos, pois? É a lei pecado? De maneira nenhuma! Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por meio da lei; porque eu não teria conhecido a cobiça, se a lei não dissesse: Não cobiçarás... Portanto, a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom." (Romanos 7:7, 12)

O fracasso histórico de Israel representa o fracasso espiritual de toda a humanidade. A lei foi concebida para expor essa culpa universal, silenciando qualquer reivindicação humana de retidão.

“ Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, ela o diz aos que estão debaixo da lei, para que toda boca se cale e todo o mundo seja considerado culpado perante Deus. Porque pelas obras da lei ninguém será justificado diante dele, pois pela lei vem o conhecimento do pecado.” (Romanos 3:19-20)

Contudo, esse fracasso não invalidou o plano final de salvação de Deus. Pelo contrário, a estrita vigilância da lei e o registro histórico de sua transgressão serviram a um propósito divino e específico: conduzir a humanidade à Semente prometida.

“Então, por que a lei? Ela foi acrescentada por causa das transgressões, até que viesse o descendente a quem a promessa havia sido feita; e foi estabelecida por meio de anjos, mediante

intermédio de um anjo...

Mas a Escritura aprisionou todas as coisas debaixo do pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos que creem.

Ora, antes que viesse a fé, estávamos cativos da lei, aprisionados até que a fé vindoura fosse revelada.” Assim, a lei foi o nosso tutor até a vinda de Cristo, para que fôssemos justificados pela fé.

(Gálatas 3:19,22-24)

Capítulo 15. Exílio Assírio e Babilônico

A divisão histórica da nação acabou por levar à perda catastrófica da terra da aliança. O reino do norte de Israel foi o primeiro a cair, conquistado pelo Império Assírio devido à sua idolatria implacável.

No décimo segundo ano de Acaz, rei de Judá, Oseias, filho de Elá, começou a reinar em Samaria sobre Israel, e reinou nove anos. E fez o que era mau aos olhos do Senhor, mas não como os reis de Israel que o precederam. Contra ele subiu Salmaneser, rei da Assíria, e Oseias tornou-se seu servo e lhe pagou tributo. Mas o rei da Assíria descobriu a traição de Oseias, pois este enviara mensageiros a So, rei do Egito, e não oferecera tributo ao rei da Assíria, como fazia ano após ano. Por isso, o rei da Assíria o prendeu e o acorrentou na prisão. E o rei da Assíria invadiu toda a terra e chegou a Samaria, e por três anos a sitiou.

No nono ano de Oséias, o rei da Assíria conquistou Samaria e levou os israelitas cativos para a Assíria, instalando-os em Halah, às margens do rio Habor, o rio Gozã, e nas cidades dos medos.

Isso aconteceu porque o povo de Israel pecou contra o Senhor, seu Deus, que os havia tirado da terra do Egito, de debaixo da mão de Faraó, rei do Egito, e temeu outros deuses e andou nos costumes das nações que o Senhor expulsou de diante do povo de Israel... Desprezaram os seus estatutos, a aliança que fizera com

seus pais e as advertências que lhes dera... Portanto, o Senhor se irou muito contra Israel e os removeu da sua presença. Não restou ninguém, senão a tribo de Judá. (2 Reis 17:1-8, 15, 18)

Após o exílio de Israel, o rei da Assíria repovoou as cidades de Samaria com estrangeiros vindos da Babilônia, Cuta, Abba, Hamate e Sefarvaim. Esses novos habitantes criaram uma religião sincrética, temendo o SENHOR por medo dos leões locais, mas continuando a venerar suas próprias imagens esculpidas — uma prática que persistiu por gerações (2 Reis 17:24-41).

Apesar de ter testemunhado a queda do reino do norte, o reino do sul de Judá acabou seguindo o mesmo caminho de rebelião. Décadas depois, Deus permitiu que o Império Babilônico sitiase Jerusalém, resultando na destruição da cidade, na queima do Templo de Salomão e no exílio do povo.

"No nono ano do seu reinado, no décimo mês, no décimo dia do mês, Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio com todo o seu exército contra Jerusalém e a sitiou... No nono dia do quarto mês, a fome era tão severa na cidade que não havia comida para o povo da terra. Então, uma brecha foi aberta na cidade, e todos os homens de guerra fugiram durante a noite... Mas o exército dos caldeus perseguiu o rei e o alcançou nas planícies de Jericó, e todo o seu exército se dispersou. Então, capturaram o rei e o levaram até o rei da Babilônia em Ribla... Mataram os filhos de Zedequias diante de seus olhos, vazaram os olhos de Zedequias, acorrentaram-no e o levaram para a Babilônia."

No quinto mês, no sétimo dia do mês... Nebuzaradã, capitão da guarda, servo do rei da Babilônia, chegou a Jerusalém. E incendiou a casa do Senhor, a casa do rei e todas as casas de Jerusalém... E todo o exército dos caldeus, que estava com o capitão da guarda, derrubou os muros ao redor de Jerusalém. E o restante do povo que havia ficado na cidade, e os desertores que

havam desertado para o lado do rei da Babilônia, juntamente com o restante da multidão, Nebuzaradã, o capitão da guarda, levou para o exílio. Mas o capitão da guarda deixou alguns dos mais pobres da terra para serem vinhateiros e lavradores... Assim, Judá foi levada para o exílio para fora da sua terra." (2 Reis 25:1-7, 8-12, 21b)

O profeta Ezequiel explicou vividamente que essa remoção violenta da terra foi a consequência direta da nação ter profanado a geografia da aliança. Contudo, em meio a esse julgamento, Deus prometeu uma restauração futura para a glória do Seu santo nome.

"Filho do homem, quando a casa de Israel habitava na sua própria terra, eles a contaminaram com os seus próprios caminhos e com as suas obras... Por isso derramei a minha fúria sobre eles por causa do sangue que derramaram sobre a terra e por causa dos ídolos com os quais a contaminaram; e os espalhei entre as nações, e eles foram dispersos pelas terras... Mas tive compaixão do meu santo nome, que a casa de Israel profanou entre as nações para onde foram... Porque eu vos tirarei dentre as nações, e vos congregarei de todas as terras, e vos trarei para a vossa própria terra. Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados... Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo... E habitareis na terra que dei a vossos pais; e sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus." (Ezequiel 36:17-19, 21, 24-26a, 28)

Essa promessa de restauração não era uma esperança indefinida; Deus estabeleceu um cronograma preciso de setenta anos para o exílio babilônico, garantindo que Seu povo retornaria à cidade escolhida.

"Toda esta terra se tornará em ruínas e desolação, e estas nações servirão ao rei da Babilônia por setenta anos. Depois que se completarem os setenta anos, castigarei o rei da Babilônia e

aquela nação, a terra dos caldeus, por sua iniquidade, declara o SENHOR, tornando a terra uma desolação eterna.” (Jeremias 25:11-12)

"Pois assim diz o Senhor: Quando se completarem os setenta anos da Babilônia, eu os visitarei, cumprirei a minha promessa e os trarei de volta a este lugar. Porque eu sei os planos que tenho para vocês", declara o Senhor, "planos de bem e não de mal, para lhes dar um futuro e uma esperança. Então vocês me invocarão, virão orar a mim, e eu os ouvirei. Vocês me procurarão e me acharão, quando me procurarem de todo o coração. Eu me deixarei ser encontrado por vocês", declara o Senhor, "e restaurarei a sua sorte, e os reunirei de todas as nações e de todos os lugares para onde os exilei", declara o Senhor, "e os trarei de volta ao lugar de onde os exilei". (Jeremias 29:10-14)

Mesmo no exílio, vislumbravam-se alguns sinais dessa esperança vindoura. O capítulo conclui com um sutil sinal da aliança duradoura de Deus com a casa de Davi, quando o rei exilado Joaquim recebe uma graça inesperada.

"No trigésimo sétimo ano do exílio de Joaquim, rei de Judá... Maligno-Merodaque, rei da Babilônia, no ano em que começou a reinar, libertou Joaquim, rei de Judá, e o tirou da prisão. E falou-lhe bondosamente e deu-lhe um assento acima dos assentos dos reis que estavam com ele na Babilônia. Então Joaquim tirou as suas vestes de prisioneiro e, todos os dias da sua vida, comia regularmente à mesa do rei... até o dia da sua morte, enquanto viveu." (2 Reis 25:27-30)

Capítulo 16. Retorno e Reconstrução – Esdras e Neemias

O retorno do exílio babilônico não foi um acidente da história geopolítica, mas o cumprimento preciso da profecia divina. Antes mesmo do exílio ocorrer, Deus havia nomeado explicitamente o rei persa que facilitaria o retorno e a reconstrução da cidade escolhida.

"Assim diz o Senhor a respeito de Ciro: Ele é o meu pastor, e cumprirá toda a minha vontade; e dirá a Jerusalém: Tu serás edificada; e ao templo: Os teus alicerces serão lançados. Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater nações diante dele; e desatarei os lombos dos reis, e abrirei diante dele as portas de duas folhas, e as portas não se fecharão;" (Isaías 44:28-45:1)

Décadas mais tarde, essa mesma profecia tornou-se realidade histórica quando o Império Persa conquistou a Babilônia.

"No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, anunciada por Jeremias, o Senhor despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, de modo que ele fez proclamar em todo o seu reino e também por escrito, dizendo: 'Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de construir para ele um templo em Jerusalém, que fica em Judá. Todo aquele que dentre vós pertence ao seu povo, que o seu Deus seja com ele! Suba a Jerusalém, que fica em Judá, e reconstrua o templo do Senhor, Deus de Israel; ele é o Deus que está em Jerusalém. E cada sobrevivente, onde quer que peregrine, seja auxiliado pelos homens do seu lugar com prata e ouro, com bens e com animais, além de ofertas voluntárias para o templo de Deus que está em Jerusalém.'" (Esdras 1:1-4)

Ao retornar à terra prometida, a prioridade imediata foi a restauração do Templo em Jerusalém. Quando os alicerces foram finalmente lançados, foi um momento de profunda adoração nacional, reconhecendo a fidelidade eterna da aliança de Deus.

"E eles cantaram em uníssono, louvando e dando graças ao Senhor, dizendo: 'Porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre para com Israel.' E todo o povo gritou com grande júbilo, louvando ao Senhor, porque os alicerces da casa do Senhor foram lançados." (Esdras 3:11)

Apesar da significativa oposição, os exilados que retornaram perseveraram, encorajados pelos profetas, até que a estrutura física do santuário estivesse completa.

"Os anciãos dos judeus edificaram e prosperaram por causa das profecias de Ageu, o profeta, e de Zacarias, filho de Ido. Terminaram a sua construção por decreto do Deus de Israel e por decreto de Ciro, Dario e Artaxerxes, rei da Pérsia; e este templo foi concluído no terceiro dia do mês de Adar, no sexto ano do reinado de Dario, rei dos persas." (Esdras 6:14-15)

Contudo, a própria cidade de Jerusalém permanecia vulnerável e em ruínas. Décadas mais tarde, Neemias, servindo na corte persa, lamentou a condição da cidade. Ele fundamentou sua oração pela restauração diretamente nas antigas promessas da aliança dadas por meio de Moisés, suplicando a Deus que reunisse seus exilados de volta ao lugar escolhido para o Seu nome.

"Lembra-te da palavra que ordenaste ao teu servo Moisés, dizendo: 'Se fordes infiéis, eu vos espalharei entre os povos; mas, se vos converterdes a mim, e guardardes os meus mandamentos e os cumprirdes, ainda que os vossos deserdados estejam nos confins do céu, de lá vos reunirei e vos trarei para o lugar que escolhi, para ali fazer habitar o meu nome.'" (Neemias 1:8-9)

Ao receber permissão para retornar, Neemias reuniu o povo para restaurar a segurança física da cidade da aliança.

"Então eu lhes disse: 'Vocês veem a dificuldade em que nos encontramos: Jerusalém está em ruínas, com seus portões queimados. Venham, vamos reconstruir o muro de Jerusalém,

para que não sejamos mais motivo de chacota.' E lhes contei como a mão do meu Deus havia estado sobre mim para o bem, e também as palavras que o rei me havia dito. E eles disseram: 'Vamos nos levantar e reconstruir.' Assim, fortaleceram as suas mãos para a boa obra." (Neemias 2:17-18)

Contudo, mesmo enquanto reconstruíam os muros e o Templo, a realidade histórica de seu fracasso espiritual permaneceu um fardo pesado. Durante um grande período de confissão nacional, os líderes reconheceram que, mesmo tendo possuído a plenitude da terra, haviam falhado em cumprir a aliança.

"Mesmo no seu próprio reino, em meio à grande bondade que lhes concedeste e na terra vasta e fértil que lhes puseste, não te serviram nem se converteram das suas más obras." (Neemias 9:35)

Essa luta contínua aponta para uma realidade mais profunda sobre a nação. Os Salmos identificam intimamente o povo de Israel não apenas como cidadãos de uma terra, mas como um rebanho pertencente a Deus.

"Pois ele é o nosso Deus, e nós somos o povo do seu pasto e as ovelhas do seu rebanho." (Salmos 95:7)

Apesar do retorno físico e dos esforços de reconstrução de Esdras e Neemias, a restauração espiritual ficou incompleta. Nos séculos que se seguiram a essa era, a nação enfrentaria mais turbulências, levando mais uma vez à dispersão das ovelhas.

Capítulo 17. Restauração Profética

Apesar dos fracassos históricos de Israel, da violação da aliança condicional e do subsequente exílio, as escrituras proféticas prometiam consistentemente uma restauração futura e permanente. Os profetas declararam que, embora a nação fosse expulsa por seus pecados, o plano final de Deus envolvia uma reunião tão profunda que eclipsaria completamente a memória histórica do Êxodo original do Egito.

"Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que não se dirá mais: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito; mas: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do norte e de todas as terras para onde os havia lançado; e os farei voltar à sua terra, que dei a seus pais." (Jeremias 16:14-15)

Essa futura reunião está intrinsecamente ligada à chegada de um Rei justo da linhagem de Davi, sob cujo reinado soberano a nação finalmente viverá em segurança permanente.

"Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e reinará um rei, e prosperará, e executará juízo e justiça na terra. Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o seu nome, com que será chamado: O SENHOR, JUSTIÇA NOSSA. Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que não se dirá mais: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito; mas: Vive o Senhor, que fez subir e que guiou a descendência da casa de Israel da terra do norte e de todas as terras para onde os tinha lançado; e habitarão na sua própria terra." (Jeremias 23:5-8)

Isaías descreve essa futura restauração global como Deus estendendo a Sua mão "uma segunda vez" para recuperar um remanescente de toda a terra, iniciado pela atração dos gentios à "raiz de Jessé".

"Naquele dia, a raiz de Jessé se erguerá como um estandarte para os povos; as nações a buscarão, e o seu repouso será glorioso. Naquele dia, o Senhor estenderá a sua mão pela segunda vez

para resgatar o remanescente do seu povo que ainda estiver por vir... Ele levantará um estandarte para as nações, reunirá os exilados de Israel e ajuntará os dispersos de Judá desde os quatro cantos da terra." (Isaías 11:10-12)

Ezequiel apresenta a razão para essa restauração: Deus reunirá a nação não por causa de sua própria justiça, mas para vindicar e santificar o Seu santo nome entre as nações. Para garantir o sucesso permanente desse retorno, a reunião física deve ser acompanhada por uma transformação espiritual interna: uma nova realidade da aliança.

"Mas eu tive compaixão do meu santo nome, que a casa de Israel profanou entre as nações para onde foram... Porque eu vos tirarei dentre as nações, e vos congregarei de todas as terras, e vos trarei para a vossa própria terra. Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis." (Ezequiel 36:21, 24-27)

Essa ressurreição nacional e espiritual é ilustrada de forma dramática pela visão de Ezequiel do vale dos ossos secos, que simboliza o renascimento milagroso de uma nação que historicamente parecia morta e sem esperança.

"Então ele me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel; eis que dizem: Os nossos ossos estão secos, e a nossa esperança, perdida; estamos exterminados. Portanto, profetiza e dize-lhes: Assim diz o Senhor DEUS: Eis que abrirei os vossos sepulcros, e vos farei sair dos vossos sepulcros, e vos trarei à terra de Israel... E porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos porei na vossa própria terra; então sabereis que eu, o SENHOR, o disse, e o cumpri, diz o SENHOR." (Ezequiel 37:11-12, 14)

O retorno físico (Deuteronômio 30) e a renovação espiritual (Jeremias 31) formam o núcleo dessa esperança profética.

"E quando todas estas coisas vierem sobre vocês, a bênção e a maldição que coloquei diante de vocês, e vocês as lembrarem entre todas as nações para onde o SENHOR, o seu Deus, os tiver lançado..."

Então o SENHOR, teu Deus, te restaurará a sorte, terá misericórdia de ti e te reunirá de todos os povos para onde o SENHOR, teu Deus, te dispersou." (Deuteronômio 30:1, 3)

"Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá... Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo." (Jeremias 31:31, 33)

Amós 9:11-15 declara que esta restauração final envolverá a reconstrução da dinastia caída de Davi e culminará em um estabelecimento eterno na terra da aliança, da qual eles nunca mais serão desarraigados.

"Naquele dia, levantarei a tenda caída de Davi, e repararei as suas brechas; e restaurarei as suas ruínas, e a edificarei como nos dias da antiguidade... E os plantarei na sua terra, e nunca mais serão arrancados da sua terra que lhes dei, diz o Senhor teu Deus." (Amós 9:11, 15)

Zacarias 12-14 apresenta o clímax dessa restauração nacional, descrevendo uma libertação final de Jerusalém acompanhada por um profundo despertar espiritual nacional, culminando no reinado físico do Senhor sobre a terra.

"Derramarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém o espírito de graça e de súplicas; olharão para mim, aquele a quem traspassaram, e prantearão por ele, como quem

pranteia por um filho unigênito... E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia haverá um só Senhor, e o seu nome será um só.” (Zacarias 12:10; 14:9)

Capítulo 18. A Nova Aliança

O fracasso histórico da aliança do Sinai não esgotou o plano redentor de Deus para Israel. Por meio do profeta Jeremias, Deus prometeu explicitamente a instituição de uma "nova aliança". Diferentemente da lei condicional escrita em tábuas de pedra, essa nova aliança seria definida por uma transformação espiritual interna, na qual o próprio Deus escreveria Sua lei diretamente nos corações do Seu povo, assegurando o perdão permanente.

“Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que farei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá, não como a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito; a minha aliança que eles invalidaram, embora eu fosse o seu marido, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. E não ensinará mais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR; porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior, diz o SENHOR. Porque lhes perdoarei a sua iniquidade, e não me lembrarei mais dos seus pecados.” (Jeremias 31:31-34)

Deus queria que Israel soubesse que Sua aliança era absolutamente inquebrável. Para deixar isso claro, Ele vinculou sua permanência às próprias leis da natureza. Em outras palavras, Israel só deixaria de ser Seu povo se o próprio universo parasse de funcionar — se as estrelas se desorganizassem ou se alguém conseguisse medir completamente

as profundezas da Terra. Como essas coisas são impossíveis, Sua promessa é certa e eterna.

Assim diz o SENHOR,

que dá o sol para iluminar o dia e a ordem fixa da lua e das estrelas para iluminar a noite, que agita o mar para que as suas ondas bramem — o SENHOR dos Exércitos é o seu nome:

“Se esta ordem fixa se afastar de diante de mim, declara o SENHOR

,

então a descendência de Israel deixará de ser uma nação diante de mim para sempre.”

Assim diz o SENHOR :

“Se os céus acima puderem ser medidos, e os fundamentos da terra abaixo puderem ser explorados, então rejeitarei toda a descendência de Israel por tudo o que fizeram”, declara o SENHOR . (Jeremias 31:35-37)

Essa promessa específica de uma lei internalizada e da completa purificação da iniquidade encontra paralelo direto nas profecias de Ezequiel. Ezequiel esclarece que essa transformação será realizada pela dádiva de um "novo espírito", que removerá a natureza obstinada da carne e possibilitará a verdadeira obediência aos estatutos de Deus.

"Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos e os observeis." (Ezequiel 36:25-27)

O Novo Testamento identifica a chegada de Jesus como a ativação histórica dessa promessa profética. Na Última Ceia, na véspera de sua

crucificação, Jesus conectou explicitamente sua iminente morte sacrificial à inauguração da nova aliança de Jeremias.

"Da mesma forma, depois da ceia, tomou-se o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado por vós." (Lucas 22:20) (Nota: A palavra grega traduzida como "testamento" aqui é idêntica à palavra para "aliança" usada em todo o Novo Testamento).

O autor da Epístola aos Hebreus oferece a explicação teológica definitiva dessa transição, citando Jeremias 31 extensamente para demonstrar que a nova aliança mediada por Jesus substitui fundamentalmente a antiga aliança do Sinai.

"Mas agora ele alcançou um ministério ainda mais excelente, por ser mediador de uma aliança superior, que foi estabelecida sobre promessas superiores. Porque, se a primeira aliança fosse perfeita, não haveria necessidade de uma segunda... Ao dizer: Nova aliança, ele tornou antiga a primeira. Ora, aquilo que se torna obsoleto e envelhece está prestes a desaparecer." (Hebreus 8:6-7, 13)

O livro de Hebreus explica ainda que, como esta nova aliança proporciona remissão absoluta dos pecados — tal como Jeremias profetizou — os sacrifícios físicos contínuos e repetitivos da antiga aliança já não são necessários. A transformação interior foi assegurada por um único sacrifício perfeito.

"Esta é a aliança que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as minhas leis nos seus corações e as escreverei nas suas mentes; e dos seus pecados e das suas iniquidades não me lembrarei mais. Ora, onde há remissão destes, já não há mais oferta pelo pecado." (Hebreus 10:16-18)

Capítulo 19. O Ministério de Jesus em Israel

A chegada histórica da Semente prometida à terra da aliança é apresentada pelos evangelistas como o cumprimento de muitas profecias e promessas. Jesus de Nazaré, nascido em Belém, conforme Miquéias 5:2, era o herdeiro direto e legítimo, descendente físico das alianças feitas com Abraão e Davi (Mateus 1:1). Contudo, apesar de cumprir sinais proféticos precisos, Jerusalém e sua elite religiosa, em sua maioria, rejeitaram a autoridade de Jesus. O Evangelho de João resume isso de forma simples.

"Ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam." (João 1:11)

Apesar dessa rejeição, Jesus deixou absolutamente claro que Sua vinda não anulava a história da aliança, mas sim cumpria seu plano preciso e intencionado. Ele não veio para destruir a Lei dada no Sinai ou as palavras dos Profetas, mas para cumprir perfeitamente seus preceitos.

"Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, nem um jota, nem um til se omitirá da Lei, sem que tudo se cumpra." (Mateus 5:17-18)

Ao longo do Evangelho de Mateus, esse cumprimento é meticulosamente documentado. Jesus é continuamente apresentado como o legítimo Rei da linhagem de Davi (Mateus 9:27) e o cumprimento das antigas profecias (Mateus 1:22, 2:15, 2:23). Seu ministério envolve provar Sua autoridade divina sobre a terra e seus elementos por meio de milagres (Mateus 8:27), mas Ele enfrenta uma hostilidade implacável e crescente dos escribas e fariseus de Jerusalém (Mateus 15:1, 16:21).

Embora Ele honre perfeitamente a Lei (Mateus 5:17), os líderes conspiram para condená-Lo (Mateus 26:3-4). Isso eventualmente O leva à Páscoa em Jerusalém, onde Ele é crucificado (Mateus 27:35), apenas para ressuscitar dos mortos e comissionar Seus seguidores a

levar a mensagem do reino muito além das fronteiras geográficas de Israel (Mateus 28:18-20).

Perto do fim de seu ministério, Jesus estava olhando para a cidade escolhida. Sabendo da destruição que eventualmente cairia sobre ela devido à sua rejeição aos profetas, Ele ofereceu um lamento comovente sobre Jerusalém, declarando sua casa física desolada até um futuro dia de arrependimento nacional.

"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Porque eu vos digo que não me vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!" (Mateus 23:37-39)

O Evangelho de João narra o ministério de Jesus com foco específico em suas frequentes visitas a Jerusalém para as festas nacionais (João 2:13, 5:1, 7:2, 10:22). No livro de João, Jerusalém serve como centro tanto da revelação divina quanto de intensos conflitos.

Durante as festas, Jesus permanece no Templo e declara ser o cumprimento final do que essas cerimônias físicas representam: Ele é o verdadeiro Templo (João 2:19-21), a água viva (João 7:37-38) e a luz do mundo (João 8:12). Enquanto as autoridades religiosas em Jerusalém conspiram para matá-lo (João 11:47-53), Jesus é identificado como o perfeito Cordeiro Pascal (João 1:29) que voluntariamente entrega a sua vida pelas ovelhas (João 10:17-18).

Por ser o cumprimento da Lei e do Templo, Jesus declarou que a adoração a Deus não estaria mais limitada a uma geografia física específica. A aliança estava passando de um centro geográfico para uma realidade espiritual.

Jesus disse a ela: "Mulher, acredite em mim, está chegando a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte nem em Jerusalém. Vocês adoram o que não conhecem; nós adoramos o

que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. Mas está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São esses os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade." (João 4:21-24)

Após Sua morte e ressurreição, Jesus provou aos Seus discípulos que tudo o que estava escrito nas Escrituras apontava diretamente para Ele (Lucas 24:27). Agora que a obra da salvação estava concluída, a mensagem do perdão e da redenção estava pronta para ser proclamada ao mundo inteiro... a partir de Jerusalém (Joel 2:32, Isaías 46:13, Isaías 59:20, Isaías 2:2-3, Zacarias 9:9).

"Então ele lhes disse: 'São estas as palavras que eu lhes falei enquanto ainda estava com vocês: era necessário que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.' Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras e lhes disse: 'Assim está escrito: que o Cristo padeceria e ressuscitaria ao terceiro dia; e que em seu nome se pregaria o arrependimento para remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vocês são testemunhas destas coisas.'" (Lucas 24:44-47)

Capítulo 20. Jerusalém como Centro Redentor

O plano de Deus para redimir a humanidade foi concluído em Jerusalém, tornando-a o centro geográfico de onde a mensagem da salvação flui até os confins da terra.

"E disse-lhes: Assim está escrito: que o Cristo padeceria e ressuscitaria ao terceiro dia dentre os mortos, e que em seu nome se pregasse o arrependimento para remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém." (Lucas 24:46-47)

Essa redenção exigia um cumprimento geográfico específico. O autor de Hebreus observa que Jesus foi crucificado nos arredores de Jerusalém para cumprir a tipologia física da oferta pelo pecado levítica. *"Assim também Jesus sofreu fora da porta da cidade, para santificar o povo pelo seu próprio sangue"* (Hebreus 13:12).

Jerusalém não foi apenas o altar onde o Cordeiro de Deus foi oferecido, mas também o palco de Sua vindicação. A mesma cidade que testemunhou Sua morte tornou-se o lugar onde o poder da ressurreição irrompeu, confirmando-O como o Rei prometido de Sião. A ressurreição corporal em Jerusalém validou os antigos decretos concernentes ao Rei de Sião, como declarou o apóstolo Pedro: *"Mas Deus o ressuscitou, rompendo os laços da morte, porque ela não podia reter-o"* (Salmo 16:10; Atos 2:24).

Consequentemente, Pedro ligou explicitamente o sofrimento físico do Messias em Jerusalém à oferta imediata de perdão global: *"Mas Deus cumpriu assim o que havia predito pela boca de todos os profetas: que o seu Cristo haveria de padecer. Arrependam-se, pois, e convertam-se, para que os seus pecados sejam apagados"* (Atos 3:18-19). Através da obra consumada de Jesus na cruz, Jerusalém agora pode ser chamada de *"cidade fiel"* (Zacarias 8:3), porque Deus venceu a morte por nós (Isaías 25:8).

Além disso, a ativação da Nova Aliança exigia o poder do Espírito Santo, que Deus soberanamente ordenou que ocorresse somente em Jerusalém, pois Jesus os instruiu explicitamente a esperar em Jerusalém por esse evento preciso (Atos 1:4-5). A descida do Espírito no Dia de Pentecostes (Shavuot) ficou permanentemente ancorada à cidade: *"E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem"* (Atos 2:4).

Essa manifestação divina transformou os discípulos em testemunhas imparáveis e unidas.

"Mas receberão poder quando o Espírito Santo vier sobre vocês, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra." (Atos 1:8)

Essa missão se concretizou quando os apóstolos levaram a mensagem aos gentios. O apóstolo Paulo mostrou posteriormente que Jerusalém era a base (quartel-general) de sua missão: "de modo que, desde Jerusalém e arredores até a Ilíria, completei o ministério do evangelho de Cristo" (Romanos 15:19).

Da cruz vicária do lado de fora de seus portões ao Espírito derramado dentro de seus muros, Jerusalém permanece para sempre como o inegável centro redentor da história da humanidade.

"Como são belos sobre os montes os pés do que traz boas novas, que anuncia a paz... que diz a Sião: 'O seu Deus reina!'" (Isaías 52:7).

Capítulo 21. A Jornada Histórica de Israel

Para compreender plenamente a magnitude dos textos proféticos, é preciso entender a abrangente trajetória histórica da nação de Israel. Israel atingiu o auge de seu poder e paz sob os reinados do Rei Davi e do Rei Salomão (2 Samuel 8:15; 1 Reis 4:24-25), período durante o qual o primeiro Templo foi construído em Jerusalém (1 Reis 6:1-2). Contudo, guerras civis posteriores dividiram a nação em reino do norte (Israel) e reino do sul (Judá) (1 Reis 12:16-17).

Devido à idolatria persistente e à infidelidade à aliança (2 Reis 17:7-8), ambos os reinos foram eventualmente conquistados por impérios estrangeiros — Israel pela Assíria (cerca de 722 a.C.) (2 Reis 17:6) e Judá pela Babilônia (cerca de 586 a.C.) (2 Reis 25:1-11). Após os 70 anos profetizados de cativeiro babilônico (Jeremias 29:10), um remanescente fiel retornou sob a liderança de Zorobabel, Esdras e

Neemias para reconstruir a cidade e o Templo (Esdras 1:1-3; Neemias 2:11-18).

Apesar dos séculos subsequentes de domínio opressivo grego e romano (Daniel 8:21-25), Israel preservou milagrosamente sua identidade nacional, religiosa e étnica. Contudo, após a rejeição institucional de Jesus como o Messias, as legiões romanas sitiaram Jerusalém em 70 d.C. (Lucas 19:43-44). A cidade e o Segundo Templo foram completamente destruídos, e os judeus sobreviventes foram dispersos pelo mundo em um fenômeno conhecido como Diáspora (Lucas 21:24).

Séculos antes, Moisés havia advertido explicitamente a nação sobre essa mesma punição caso abandonassem a aliança, descrevendo vividamente os horrores de uma dispersão global onde não encontrariam paz:

“Antes vocês eram tão numerosos como as estrelas do céu, agora serão poucos em número, porque não obedeceram à voz do Senhor, o seu Deus.” (Deuteronômio 28:62)

“O Senhor vos espalhará entre todos os povos, desde uma extremidade da terra até a outra; ali servireis a outros deuses, de madeira e de pedra, que nem vós nem vossos pais conheceram. Entre essas nações não encontrareis descanso, nem lugar de repouso para a planta dos vossos pés; o Senhor vos dará ali um coração trêmulo, olhos cansados e uma alma abatida; a vossa vida estará em perigo constante; noite e dia vivereis em pavor, sem nenhuma segurança da vossa vida.” (Deuteronômio 28:64-66)

Por quase dois mil anos, muitos observadores presumiram erroneamente que essa dispersão marcava o fim permanente de Israel. Ignorando a abundância de profecias explícitas sobre um futuro reagrupamento (Isaías 11:11-12), alguns teólogos se apropriaram indevidamente dessas promessas, alegorizando-as e aplicando-as

exclusivamente à Igreja (uma doutrina conhecida como teologia da substituição).

Contudo, uma leitura rigorosa das Escrituras refuta isso (Romanos 11:1-2). O renascimento físico e geopolítico do Estado de Israel em 1948 representa uma anomalia histórica sem paralelo e o início definitivo do cumprimento da promessa de Deus de reunir o Seu povo (Isaías 66:8; Ezequiel 37:21). Nenhuma civilização ou nação na história da Terra jamais experimentou tamanha convulsão, dispersão e reagrupamento.

Para contextualizar essa jornada, a história bíblica pode ser dividida em eras distintas e sucessivas:

Os Patriarcas (Gênesis 12–50): A era fundacional. Deus chama Abraão, estabelece as alianças incondicionais da terra e da semente (Gênesis 15:18) e as reafirma por meio de Isaque e Jacó (cujo nome é mudado para Israel) (Gênesis 35:10-12). A era termina com a família de Israel migrando para o Egito para escapar da fome (Gênesis 46).

Egito (Êxodo 1–12): O período de incubação e escravidão. A família se multiplica, tornando-se uma nação numerosa, mas é submetida à brutal servidão egípcia por 400 anos (Gênesis 15:13), culminando na libertação milagrosa de Deus por meio de Moisés e da Páscoa (Êxodo 12).

O Deserto (Êxodo–Deuteronômio): A era da Lei. Após mais de 40 anos de peregrinação no deserto do Sinai (Números 14:33), a nação recebe a Torá, o sacerdócio e o tabernáculo, sendo forjada em um povo distinto e santo, unido pela Aliança Mosaica (Êxodo 19-20).

Conquista (Josué): O cumprimento inicial da promessa da terra. Sob a liderança militar de Josué, os israelitas atravessam o rio Jordão (Josué 3), derrotam as fortalezas cananeias e dividem a Terra Prometida entre as doze tribos (Josué 13-21).

Os Juízes : Um ciclo caótico de vários séculos de apostasia nacional, opressão estrangeira, arrependimento e libertação divina através de líderes militares regionais (juízes) antes do estabelecimento de uma monarquia centralizada (Juízes 2:16-19).

O Reino Unido (1 Samuel–1 Reis 11): A era de ouro da soberania de Israel. Saul serve como o primeiro rei (1 Samuel 10), seguido por Davi (que assegura as fronteiras e conquista Jerusalém) (2 Samuel 5) e Salomão (que constrói o primeiro templo glorioso e expande a riqueza do império) (1 Reis 6).

O Reino Dividido (1 Reis 12–2 Reis): Após a morte de Salomão, a nação se fragmenta (1 Reis 12:16). As dez tribos do norte formam "*Israel*" (capital: Samaria) e rapidamente caem na idolatria total. As duas tribos do sul formam "*Judá*" (capital: Jerusalém), preservando a linhagem davídica, mas lutando contra a inconsistência na fidelidade.

O Exílio (2 Reis 17, 25): A era do julgamento divino. A Assíria conquista o reino do norte, dispersando seu povo (2 Reis 17:23). Mais de um século depois, a Babilônia conquista Judá, destrói o Templo de Salomão e deporta a população para a Babilônia por 70 anos (2 Reis 25; 2 Crônicas 36:20-21).

O Retorno (Esdras–Neemias): O Império Persa conquista a Babilônia e permite que os exilados judeus retornem à sua terra natal (Esdras 1). Apesar da forte oposição, eles reconstroem o Templo (sob a liderança de Zorobabel) (Esdras 6) e os muros de Jerusalém (sob a liderança de Neemias) (Neemias 6), restaurando a Torá como o centro de sua sociedade.

A Era do Segundo Templo (Malaquias aos Evangelhos): O período intertestamentário de 400 anos. Enquanto a voz profética silencia, a nação sobrevive à conquista de Alexandre, o

Grande, e à severa perseguição sob os governantes greco-sírios, acabando por cair sob a pesada ocupação do Império Romano.

O Messias Aparece (Mateus–João): Nesse cenário do primeiro século, repleto de conflitos e divisões espirituais, Jesus de Nazaré chega (Gálatas 4:4). Ele cumpre as antigas profecias, anuncia o Reino (Marcos 1:15) e oferece o sacrifício supremo pelo pecado (João 1:29), levando ao nascimento explosivo da Igreja primitiva (Atos 2) e preparando o terreno para a dramática dispersão de 70 d.C.

Embora a cronologia dos Patriarcas aos Apóstolos abranja milhares de anos, a súbita reconstituição moderna do Estado de Israel, após quase 2.000 anos de diáspora, serve como uma ponte inegável para o futuro. Ela se apresenta como um sinal geopolítico global de que os "*tempos dos gentios*" estão chegando ao fim (Lucas 21:24), sinalizando ao mundo que as antigas profecias concernentes à redenção final de Jerusalém estão se aproximando rapidamente de seu cumprimento previsto.

Capítulo 22. Jesus e Israel

Quando chegou a hora do nascimento de Jesus, a continuidade histórica da aliança davídica foi imediatamente reafirmada. O anjo Gabriel anunciou a Maria:

"Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim" (Lucas 1:32-33).

Essa promessa de um reino literal e governante sobre Israel foi um tema constante no ministério de Jesus. Ele disse explicitamente aos seus discípulos que eles participariam desse futuro governo sobre as tribos específicas da nação:

"E eu vos designo um reino, assim como meu Pai me designou, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos senteis em tronos, para julgar as doze tribos de Israel." (Lucas 22:29-30)

"E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, na regeneração, quando o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vós vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel." (Mateus 19:28)

Como Jesus sempre afirmou essa realidade, a pergunta final dos discípulos antes de Sua ascensão foi inteiramente focada no momento dessa restauração nacional. Jesus não negou a expectativa do reino em si, mas apenas esclareceu que o momento era reservado pelo Pai:

"Quando se reuniram, perguntaram-lhe: 'Senhor, restaurarás neste tempo o reino a Israel?' Ele respondeu: 'Não vos compete saber os tempos ou as épocas que o Pai reservou para a sua própria autoridade.'" (Atos 1:6-7)

Desde a sua infância, Jesus foi identificado como o cumprimento do propósito final de Israel. Quando foi apresentado no Templo, Simeão o reconheceu como uma revelação global e uma coroa nacional: "Uma luz para iluminar os gentios e para a glória do teu povo Israel" (Lucas 2:32).

Contudo, o estado espiritual da nação na época era fragmentado. O profeta Isaías comparou Israel a ovelhas desgarradas (Isaías 53:6). Reconhecendo essa realidade, Jesus olhou para as multidões com

profunda compaixão, vendo-as como *"ovelhas sem pastor"* (Mateus 9:36).

Por isso, Jesus inicialmente concentrou seu ministério terreno estritamente dentro das fronteiras e do povo de Israel. Ele instruiu especificamente seus discípulos:

"Mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel." (Mateus 10:6)

Mesmo quando uma mulher cananeia implorou por cura, Jesus respondeu inicialmente definindo os parâmetros estritos de sua missão terrena: *"Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel"* (Mateus 15:24).

Os escritores do Novo Testamento estabelecem meticulosamente que Jesus não pode ser dissociado de sua identidade histórica e genealógica como o Messias judeu. Seu direito legal ao trono e seu papel como cumpridor das promessas patriarcais são fundamentais para a sua identidade.

"Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão." (Mateus 1:1)

"Vocês adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus." (João 4:22)

"Digo, pois, que Jesus Cristo foi ministro da circuncisão para trazer a verdade a Deus, confirmando as promessas feitas aos pais." (Romanos 15:8)

Para demonstrar que Jesus é a verdadeira personificação e culminação da nação de Israel, os evangelistas repetidamente relacionam os eventos de Sua vida à trajetória histórica da própria nação. Além disso, Ele é apresentado como o Servo supremo que realiza o que a nação não conseguiu fazer.

Contudo, vemos que a nação de Israel não seria verdadeiramente forjada dentro de suas fronteiras até que saísse do Egito. Somente

após esse período de exílio é que Deus os precederia para limpar a terra e estabelecê-los em sua herança geográfica.

"Trouxeste a videira do Egito; expulsaste as nações e a plantaste. Preparaste o terreno para ela; ela lançou raízes profundas e encheu a terra." (Salmo 80:8-9)

Contudo, Deus havia planejado que, antes de poderem possuir plenamente essa geografia específica, a nação seria primeiro forjada na terra do Egito. As Escrituras conectam belamente a terra de Israel com a metáfora de uma videira que Deus arrancou do Egito para plantar exatamente dentro dessas fronteiras geográficas.

"Dá ouvidos, ó Pastor de Israel, tu que guias José como a um rebanho. Tu que estás entronizado sobre os querubins, resplandece. Diante de Efraim, Benjamim e Manassés, desperta o teu poder e vem nos salvar! Restaura-nos, ó Deus; faze resplandecer o teu rosto, para que sejamos salvos! Ó SENHOR Deus dos Exércitos, até quando estarás irado com as orações do teu povo? Tu os alimentaste com o pão das lágrimas e lhes deste lágrimas para beber em abundância. Tu nos tornaste objeto de contenda para os nossos vizinhos, e os nossos inimigos riem entre si. Restaura-nos, ó Deus dos Exércitos; faze resplandecer o teu rosto, para que sejamos salvos!

Tu trouxeste uma videira do Egito; expulsaste as nações e a plantaste. Preparaste o terreno para ela; ela lançou raízes profundas e encheu a terra. Os montes se cobriram com a sua sombra, os cedros majestosos com os seus ramos. Ela estendeu os seus ramos até o mar e os seus rebentos até o rio. Por que, então, derrubaste os seus muros, de modo que todos os que passam pelo caminho colhem os seus frutos? O javali do A floresta a devasta, e todos os que se movem no campo se alimentam dela. Volta-te, ó Deus dos Exércitos! Olha do céu e vê; considera esta videira, a planta que a tua mão direita plantou, e o filho que fortaleceste para ti. Queimaram-na com fogo, cortaram-na; que pereçam à

repreensão da tua face! Mas que a tua mão esteja sobre o homem da tua direita, o filho do homem que fortaleceste para ti! Então não nos afastaremos de ti; dá-nos vida, e invocaremos o teu nome! Restaura-nos, ó SENHOR Deus dos Exércitos! Faze resplandecer o teu rosto, para que sejamos salvos! (Salmo 80)

Essa poderosa metáfora da videira reflete a expansão física da nação até os limites prometidos. Mas, mais profundamente, essa realidade física da nação de Israel saindo do Egito foi um profundo sinal profético para a chegada da "semente" ou "descendente" final (Gálatas 3:16) – o descendente prometido de Israel: "aquele em quem todas as famílias da terra seriam abençoadas" (Gênesis 12:3) .

"Quando Israel era criança, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho." (Oséias 11:1)

Essa jornada encontrou sua plena realização espiritual na vida de Jesus. Para protegê-lo de Herodes, Deus ordenou que o Messias (Seu Filho) fosse levado para o Egito. Seu retorno à terra prometida confirmou perfeitamente a antiga profecia.

"Depois que eles partiram, um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e disse: 'Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito. Fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar.' Então José se levantou, tomou o menino e sua mãe de noite e partiu para o Egito, onde ficou até a morte de Herodes. Isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor tinha dito pelo profeta: 'Do Egito chamei o meu filho.'" (Mateus 2:13-15)

Assim, o próprio Jesus cumpre a metáfora física da nação, declarando-se a si mesmo como a personificação viva e suprema da videira que concede a vida e produz frutos verdadeiros.

"Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo em mim que não dá fruto, ele corta; e todo ramo que dá fruto, ele poda, para que dê mais fruto ainda. Vocês já estão limpos pela

palavra que eu lhes tenho falado. Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês. Assim como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vocês não podem dar fruto, se não permanecerem em mim. Eu sou a videira; vocês são os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim vocês não podem fazer nada." (João 15:1-5)

"E ali permaneceu até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: Do Egito chamei o meu filho." (Mateus 2:15)

"Não pensem que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir." (Mateus 5:17)

"E disse-me: Tu és o meu servo, ó Israel, em quem serei glorificado... E agora, diz o Senhor, que me formou desde o ventre para ser seu servo, para trazer Jacó de volta a ele: Ainda que Israel não seja reunido, contudo serei glorificado aos olhos do Senhor, e o meu Deus será a minha força. E disse: É pouco que sejas meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta os remanescentes de Israel; também te darei por luz às nações, para que sejas a minha salvação até aos confins da terra." (Isaías 49:3, 5-6)

"Quando Israel era criança, eu o amei e chamei meu filho do Egito." (Oséias 11:1)

Capítulo 23. A Rejeição do Messias por Israel

Enquanto Jesus pregava, Ele era repetidamente desafiado pelos líderes religiosos da época, que alegavam ter absoluta certeza de sua descendência natural de Abraão. Em João 8, Jesus confrontou isso diretamente. Ele explicou que, embora fossem descendentes naturais de Abraão, seu pai espiritual era o diabo, pois eles buscavam

ativamente matá-Lo, rejeitando a verdade que Ele trazia de Deus. É uma distinção histórica vital que foi principalmente essa instituição religiosa estabelecida que rejeitou Jesus, enquanto muitos indivíduos dentro da nação O aceitaram.

A liderança religiosa acabou por ver Jesus como uma ameaça política e institucional. Quando o sumo sacerdote Caifás sugeriu que Jesus morresse *"para que toda a nação não perecesse"*, ele profetizou, sem saber, o alcance cósmico da crucificação iminente: que Jesus morreria *"não apenas por aquela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus que estavam dispersos"* (João 11:49-52).

Embora a rejeição tenha sido um ato histórico de ação humana, os apóstolos explicaram posteriormente que ela foi, simultaneamente, o cumprimento de um propósito divino. Pedro pregou que a morte de Jesus ocorreu *"segundo o determinado conselho e presciência de Deus"* (Atos 2:23). O apóstolo Paulo observou ainda que, se os governantes deste mundo tivessem realmente compreendido a sabedoria oculta de Deus, *"não teriam crucificado o Senhor da glória"* (1 Coríntios 2:8).

Os relatos dos Evangelhos resumem essa rejeição institucional como um paradoxo trágico: o Criador e Messias prometido chegou à Sua própria terra da aliança, mas a liderança corporativa se recusou a reconhecê-Lo.

"Veio para o que era seu, e os seus não o receberam."
(João 1:11)

Em Mateus 23, Jesus pronunciou uma série de severas calamidades sobre a liderança religiosa por sua hipocrisia e seu histórico de rejeição aos mensageiros de Deus, culminando em uma profecia de desolação física para Jerusalém.

"Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois nem vós entraís, nem deixais entrar os que estão querendo entrar... Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são

enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta." (Mateus 23:13, 37-38)

Jesus também ilustrou essa rejeição por meio da Parábola dos Lavradores Maus, acusando diretamente os líderes que perceberam que Ele estava falando sobre eles.

"E Jesus começou a falar-lhes por parábolas. Certo homem plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou um lugar para o lagar, construiu uma torre, arrendou-a a lavradores e partiu para uma terra distante. Na época da colheita, enviou um servo aos lavradores para receber dos lavradores os frutos da vinha. Mas eles o agarraram, espancaram-no e o mandaram embora de mãos vazias... Tendo, pois, ainda um filho, o seu amado, enviou-o também por último a eles, dizendo: Reverenciarão o meu filho. Mas aqueles lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e a herança será nossa. E agarraram-no, mataram-no e lançaram-no para fora da vinha... E, procurando prendê-lo, temeram o povo, porque sabiam que ele lhes havia contado a parábola; e, deixando-o, retiraram-se." (Marcos 12:1-3, 6-8, 12)

Após a ressurreição, a pregação apostólica inicial em Jerusalém confrontou diretamente a nação com a realidade histórica da crucificação. Pedro, corajosamente, atribuiu a responsabilidade à geração que exigiu a Sua morte, ao mesmo tempo que afirmava a soberania de Deus sobre o evento.

"Homens de Israel, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré, homem aprovado por Deus diante de vocês com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou por intermédio dele no meio de vocês, como vocês mesmos sabem, foi entregue conforme o plano determinado e a presciência de Deus, e vocês o

crucificaram e mataram por mãos de homens perversos.” (Atos 2:22-23)

“O Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou o seu servo Jesus, a quem vocês entregaram e negaram diante de Pilatos, quando este havia decidido soltá-lo. Mas vocês negaram o Santo e Justo, pediram que um assassino fosse libertado e mataram o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos. Disso nós somos testemunhas.” (Atos 3:13-15)

Embora a liderança institucional tenha rejeitado o Messias, é um fato histórico crucial que os primeiros cristãos eram, em sua grande maioria, judeus. A igreja começou em Jerusalém, e os milhares de convertidos iniciais eram todos descendentes de israelitas. O apóstolo Paulo abordou essa dinâmica ao escrever aos crentes gentios em Roma. Ele os advertiu para que não se tornassem arrogantes em relação aos ramos judaicos que haviam sido separados por causa da incredulidade, lembrando-os de que os gentios foram simplesmente enxertados na história profundamente enraizada de Israel.

“... não se ensoberbeçam com os ramos. Se o fizerem, lembrem-se de que não são vocês que sustentam a raiz, mas a raiz que os sustenta. Então vocês dirão: ‘Os ramos foram quebrados para que eu fosse enxertado’. De fato, eles foram quebrados por causa da incredulidade, mas vocês permanecem firmes pela fé. Portanto, não se orgulhem, mas temam. Pois, se Deus não poupou os ramos naturais, também não poupará vocês.” (Romanos 11:18-21)

Capítulo 24. A Cegueira Espiritual de Israel

Dada a abundância de profecias messiânicas explícitas nas escrituras antigas, desde os profetas maiores e menores até os Salmos e Provérbios, é difícil, de uma perspectiva histórica, compreender como a nação de Israel pôde deixar de reconhecer Jesus quando Ele chegou.

A explicação bíblica para isso é clara: Deus garantiu que Israel rejeitasse seu Messias cegando-os espiritualmente.

O apóstolo Paulo detalhou explicitamente esse endurecimento divino, explicando que, enquanto um remanescente escolhido obteve a verdade, o restante da nação foi submetido a essa cegueira pelo próprio desígnio de Deus.

“E então? Israel não conseguiu o que buscava. Os eleitos o obtiveram, mas os demais se endureceram.” Como está escrito: “Deus lhes deu um espírito de entorpecimento, olhos para não ver e ouvidos para não ouvir, até o dia de hoje.” (Romanos 11:7-8)

Durante seu ministério terreno, Jesus reconheceu essa realidade. Ele ensinou deliberadamente por meio de parábolas para revelar a verdade aos seus seguidores, ao mesmo tempo que a ocultava da liderança institucional, ligando isso explicitamente às profecias antigas.

“Ele respondeu: Porque a vós foi dado o conhecimento dos mistérios do reino dos céus, mas a eles não foi dado... Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem nem entendem.” (Mateus 13:11, 13)

Não se trata de cegueira completa. A cegueira recaiu sobre a liderança nacional e institucional, mas nunca foi total. Como Paulo observou, *“os eleitos a alcançaram”*. Ao longo da história, desde o primeiro século até hoje, muitos judeus reconheceram seu Messias. Toda a base da Igreja primitiva — os apóstolos, os três mil salvos no Pentecostes e os primeiros missionários — era inteiramente judaica. Um remanescente fiel sempre possuiu uma visão espiritual clara.

Não se trata de cegueira permanente. Esse endurecimento nacional tem um prazo de validade definido. Os profetas declaram universalmente que os olhos da nação serão eventualmente abertos.

Esse véu de cegueira permanece apenas até o retorno de Cristo (Zacarias 12:10, Romanos 11:25-26), momento em que ocorrerá um profundo despertar e arrependimento nacional.

O próprio Jesus declarou essa cronologia, afirmando que a desolação de Jerusalém duraria apenas até que a visão espiritual da nação fosse restaurada para recebê-lo:

"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Porque eu vos digo que não me vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!" (Mateus 23:37-39)

O profeta Zacarias detalhou o mecanismo exato desse futuro despertar — um derramamento de graça que permitirá à nação finalmente reconhecer o Messias que historicamente rejeitou.

"Derramarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém o espírito de graça e de súplicas; olharão para mim, aquele a quem traspassaram, e prantearão por ele como quem pranteia por um filho único..." (Zacarias 12:10)

O apóstolo Paulo explicou que essa cegueira atual age como um véu quando a Antiga Aliança é lida, mas ele garante que ela será removida no futuro.

"Mas o entendimento deles estava obscurecido; pois até hoje permanece o mesmo véu, sem ser removido, na leitura do Antigo Testamento; véu esse que em Cristo é removido... Mas, quando a casa se converter ao Senhor, o véu será removido." (2 Coríntios 3:14, 16)

Essa eventual remoção do véu só é possível porque o próprio Cristo já rasgou a barreira entre Deus e o homem. Como explica o autor de Hebreus, os crentes agora têm *"ousadia para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus, por um novo e vivo caminho que ele nos*

consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne” (Hebreus 10:19-20). Quando a nação se converter, o véu da mente será removido, assim como o véu físico do Templo foi rasgado.

Esse endurecimento nacional foi pronunciado pela primeira vez séculos antes, quando Deus incumbiu o profeta Isaías. O paradoxo da profecia era que o próprio ato de pregar a verdade solidificaria a resistência da nação.

*“E ele disse: ‘Vai, e dize a este povo:
“Ouçam, mas não entendam;
vejam, mas não percebam.’
Endureçam o coração deste povo,
insensibilizem os seus ouvidos
e ceguem os seus olhos;
para que não vejam com os olhos,
nem ouçam com os ouvidos,
nem entendam com o coração,
nem se convertam e sejam curados.” (Isaías 6:9-10)*

Jesus citou diretamente essa profecia de Isaías para explicar a crescente incredulidade de sua geração, demonstrando que a incapacidade deles de reconhecer seus milagres era o cumprimento do texto antigo.

*“De fato, neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz:
‘Ouvireis, mas não entendereis;
vereis, mas não percebereis.
Porque o coração deste povo está endurecido;
com os ouvidos mal podem ouvir
e fecharam os olhos ,
para que não vejam com os olhos
, nem ouçam com os ouvidos
, nem entendam com o coração
, nem se convertam, e eu os cure.” (Mateus 13:14-15)*

“Embora ele tivesse realizado tantos sinais diante deles, eles ainda não acreditavam nele.” para que se cumprisse a palavra dita pelo profeta Isaías:

“Senhor, quem creu em nossa mensagem?

E a quem foi revelado o braço do Senhor?”

Por isso, eles não puderam crer. Pois Isaías disse ainda: “Ele cegou os olhos deles

e endureceu o coração,

para que não vejam com os olhos,

nem entendam com o coração, nem se convertam,

e eu os cure”.

Isaías disse essas coisas porque viu a glória de Jesus e falou a respeito dele. (João 12:37-41)

Escrevendo aos Romanos e Coríntios, Paulo formalizou essa teologia da cegueira temporária e parcial. Ele provou, com base nos Salmos e na Torá, que Deus havia subjugado temporariamente os seus sentidos espirituais, deixando um véu sobre a sua compreensão das próprias escrituras até o tempo determinado para a sua restauração.

“E então? Israel não conseguiu o que buscava.

Os eleitos o obtiveram, mas os demais se endureceram.” Como está escrito:

“Deus lhes deu um espírito de entorpecimento, olhos para não ver

e ouvidos para não ouvir, até os dias de hoje.”

E Davi diz: “Que a mesa deles se torne uma armadilha e um laço, uma pedra de tropeço e uma punição para eles;

que os seus olhos se escureçam, para que não possam ver,

e que as suas costas se curvem para sempre.” (Romanos 11:7-10)

“Mas a mente deles estava endurecida. Pois até hoje, quando leem a antiga aliança, o mesmo véu permanece sem ser levantado, porque somente em Cristo ele é removido. Sim, até hoje, sempre que Moisés é lido, um véu cobre o coração deles. Mas, quando

alguém se converte ao Senhor, o véu é removido.” (2 Coríntios 3:14-16)

Capítulo 25. Extensão da Salvação aos Gentios

Após a rejeição institucional do Messias pela liderança nacional de Israel, vemos a plena expansão do Evangelho para o mundo gentio. Em Atos 13, o apóstolo Paulo e Barnabé seguiram o padrão estabelecido de pregar primeiro na sinagoga judaica em Antioquia da Pisídia. Contudo, ao se depararem com forte oposição e rejeição, declararam formalmente a transição de sua missão principal para as nações em geral.

“Então Paulo e Barnabé falaram corajosamente, dizendo: ‘Era necessário que a palavra de Deus fosse pregada primeiro a vocês. Visto que a rejeitaram e se consideram indignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios.’” (Atos 13:46)

Deus sempre quis que a Sua salvação chegasse até os confins da terra:

No ápice desse plano de alto nível, Deus usa Israel para expandir Sua família àqueles que estavam completamente fora da aliança.

"Mas eu pergunto: será que Israel não entendeu? Primeiro Moisés disse: 'Farei com que vocês tenham ciúmes daqueles que não são nação; com uma nação insensata eu os farei irar'." (Romanos 10:19)

"Como ele diz em Oséias: 'Aos que não eram meu povo, chamarei de meu povo; e à que não era amada, chamarei de amada.' E no mesmo lugar onde lhes foi dito: 'Vocês não são meu povo', ali serão chamados 'filhos do Deus vivo'." (Romanos 9:25-26)

Mesmo quando Jesus era um bebê, Simeão declarou que Jesus seria:

“uma luz para revelação aos gentios” e ***“para glória do teu povo Israel”***. (Lucas 2:25-32)

Após a Sua ressurreição (como João 1:29 declarou ao ver Jesus: “...ele disse: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”), Jesus disse aos Seus discípulos para levarem esta mensagem do Evangelho ao mundo inteiro.

"Então Jesus aproximou-se e disse-lhes: 'Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos.'" (Mateus 28:18-20)

Jesus já havia declarado em João 10:16 que tomaria “ovelhas de outro rebanho” e que elas “ouviriam a sua voz”. Israel sempre se referiu a si mesmo como as “ovelhas” originais (Salmo 95:7, Salmo 100:3, Isaías 53:6, Jeremias 23:1-2).

Em Atos 10, o apóstolo Pedro recebe uma visão divina demonstrando que as barreiras cerimoniais que separavam judeus e gentios foram abolidas, levando ao primeiro grande derramamento do Espírito sobre os gentios na casa de Cornélio.

Então Pedro tomou a palavra e disse: “Na verdade, reconheço que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e pratica a justiça lhe é aceitável.” (Atos 10:34-35)

A circuncisão marcava a adesão à aliança e separava Israel das outras nações. Sob a administração da aliança anterior, um gentio que desejasse unir-se a Israel precisava receber esse sinal físico. Mas em Cristo, a bênção prometida a Abraão agora alcança os gentios pela fé, não pela circuncisão. As nações são aproximadas, não por se tornarem judeus na carne, mas por participarem da promessa cumprida em Jesus.

Essa questão desencadeou um amplo debate na igreja primitiva a respeito da entrada de gentios, culminando no Concílio de Jerusalém,

em Atos 15. Pedro testemunhou que Deus já havia purificado os corações dos gentios pela fé (Atos 15:7-11), Paulo e Barnabé confirmaram isso com sinais e maravilhas entre as nações (Atos 15:12), e Tiago fundamentou a decisão nos profetas, citando Amós para mostrar a intenção de Deus de incluir os gentios (Atos 15:13-18; Amós 9:11-12). Juntos, eles declararam oficialmente que a circuncisão física não era mais exigida para os crentes gentios (Atos 15:19-20), afirmando que a salvação vem pela graça mediante a fé somente em Cristo.

À medida que Paulo e Barnabé enfrentavam uma rejeição crescente por parte da liderança judaica, eles voltaram sua atenção para os gentios, em respeito aos antigos profetas, resultando em conversões em massa entre as populações não judaicas.

“Pois assim nos ordenou o Senhor, dizendo: ‘Eu te constituí luz para os gentios, para que leves a salvação até os confins da terra’. Ouvindo isso, os gentios alegraram-se e glorificaram a palavra do Senhor; e creram todos os que estavam destinados à vida eterna.”
(Atos 13:47-48)

O apóstolo Paulo estabeleceu que, embora a mensagem do Evangelho tenha pertencido historicamente aos judeus em primeiro lugar, seu poder era universalmente acessível por meio da fé.

"Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego." (Romanos 1:16)

Capítulo 26. A explicação de Paulo sobre o papel de Israel

Em sua epístola aos Romanos (especificamente nos capítulos 9 a 11), o apóstolo Paulo nos ajuda a compreender a rejeição histórica de Israel e sua reconciliação final. Como ex-fariseu, Paulo começa

expressando profunda angústia pessoal pela incredulidade nacional de seus compatriotas. Ele afirma veementemente que, apesar da cegueira espiritual atual, a posição histórica e da aliança de Israel permanece singular e fundamental para o plano redentor de Deus.

"Digo a verdade em Cristo, não minto, e a minha consciência, guiada pelo Espírito Santo, me dá testemunho de que tenho grande tristeza e contínua dor no coração... Que são israelitas, dos quais pertencem a adoção de filhos, e a glória, e as alianças, e a promulgação da lei, e o culto a Deus, e as promessas; dos quais são os patriarcas, e dos quais Cristo veio em forma humana, o qual é sobre todos, Deus bendito para sempre. Amém." (Romanos 9:1-2, 4-5)

Paulo explica que a nação tropeçou não porque a Lei fosse falha, mas porque eles aplicaram seu propósito de forma fundamentalmente errada. Eles tentaram estabelecer sua própria justiça por meio da estrita observância de obras físicas, em vez de reconhecer que a Lei foi concebida para expor sua necessidade de graça e conduzi-los à fé.

"Mas Israel, que buscava a lei que conduzia à justiça, não a alcançou. Por quê? Porque não a buscava pela fé, mas como se fosse baseada em obras. Eles tropeçaram na pedra de tropeço." (Romanos 9:31-32)

Como a busca pela perfeição legal foi cumprida e substituída pela exigência da fé em Cristo, a aliança foi legalmente aberta a toda a população mundial. Em Romanos 10, Paulo explica que essa justiça baseada na fé remove todas as barreiras étnicas, históricas e geográficas. O critério para a salvação não é mais a identidade nacional, mas uma resposta pessoal ao Senhor Jesus.

"Pois não há distinção entre judeu e grego; porque o mesmo Senhor de todos é Senhor rico para com todos os que o invocam. Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo." (Romanos 10:12-13)

Paulo conclui este extenso argumento em Romanos 11, desmantelando completamente qualquer noção de que Deus tenha descartado permanentemente a nação de Israel. Ele delineia um plano mestre da soberania divina: a incredulidade temporária de Israel facilitou a rápida expansão da salvação aos gentios, mas o destino final e garantido da nação é uma restauração espiritual completa.

Ele aponta essa certeza futura para a natureza irrevogável das promessas originais de Deus aos patriarcas. Deus permitiu uma história universal de incredulidade, primeiro entre os gentios e depois entre os judeus, para que, em última análise, pudesse demonstrar graça universal e imerecida a todos.

Capítulo 27. A Oliveira e o Novo Homem em Cristo

Fundamentado nas promessas inabaláveis dos antigos profetas, o Novo Testamento declara enfaticamente que Deus nunca abandonou a nação de Israel. De fato, Deus prometeu que a nação de Israel duraria para sempre (Jeremias 31:35-37).

Em vez disso, a cronologia histórica revela um plano profundo e abrangente. A cegueira temporária e parcial da nação serviu a um propósito glorioso: criou a oportunidade para que os gentios fossem enxertados na raiz eterna e viva da aliança. O apóstolo Paulo também nos fala da incapacidade de Deus de rejeitar o seu povo, Israel:

"Pergunto, então: será que Deus rejeitou o seu povo? De maneira nenhuma! Pois eu mesmo sou israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o seu povo, a quem de antemão conheceu. Ou vocês não sabem o que diz a Escritura a respeito de Elias, como ele intercedeu junto a Deus contra Israel?" (Romanos 11:1-2)

Para ilustrar essa bela harmonia e crescimento, Paulo usa a analogia de uma oliveira em Romanos 11. A árvore e suas raízes profundas

representam a herança eterna e da aliança de Israel. O Israel nacional é representado pelos ramos naturais. Embora alguns ramos naturais tenham sido temporariamente quebrados devido à incredulidade, os crentes gentios, os *“ramos de oliveira brava”*, são agora graciosamente enxertados entre os ramos naturais fiéis para *“participar da raiz e da seiva da oliveira”*.

Como esse enxerto é um ato de pura graça, Paulo adverte veementemente os novos crentes gentios contra qualquer arrogância espiritual em relação aos descendentes físicos:

“Não se gloriem contra os ramos... Não sejam orgulhosos, mas temam: pois, se Deus não poupou os ramos naturais, vejam que também não poupará vocês.” (Romanos 11:18, 20-21)

O próprio Jesus profetizou a respeito da cidade física de Jerusalém, afirmando que ela passaria por um período de domínio gentio, mas apenas até que essa era específica chegasse ao fim.

“Quando virdes Jerusalém cercada por exércitos, sabeis que está próxima a sua desolação. Então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; os que estiverem dentro da cidade saiam, e os que estiverem no campo não entrem nela, porque estes são dias de vingança, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. Ai das mulheres grávidas e das que amamentam naqueles dias! Porque haverá grande angústia na terra e ira contra este povo. Cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todas as nações, e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.” (Lucas 21:20-24)

Paulo alinha-se perfeitamente com essa cronologia, explicando que a cegueira espiritual parcial de Israel está diretamente ligada à conclusão desta era gentia, culminando na salvação final da nação.

“Para que vocês não se considerem sábios aos seus próprios olhos, não quero que ignorem este mistério, irmãos: Israel está em processo de endurecimento parcial, até que a plenitude dos

gentios seja alcançada. E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: 'O Libertador virá de Sião e expulsará a impiedade de Jacó';" (Romanos 11:25-26)

Esse processo de enxertia cumpre a antiga promessa de que os descendentes de Abraão se multiplicariam e abençoariam o mundo inteiro. As Escrituras revelam que a verdadeira participação na linhagem de Abraão é alcançada pela fé, ligando os crentes gentios diretamente ao patriarca (Gálatas 3:6-9).

O mecanismo legal para essa inclusão é o próprio Messias. A promessa final foi dada à única "descendência" de Abraão, o que significa que todos os que estão unidos a Cristo são legalmente reconhecidos como herdeiros (Gálatas 3:16, 28-29).

O resultado desse enxerto não é a substituição de Israel, nem a mera conversão de gentios em judeus. É a criação de uma nova e profunda realidade espiritual. Cristo desmantelou as barreiras legais para forjar judeus e gentios cristãos em um único corpo harmonioso: um *"novo homem"*.

Paulo também explicou que a barreira histórica e legal — o *"muro de separação"* — que anteriormente havia afastado os gentios das alianças da promessa, foi completamente desmantelada pela obra de Cristo, criando um único corpo espiritual unificado.

"Portanto, lembrem-se de que vocês, gentios por natureza, chamados de 'incircuncisão' pelos que se chamam de circuncisão, feita no corpo por mãos humanas, estavam separados de Cristo, excluídos da comunidade de Israel, estrangeiros às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo. Mas agora, em Cristo Jesus, vocês, que antes estavam longe, foram aproximados pelo sangue de Cristo. Pois ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um só e destruiu a barreira, o muro da inimizade..."
(Efésios 2:11-14)

“Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus.” (Efésios 2:19)

“Este mistério é que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho.” (Efésios 3:6)

Consequentemente, a cidadania nesta nova realidade da aliança é determinada inteiramente pela relação com Cristo, tornando as distinções étnicas e sociais legalmente nulas no que diz respeito à herança das promessas abraâmicas.

“Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos vocês são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa.” (Gálatas 3:28-29)

Portanto, lembrem-se de que vocês, gentios por natureza, chamados de “incircuncisão” pelos que se chamam circuncisão, feita no corpo por mãos humanas, estavam separados de Cristo, excluídos da comunidade de Israel, estrangeiros às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo. Mas agora, em Cristo Jesus, vocês, que antes estavam longe, foram aproximados pelo sangue de Cristo. Pois ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um só e destruiu a barreira, o muro da inimizade, anulando em seu corpo a lei dos mandamentos expressa em ordenanças, para criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliar ambos com Deus em um só corpo, por meio da cruz, destruindo assim a inimizade. Ele veio e anunciou paz a vocês que estavam longe e paz aos que estavam perto, pois por meio dele ambos temos acesso ao Pai em um só Espírito. Assim, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Cristo. Deus, edificado sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo

o próprio Cristo Jesus a pedra angular, no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para ser um templo santo no Senhor. Nele também vocês estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus no Espírito. (Efésios 2:11-22)

Essa magnífica unidade entre judeus e gentios, compartilhando as promessas eternas de Deus, era o plano supremo desde o princípio.

"Ao lerem isso, vocês poderão perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, que não foi revelado aos filhos dos homens em outras gerações, como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas pelo Espírito. Este mistério é que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho." (Efésios 3:4-6)

Um “mistério” (mysterion) no contexto bíblico é algo que “antes estava oculto, agora foi revelado”. A gloriosa revelação de harmonia e crescimento expansivo é exatamente o que temos em Cristo Jesus.

Capítulo 28. Israel Nacional e o Cumprimento da Aliança

Uma análise textual objetiva das Escrituras revela uma bela harmonia divina: existe um Israel físico e nacional (passado, presente e futuro) e um Israel espiritual (que inclui estrangeiros enxertados na aliança abraâmica pela fé em Cristo). O texto bíblico é claro e inequívoco em ambos os aspectos. O verdadeiro cristianismo ensina um profundo amor pelo povo de Israel, a nação física, e por todos os descendentes de Abraão, tanto físicos quanto espirituais.

A Bíblia mantém uma clara distinção entre as promessas feitas à nação física e o mistério da Igreja, unindo-as perfeitamente em Cristo. Não há fundamento bíblico para a ideia de que a Igreja substituiu ou anulou o Israel nacional. Como Paulo explica em Efésios 2, Cristo

derrubou "o muro da separação" entre judeus e gentios "para criar em si mesmo, dos dois, um novo homem".

A oliveira representa a posição privilegiada da aliança de Deus, com Cristo como a raiz sustentadora. Todos os crentes são enxertados em Cristo, compartilhando das bênçãos espirituais, enquanto a nação física mantém suas promessas geográficas e nacionais irrevogáveis. Apesar do sofrimento de Israel ao longo da história, seu futuro é glorioso. Deus prometeu restauração e reconciliação totais. Quando Cristo reinar em Jerusalém, a nação de Israel viverá em paz na Terra Prometida e servirá como um modelo para todas as outras nações.

O profeta Ezequiel detalha explicitamente essa restauração multifacetada da nação.

Físico: *"Mas vós, montes de Israel, lançareis os vossos ramos e dareis os vossos frutos ao meu povo Israel, porque eles virão em breve... E vos estabelecerei como nas vossas antigas terras, e vos farei mais bem do que nunca."* (Ezequiel 36:8, 11)

Restauração Espiritual: *"Aspergirei água pura sobre vocês, e vocês ficarão purificados de todas as suas impurezas e de todos os seus ídolos. Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo dentro de vocês."* (Ezequiel 36:25-26)

Restauração Nacional: *"Tomarei o povo de Israel dentre as nações para onde foram, e os reunirei de todos os lados, e os trarei para a sua própria terra. E farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel; e um só rei reinará sobre todos eles."* (Ezequiel 37:21-22)

Ezequiel confirma que isso resultará em uma aliança de paz eterna: *"E Davi, meu servo, será rei sobre eles... eles andarão nos meus juízos, e guardarão os meus estatutos, e os cumprirão... Além disso, farei com eles uma aliança de paz; será com eles uma aliança eterna... O meu tabernáculo estará com eles; sim, eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo."* (Ezequiel 37:24, 26-27)

Graças a essa restauração nacional, Israel cumprirá seu propósito final como uma luz para o mundo.

"Naqueles dias, dez homens de todas as línguas das nações agarrarão a orla da veste de um judeu e dirão: 'Iremos contigo, porque ouvimos que Deus está contigo.'" (Zacarias 8:23)

Haverá um dia de profundo luto e reconhecimento nacional quando Jesus retornar para libertar a cidade física de Jerusalém. Os cristãos reconhecem isso como a Sua *"segunda vez"*, como diz Isaías 11:11: *"Naquele dia, o Senhor estenderá a sua mão uma segunda vez para resgatar o remanescente do seu povo..."*

"Naquele dia, procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém. Derramarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém o espírito de graça e de súplicas; olharão para mim, aquele a quem traspassaram, e prantearão por ele como quem pranteia por um filho único; chorarão amargamente por ele como quem chora amargamente por seu primogênito. Naquele dia haverá grande pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadaderimom no vale de Megido; e a terra pranteará, cada família separadamente..." (Zacarias 12:9-12)

Após essa libertação, Jerusalém se tornará o centro geográfico da adoração mundial.

"E acontecerá que todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrar a festa dos tabernáculos." (Zacarias 14:16)

Esses títulos espirituais não apagam o Israel físico; pelo contrário, Cristo une ambos em um templo espiritual único. Embora a Igreja participe da raiz espiritual, as promessas nacionais e físicas feitas a Israel permanecem totalmente intactas e irrevogáveis.

"E assim todo o Israel será salvo, como está escrito:

*“O Libertador virá de Sião,
ele expulsará a impiedade de Jacó; e esta será a minha aliança
com eles, quando eu tirar os seus pecados.” (Romanos 11:26-27)*

*“Pois os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis. Assim como
você foram desobedientes a Deus, mas agora receberam
misericórdia por causa da desobediência deles, também eles
agora foram desobedientes, para que, pela misericórdia que foi
concedida a você, eles também recebam misericórdia. Pois Deus
entregou todos à desobediência, para que pudesse ter
misericórdia de todos.” (Romanos 11:29-32)*

*“Deus fundamenta a existência do universo físico na promessa de
que 'a descendência de Israel deixará de ser nação diante de mim
para sempre' (Jeremias 31:35-36)*

*Paulo harmoniza o mistério, explicando que "o endurecimento
veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios seja
alcançada. E assim todo o Israel será salvo... Porque os dons e a
vocação de Deus são irrevogáveis." (Romanos 11:25-29)*

Ezequiel 37 e Zacarias 12-14: Conforme citado acima, esses capítulos garantem uma ressurreição literal e física da nação (ossos secos), um retorno literal à terra e uma libertação literal de Jerusalém, resultando em um reinado global e terreno.

A harmonia suprema desta análise textual encontra-se no final da Bíblia. No estado eterno, a Nova Jerusalém não funde Israel e a Igreja numa identidade genérica, mas preserva e honra eternamente ambas as partes distintas da família redentora de Deus dentro de uma única e gloriosa cidade.

“A cidade tem doze portas, “e nelas estão escritos nomes, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel”. Ao mesmo tempo, o muro da cidade tem “doze fundamentos, e neles estão escritos os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro”. (Apocalipse 21:12, 14)

“Dentro desta cidade unificada, a árvore da vida dá o seu fruto, e as folhas da árvore servem para a cura das nações. Os descendentes físicos, os herdeiros espirituais e as nações redimidas habitam juntos em perfeita harmonia para sempre.”
(Apocalipse 22:2)

Capítulo 29. Israel como exemplo prático

Historicamente e teologicamente, a nação de Israel serve como a lição definitiva de Deus para a humanidade. Sua narrativa demonstra que, mesmo com revelação divina direta, intervenção milagrosa e um código moral perfeito, as pessoas não conseguem obedecer a Deus perfeitamente por seus próprios méritos. Portanto, aceitamos isso como prova inegável de que o esforço humano e a carne não podem alcançar a verdadeira justiça.

O apóstolo Paulo afirma explicitamente que o registro histórico de Israel foi preservado especificamente para esse propósito educacional e espiritual:

“Ora, essas coisas aconteceram a eles como exemplos e foram escritas para nos ensinar, a nós que vivemos no fim dos tempos.”
(1 Coríntios 10:11)

A triste ironia dessa história é que a preservação da lei muitas vezes levou à presunção de justiça própria, criando uma estrutura religiosa que tornou incrivelmente difícil para as autoridades (séculos depois) aceitarem que a verdadeira justiça só vem através da fé em Cristo.

O livro de Números (capítulos 13 e 14) ilustra esse problema fundamental da incredulidade quando os espiões retornaram da expedição de reconhecimento a Canaã. Embora Josué e Calebe tivessem a fé necessária para confiar na promessa de Deus e tomar posse da terra (essa fé os sustentou por quarenta anos no deserto e

fez deles os únicos adultos egípcios a entrar na Terra Prometida), a grande maioria aceitou o relatório desfavorável por medo.

Essa falta de fé resultou em quarenta anos de peregrinação no deserto. O autor da Epístola aos Hebreus usa posteriormente esse exemplo histórico específico para alertar todas as pessoas contra uma falta de fé semelhante a respeito de Cristo, mostrando que um relacionamento externo com as promessas de Deus não significa nada sem uma fé interior (Hebreus 3:7-19, 4:1-2).

O apóstolo Paulo usou sua própria vida como fariseu para explicar a falha fundamental em tentar alcançar a perfeição por meio da lei. Em Romanos 7, ele detalha a realidade angustiante da consciência humana: a lei é santa, mas a natureza humana é fundamentalmente falha. A lei pode apontar o que está errado, mas não oferece poder para fazer o que é certo.

" Pois eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum. Porque o querer o bem está em mim, mas o efetuar-lo, não. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse pratico." (Romanos 7:18-19)

Em sua carta aos Gálatas, Paulo explica que a lei nunca teve a intenção de ser um mecanismo de salvação. Em vez disso, era um instrumento de proteção designado para expor o pecado e a culpa humanos e levar a humanidade à compreensão de que necessitava desesperadamente da graça oferecida por Deus através de Seu Filho Jesus.

"Será que a lei se opõe às promessas de Deus? De maneira nenhuma! Porque, se tivesse sido dada uma lei que desse vida, certamente a justiça viria pela lei. Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos que creem... De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, para que fôssemos justificados pela fé." (Gálatas 3:21-22, 24)

Como a lei externa escrita em tábuas de pedra não conseguia mudar o comportamento humano, os profetas apontavam consistentemente para uma necessidade futura: uma transformação interna e milagrosa do coração humano.

“ O SENHOR teu Deus circuncidará o teu coração e o coração dos teus descendentes, para que ames o SENHOR teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, para que vivas.”

(Deuteronômio 30:6)

“Esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: Porei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.”

(Jeremias 31:33)

“ Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; removerei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos e guardeis os meus juízos.” (Ezequiel 36:26-27)

A epístola aos Hebreus (capítulos 8 a 10) também declara essa conclusão. O autor argumenta que os sacrifícios contínuos e repetitivos de animais da Antiga Aliança eram prova de sua inadequação; se tivessem realmente purificado a consciência humana, os sacrifícios teriam cessado.

“Porque a lei, tendo a sombra dos bens vindouros, e não a imagem exata das coisas, nunca poderá, pelos sacrifícios que continuamente se oferecem ano após ano, aperfeiçoar os que se aproximam... Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire os pecados.” (Hebreus 10:1, 4)

Como a primeira aliança dependia da obediência humana imperfeita, Deus a considerou falha e instituiu a Nova Aliança por meio do sacrifício permanente e perfeito de Cristo.

"Pois, se a primeira aliança fosse perfeita, não haveria necessidade de uma segunda. Porque, repreendendo-os, diz: Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá." (Hebreus 8:7-8)

Capítulo 30. Geografia do Futuro

As escrituras proféticas não falam apenas da restauração espiritual ou política de Israel; elas detalham explicitamente mudanças físicas profundas na topografia, hidrologia e geografia da Terra Prometida. Os textos indicam que a própria Terra será reestruturada para acomodar o retorno do Messias e o estabelecimento do Seu reino terreno.

Quando Deus mostrou a Moisés pela primeira vez a vista panorâmica da Terra Prometida a partir do Monte Nebo, isso enfatizou a vastidão da geografia prometida.

"E Moisés subiu das planícies de Moabe ao monte Nebo, ao cume do Pisga, que está defronte de Jericó. E o Senhor lhe mostrou toda a terra de Gileade, até Dã... E o Senhor lhe disse: Esta é a terra que jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó, dizendo: Eu a darei à vossa descendência..." (Deuteronômio 34:1, 4)

Historicamente, a nação nunca ocupou de forma plena ou permanente a extensão máxima dessa visão. No entanto, os textos antigos descrevem diversas transformações geográficas específicas que finalmente concretizarão essas promessas.

A futura geografia de Israel é descrita como sendo muito maior do que o território historicamente ocupado pela nação. Ela se expandirá para cumprir as dimensões exatas e vastas originalmente concedidas nos pactos patriarcais, estendendo-se do Egito ao rio Eufrates.

"Naquele dia, o SENHOR fez uma aliança com Abrão, dizendo: 'À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio, o rio Eufrates.'" (Gênesis 15:18)

"Estabelecerei os teus limites desde o Mar Vermelho até o Mar dos Filisteus, e desde o deserto até o Eufrates; porque entregarei os habitantes desta terra nas tuas mãos, e os expulsareis de diante de ti." (Êxodo 23:31)

Dentro dessas fronteiras expandidas, a elevação física de Jerusalém será drasticamente alterada. O Monte Sião, historicamente um pico relativamente modesto na região montanhosa da Judeia, será fisicamente elevado acima de toda a geografia circundante para refletir sua preeminência espiritual.

"E acontecerá nos últimos dias que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará acima das colinas; e todas as nações afluirão a ele." (Isaías 2:2)

O profeta Zacarias confirmou esse aplainamento do terreno circundante para destacar a elevação da capital:

"Toda a terra se tornará plana, desde Geba até Rimom, ao sul de Jerusalém; e será levantada e habitada em seu lugar..." (Zacarias 14:10)

O mecanismo dessas mudanças geográficas envolve um evento sísmico massivo desencadeado pelo retorno físico do Messias ao local exato de onde Ele ascendeu. Zacarias detalha que o Monte das Oliveiras será dividido em dois, criando um novo e imenso vale no sentido leste-oeste.

"Naquele dia, os seus pés estarão sobre o monte das Oliveiras, que fica defronte de Jerusalém, para o oriente. O monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; metade do monte se removerá para o norte e a outra metade para o sul." (Zacarias 14:4)

Essa mudança sísmica abre caminho para um profundo milagre hidrológico. Um novo e imenso rio de "águas vivas" fluirá diretamente do Monte do Templo em Jerusalém, dividindo-se em leste e oeste.

"Naquele dia, águas vivas sairão de Jerusalém, metade delas para o primeiro mar e metade para o segundo mar; tanto no verão como no inverno." (Zacarias 14:8)

Este rio transformará fisicamente as regiões áridas em paisagens férteis. Os profetas declaram que os desertos passarão por uma renovação hidrológica total.

"O deserto e a terra seca se alegrarão por causa deles; a terra árida exultará e florescerá como a rosa. Florescerá abundantemente e se alegrará com júbilo e cânticos..." (Isaías 35:1-2)

"Abrirei rios nos lugares altos e fontes no meio dos vales; farei do deserto um lago e da terra seca fontes de água." (Isaías 41:18)

Ezequiel 47 descreve com precisão o resultado ecológico do fluxo deste rio para o leste. A região do Mar Morto será amplamente curada e transformada em um ecossistema de água doce próspero. No entanto, o profeta observa uma exceção geográfica específica: os pântanos circundantes permanecerão salinos, provavelmente preservando um elemento ecológico essencial para a região.

"E ele me disse: 'Esta água corre para a região oriental, desce até o Arabá e deságua no mar; quando a água deságua no mar, ela se tornará doce. ... Mas os seus pântanos e brejos não se tornarão doces; serão deixados para se tornarem salgados. '" (Ezequiel 47:8, 11)

A cura das águas e a transformação dos desertos resultarão em fertilidade agrícola sobrenatural, revertendo permanentemente séculos de desolação histórica. A própria terra se tornará milagrosamente produtiva.

*"Eis que vêm dias", declara o SENHOR,
"em que o lavrador alcançará o ceifeiro,
e o pisador de uvas, o semeador;
os montes destilarão vinho doce,
e todas as colinas transbordarão dele.
Restaurarei a sorte do meu povo Israel,
e eles reconstruirão as cidades arruinadas e nelas habitarão;
plantarão vinhas e beberão o seu vinho;
farão jardins e comerão os seus frutos. " (Amós 9:13-14)*

*"Naquele dia, os montes destilarão vinho novo, as colinas
manarão leite, todos os rios de Judá correrão águas, e uma fonte
sairá da casa do Senhor e regará o vale de Sitim. " (Joel 3:18)*

Esta terra restaurada não existirá isoladamente; ela se tornará o centro geográfico e político do mundo. A paisagem física do Oriente Médio será reestruturada para facilitar viagens e cultos internacionais em massa. Isaías descreve uma rodovia literal e física conectando antigos inimigos, criando um corredor unificado de paz.

*"Naquele dia haverá uma estrada que sairá do Egito para a
Assíria; os assírios entrarão no Egito, e os egípcios na Assíria, e os
egípcios servirão com os assírios. Naquele dia, Israel será o
terceiro povo com o Egito e com a Assíria, uma bênção no meio
da terra." (Isaías 19:23-24)*

Essa infraestrutura acomodará uma peregrinação global anual. As nações sobreviventes da Terra viajarão por essas rotas geográficas até a cidade elevada de Jerusalém para prestar culto.

*"E acontecerá que todos os que restarem de todas as nações que
vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o
Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrar a festa dos
tabernáculos." (Zacarias 14:16)*

Como a geografia da terra será completamente renovada e suas fronteiras expandidas, as divisões históricas das doze tribos serão

redesenhadas. Ezequiel 48 detalha essa futura redistribuição. Ao contrário das fronteiras tribais históricas, irregulares e baseadas no terreno natural, a futura geografia apresenta faixas de terra perfeitas, horizontais e paralelas, que se estendem do Mar Mediterrâneo até a fronteira leste para cada uma das doze tribos (Ezequiel 48:1-29).

No centro dessas faixas tribais haverá um distrito sagrado contendo o santuário. A própria cidade terrena terá exatamente doze portões, nomeados sequencialmente em homenagem às tribos de Israel, e receberá um novo nome que refletirá a presença física permanente de Deus.

"E as portas da cidade serão conforme os nomes das tribos de Israel... Era circular cerca de dezoito mil medidas; e o nome da cidade, daquele dia em diante, será: O SENHOR está ali."

(Ezequiel 48:31, 35)

Em última análise, a renovação geográfica da Terra Prometida aponta para a geografia permanente e eterna descrita no final do texto bíblico. Após o reinado milenar e o juízo final, o universo físico passa por uma recriação total.

"E vi um novo céu e uma nova terra; porque já o primeiro céu e a primeira terra tinham passado, e o mar já não existia."

(Apocalipse 21:1)

Nesse estado eterno, a capital geográfica não é mais uma cidade terrena construída sobre falhas geológicas, mas a Nova Jerusalém, descendo totalmente construída do reino celestial para ancorar a nova terra. Em uma ponte arquitetônica perfeita entre a geografia terrena de Ezequiel e a geografia eterna de João, essa cidade celestial corresponde exatamente ao traçado das doze portas tribais.

"E ele me levou em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus... E tinha um grande e alto muro, e tinha doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos nelas, que são os

nomes das doze tribos dos filhos de Israel." (Apocalipse 21:10, 12)

Capítulo 31. O Pastor que Restaura as Doze Tribos

O texto profético de Ezequiel 34 nos ajuda a compreender o plano final de restauração de Deus. Ezequiel começa diagnosticando o trágico estado histórico da nação:

"E foram dispersas, porque não havia pastor; e tornaram-se pasto para todos os animais do campo, quando foram dispersas. As minhas ovelhas andaram errantes por todos os montes e por todas as colinas altas; sim, o meu rebanho se espalhou por toda a face da terra, e ninguém as procurou nem as buscou." (Ezequiel 34:5-6)

Como os líderes humanos de Israel falharam, Deus declarou que Ele mesmo interviria para resgatar e restaurar o Seu rebanho, trazendo-o de volta à geografia da sua aliança.

"Pois assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei. Como o pastor busca o seu rebanho no meio das ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas e as livrarei de todos os lugares por onde foram espalhadas no dia de nuvens e trevas densas. E as tirarei dentre os povos, e as congregarei das terras, e as trarei para a sua própria terra. E as apascentarei nos montes de Israel, junto aos vales e em todos os lugares habitados da terra. Apascentá-las-ei em bons pastos, e nos altos montes de Israel será o seu pasto. Ali se deitarão em bons pastos, e pastarão em pastos verdejantes nos montes de Israel. Eu mesmo serei o pastor das minhas ovelhas, e eu mesmo as farei repousar, diz o Senhor DEUS. Buscarei a perdida, e trarei de volta a desgarrada, e curarei a ferida, e fortalecerei a fraca, e a gorda e a forte eu a revitalizarei." destruir. Eu os alimentarei com justiça. " (Ezequiel 34:11-16)

Será que o pastor que busca as ovelhas perdidas de Israel é o próprio Jesus? No Evangelho de João, Jesus reivindicou explicitamente esse título: *"Eu sou o bom pastor; o bom pastor que dá a sua vida pelas ovelhas."* (João 10:11)

O Evangelho de Mateus demonstra Jesus cumprindo ativamente o papel descrito em Ezequiel 34, olhando para a nação dispersa com profunda compaixão:

curando todas as doenças e enfermidades. Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor. Então disse aos seus discípulos: "A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita". (Mateus 9:35-38)

Se Jesus foi verdadeiramente o pastor de Deus enviado às ovelhas perdidas de Israel, então esperaríamos que seu ministério refletisse as promessas supremas de Ezequiel 34:

"Eles não serão mais presa das nações, nem as feras da terra os devorarão. Habitarão em segurança, e ninguém os amedrontará. E lhes darei um lugar de renome para o plantio, para que não sejam mais consumidos pela fome na terra, nem sofram mais o opróbrio das nações. E saberão que eu sou o SENHOR seu Deus com eles, e que eles, a casa de Israel, são o meu povo, diz o Senhor DEUS." (Ezequiel 34:28-30)

Após a Sua ressurreição, Jesus garantiu que este ministério pastoral continuaria, instruindo diretamente Pedro: *"Apascenta os meus cordeiros", "Apascenta as minhas ovelhas" e "Apascenta as minhas ovelhas"*. (João 21:15-17)

Deus continua Sua promessa em Ezequiel, identificando explicitamente esse pastor vindouro como um *"Príncipe"* da linhagem de Davi. Davi era um pastor literal que se tornou o primeiro grande Rei de Israel. Jesus, identificando-se como o bom pastor (Ezequiel

34:23), também afirmou que reinaria como Rei. Deus Pai lhe designou um reino, que Jesus compartilhou com seus discípulos:

" Vós sois os que permaneceram comigo nas minhas provações, e a vós, assim como a mim o confiei, vos designo um reino, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino e vos senteis em tronos, julgando as doze tribos de Israel ." (Lucas 22:28-30)

Como esse reino governa especificamente as *"doze tribos de Israel"*, ele alinha perfeitamente Jesus como o cumprimento final da profecia de Ezequiel:

" Eu livrarei o meu rebanho; eles não serão mais presa. Julgarei entre ovelha e ovelha. Suscitarei sobre elas um só pastor, o meu servo Davi, que as apascentará; ele as apascentará e lhes servirá de pastor. E eu, o SENHOR, serei o seu Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas. Eu sou o SENHOR; eu falei ." (Ezequiel 34:22-24)

Ao revisitarmos Mateus 9:35-38, vemos que Jesus estava *"pregando o evangelho do reino"*. Este evangelho diz respeito diretamente à salvação da nação de Israel por Deus, cumprindo a declaração de Ezequiel:

" Eles saberão que eu sou o SENHOR, seu Deus, que estou com eles, e que eles, a casa de Israel, são o meu povo, diz o Senhor DEUS. Vocês são as minhas ovelhas, ovelhas humanas do meu pasto, e eu sou o seu Deus, diz o Senhor DEUS ." (Ezequiel 34:30-31)

Ezequiel 34 nos diz que Deus salvará suas ovelhas humanas. No entanto, o padrão bíblico revela que o evangelho do reino foi dado primeiro aos judeus e, posteriormente, estendido aos gentios.

" Então Paulo e Barnabé falaram corajosamente, dizendo: 'Era necessário que a palavra de Deus fosse pregada primeiro a vocês. Visto que a rejeitaram e se consideram indignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios .'" (Atos 13:46)

"Pois não me envergonho do evangelho de Cristo, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego." (Romanos 1:16)

Jesus confirmou essa progressão, dizendo à mulher samaritana: "A salvação vem dos judeus" (João 4:22). Antes de retornar ao céu, Ele delineou a expansão geográfica exata dessa mensagem, começando na aliança (Gênesis 12:3, 22:18) e se expandindo para fora:

"Mas receberão poder quando o Espírito Santo vier sobre vocês, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra." (Atos 1:8)

Se Jesus é o pastor de Ezequiel 34, e o evangelho foi concebido para salvar primeiro as ovelhas perdidas de Israel (Mateus 15:24-28) e depois os gentios (João 10:16), devemos esperar encontrar esse plano universal presente em toda a história de Israel. Como estabelecido em capítulos anteriores, é exatamente isso que encontramos (Gênesis 12 e 22, Êxodo 19, Isaías 52).

A Igreja do Novo Testamento reconhece que faz parte do reino deste Bom Pastor. Jesus declarou: *"As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e jamais perecerão; ninguém as arrebatará da minha mão."* (João 10:27-28)

Essas palavras refletem perfeitamente a antiga promessa de Ezequiel: *"Portanto, salvarei o meu rebanho, e ele não será mais presa"* (Ezequiel 34:22) e *"habitarão em segurança, e ninguém os amedrontará"* (Ezequiel 34:28).

Os apóstolos abraçaram esse mandato pastoral para o rebanho crescente. Paulo exortou os presbíteros de Éfeso a *"Cuidarem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os constituiu bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele adquiriu com o seu próprio sangue"* (Atos 20:28). Pedro, de maneira semelhante, exortou os líderes a *"Apascentar o rebanho de Deus que está entre vocês",*

prometendo uma recompensa *"quando o Supremo Pastor se manifestar"* (1 Pedro 5:2, 4).

Por fim, o Bom Pastor restaura com sucesso tanto os descendentes físicos das doze tribos quanto os crentes enxertados vindos dos confins da terra. Os profetas predisseram a reunificação e o retorno das tribos:

"Naqueles dias, a casa de Judá andar­á com a casa de Israel, e juntos sairão da terra do norte para a terra que dei por herança a vossos pais." (Jeremias 3:18)

"Eis que os trarei da terra do norte e os reunirei dos confins da terra, entre eles cegos e coxos, gestantes e parturientes; uma grande multidão, eles voltarão para cá." (Jeremias 31:8)

Capítulo 32. Significado Profético da Terra de Israel

As realidades físicas e históricas de Israel servem como protótipo de verdades espirituais mais profundas. O apóstolo Paulo explicou que as cerimônias históricas e as estruturas terrenas apontam para um cumprimento maior e definitivo no Messias.

"Portanto, ninguém vos julgue pelo comer ou beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados. Essas coisas são sombra das que hão de vir; a realidade, porém, pertence a Cristo." (Colossenses 2:16-17)

"Pois tudo o que foi escrito no passado foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do consolo das Escrituras, tenhamos esperança." (Romanos 15:4)

O autor da Epístola aos Hebreus confirma que os componentes físicos da aliança, como o santuário e seus serviços, foram concebidos como modelos terrenos de uma realidade celestial.

"Eles servem como cópia e sombra das coisas celestiais. Pois, quando Moisés estava para armar a tenda, Deus lhe disse: 'Veja que você faça tudo conforme o modelo que lhe foi mostrado no monte.' (Hebreus 8:5)"

Uma vez que a geografia física e as alianças históricas atuam como uma sombra, as promessas proféticas referentes à terra de Israel podem ser vistas como o palco físico sobre o qual se realiza a restauração espiritual final da humanidade.

Os profetas previram um futuro onde a geografia física de Jerusalém se tornaria o epicentro espiritual da Terra, resultando em uma paz universal sem precedentes e na erradicação da guerra.

*"Nos últimos dias,
o monte da casa do SENHOR
será estabelecido como o mais alto dos montes
e se elevará acima das colinas;
e todas as nações afluirão a ele,
e muitos povos virão e dirão:
'Venham, subamos ao monte do SENHOR,
à casa do Deus de Jacó,
para que ele nos ensine os seus caminhos
e para que andemos nas suas veredas.'
Pois de Sião sairá a lei,
e de Jerusalém a palavra do SENHOR.
Ele julgará entre as nações
e decidirá contendas entre muitos povos;
eles transformarão as suas espadas em arados
e as suas lanças em foices;*

*uma nação não levantará a espada contra outra nação,
nem aprenderão mais a guerra. " (Isaías 2:2-4)*

Esta era de paz global na Terra física só é possível através da restauração espiritual interna prometida na Nova Aliança. Deus declarou que resolveria o fracasso histórico da nação escrevendo Sua lei diretamente em seus corações.

" Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que farei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá, não como a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito; a minha aliança que eles invalidaram, embora eu fosse o seu marido, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. E não ensinará mais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR; porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior, diz o SENHOR. Porque lhes perdoarei a sua iniquidade, e não me lembrarei mais dos seus pecados. " (Jeremias 31:31-34)

Ezequiel confirma que essa transformação interna, com a entrega de um "novo espírito", é o pré-requisito necessário para que a nação habite permanentemente em sua geografia prometida.

" Eu os tirarei dentre as nações, os reunirei de todas as terras e os trarei para a sua própria terra. Aspergirei água pura sobre vocês, e vocês serão purificados de todas as suas impurezas e de todos os seus ídolos. Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo dentro de vocês. Tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei o meu Espírito dentro de vocês e farei com que vocês andem nos meus estatutos e obedeçam fielmente aos meus juízos. Vocês habitarão na terra que dei a

seus pais; vocês serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. "

(Ezequiel 36:24-28)

Uma vez purificada espiritualmente, a nação dividida será reunida permanentemente sob o reinado do supremo Rei Davídico, assegurando a terra em uma aliança eterna de paz.

"... então diga-lhes: Assim diz o Senhor DEUS : Eis que tomarei o povo de Israel dentre as nações para onde foram, e os congregarei de todos os lados, e os trarei à sua própria terra. E farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel; e um só rei reinará sobre todos eles, e nunca mais serão duas nações, nem mais estarão divididos em dois reinos." (Ezequiel 37:21-22)

"Meu servo Davi será rei sobre eles, e todos terão um só pastor. Andarão segundo os meus decretos e guardarão os meus estatutos. Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, onde viveram vossos pais. Eles, seus filhos e os filhos de seus filhos habitarão ali para sempre, e Davi, meu servo, será o seu príncipe para sempre. Farei com eles uma aliança de paz, uma aliança perpétua. Estarei com eles na sua terra, os multiplicarei e porei o meu santuário no meio deles para sempre. A minha morada estará com eles, e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo." (Ezequiel 37:24-27)

Isso está em consonância com a profecia de Jeremias sobre o Ramo Justo que executará a justiça perfeita, garantindo a segurança da nação.

"Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo, que reinará como rei, e agirá com sabedoria, e praticará o juízo e a retidão na terra. Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro. E este é o nome pelo qual será chamado: 'O SENHOR é a nossa justiça'". (Jeremias 23:5-6)

Deus promete que este plantio final na terra jamais será revertido.

*"Eu os plantarei na sua terra,
e eles nunca mais serão arrancados
da terra que lhes dei",
diz o SENHOR, teu Deus. (Amós 9:15)*

Ezequiel 47 detalha as fronteiras futuras precisas dessa herança. No entanto, dentro dessa estrita divisão geográfica e tribal, encontra-se uma profunda declaração profética que reflete a integração dos gentios: ao *"peregrino"* (o estrangeiro que reside entre eles) será concedida uma herança igual e permanente ao lado dos israelitas nativos.

*Assim diz o Senhor DEUS: "Este é o limite pelo qual vocês dividirão a terra por herança entre as doze tribos de Israel. José ficará com duas porções. E vocês dividirão igualmente o que eu jurei dar a seus pais. Esta terra lhes será como herança."
(Ezequiel 47:13-14)*

"Vocês a repartirão como herança para vocês e para os estrangeiros residentes entre vocês e que tiveram filhos entre vocês. Eles serão para vocês como filhos naturais de Israel. A eles será atribuída uma herança entre as tribos de Israel. Na tribo em que o estrangeiro residir, ali vocês lhe darão a sua herança, declara o Senhor DEUS." (Ezequiel 47:13-14, 22-23)

Essa profunda conexão entre a terra física e o reino espiritual é abordada diretamente por Jesus. No Sermão da Montanha, Jesus declarou:

*"Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra."
(Mateus 5:5)*

Neste versículo, a palavra grega original pode significar *"terra"* ou *"solo"*. Se observarmos com atenção, veremos que Jesus estava citando diretamente o Salmo 37:

"Pois os malfeitores serão exterminados, mas os que esperam no Senhor herdarão a terra." (Salmo 37:9)

"Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz." (Salmo 37:11)

"Pois os que são abençoados por ele herdarão a terra, e os que são amaldiçoados por ele serão exterminados." (Salmo 37:22)

O significado completo do Salmo 37 é revelado alguns versículos depois, provando que essa herança é permanente: *"Os justos herdarão a terra e nela habitarão para sempre."* (Salmo 37:29)

Portanto, quando Jesus citou o Salmo 37, Ele estava dizendo aos seus seguidores que eles herdariam um reino físico onde viveriam para sempre. Ele ligou essa herança diretamente ao *"reino dos céus"* que será estabelecido na Terra.

"Portanto, quem desobedecer a um destes mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado o menor no Reino dos céus; mas quem os praticar e ensinar será chamado grande no Reino dos céus. Pois eu lhes digo que, se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus."
(Mateus 5:19-20)

Jesus concluiu esse pensamento ensinando seus discípulos a orarem exatamente por essa realidade futura: um tempo em que a geografia física da Terra esteja perfeitamente alinhada com a realidade espiritual do céu.

"Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu." (Mateus 6:10)

Capítulo 33. Um Rei Reinará em Jerusalém

As escrituras proféticas declaram universalmente que o 'fim' definitivo da história humana (como a conhecemos hoje) envolve um

reino terreno literal governado por um Rei prometido da cidade de Jerusalém. Quando Jesus de Nazaré foi crucificado, o governador romano Pôncio Pilatos, sem saber, divulgou essa realidade profética ao mundo em três idiomas. Tendo vencido o maligno e cumprido toda a justiça como o Cordeiro de Deus, o título legal de Jesus foi estabelecido acima de Sua cabeça:

Pilatos também escreveu uma inscrição e a colocou na cruz. Nela estava escrito: "Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus". Muitos judeus leram essa inscrição, pois o lugar onde Jesus foi crucificado ficava perto da cidade, e estava escrita em aramaico, latim e grego. Então os principais sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: "Não escreva: 'O Rei dos Judeus', mas sim: 'Este homem disse: Eu sou o Rei dos Judeus'". Pilatos respondeu: "O que escrevi, escrevi". (João 19:19-22)

A Bíblia identifica explicitamente Jesus como o Rei prometido, traçando legal e biologicamente sua linhagem diretamente até o Rei Davi (Mateus 1; Lucas 3). Isso cumpre um vasto conjunto de textos proféticos que garantem um reinado davídico eterno. Antes mesmo de Jesus ser concebido, o anjo Gabriel confirmou esse cumprimento específico:

"Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim." (Lucas 1:32-33)

Isso ecoa as profecias fundamentais a respeito do direito do Messias de governar:

Isaías 9:6-7 : *"Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o governo estará sobre os seus ombros... Do aumento do seu governo e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o estabelecer e o firmar em retidão e justiça, desde agora e para sempre."*

Jeremias 33:14-15 : *" Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que cumprirei a promessa que fiz à casa de Israel e à casa de Judá. Naqueles dias e naquele tempo, farei brotar a Davi um Renovo justo, e ele praticará o juízo e a retidão na terra ."*

Ezequiel 34:23-24 : *"Porei sobre elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi as apascentará, e ele lhes será o pastor. E eu, o Senhor, serei o seu Deus, e o meu servo Davi, príncipe no meio delas; eu, o Senhor, o disse."*

A autoridade deste Rei é absoluta. No Salmo 2, Deus Pai zomba da rebelião dos governantes terrenos e decreta oficialmente a entronização de Seu Filho no Monte Sião, concedendo-Lhe toda a terra como Sua possessão.

"Por que se enfurecem as nações e os povos tramam em vão? Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram juntos contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo: 'Vamos romper as suas correntes e livrar-nos das suas amarras!'"
Aquele que está assentado nos céus ri; o Senhor zomba deles. Então lhes falará na sua ira e os aterrorizará no seu furor, dizendo: "Quanto a mim, constituí o meu Rei em Sião, o meu santo monte".

Proclamarei o decreto: O SENHOR me disse: "Tu és meu Filho; eu hoje te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança e os confins da terra por possessão. Tu os quebrarás com uma vara de ferro e os despedaçarás como a um vaso de oleiro." (Salmo 2:1-9)

*" Beijem o Filho,
para que ele não se irrite e vocês não pereçam no caminho,
pois a sua ira se acende rapidamente.*

Bem-aventurados todos os que nele se refugiam." (Salmo 2:12)

Os profetas descrevem esse reino vindouro não como uma metáfora espiritual, mas como uma administração global literal que destrói e substitui fisicamente os impérios humanos corruptos.

"Nos dias desses reis, o Deus do céu suscitará um reino que jamais será destruído; e esse reino não será deixado a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, e subsistirá para sempre." (Daniel 2:44)

"Eu estava olhando nas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um semelhante ao Filho do homem... E foi-lhe dado domínio, e glória, e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem." (Daniel 7:13-14)

Sob este reinado, Jerusalém será o centro mundial da adoração, da lei e da justiça. As expectativas globais incluem paz sem precedentes, criação transformada e longevidade (Isaías 11:1-10; Isaías 35; Isaías 60-66).

"Ele dominará de mar a mar, e desde o rio até os confins da terra... Sim, todos os reis se prostrarão diante dele; todas as nações o servirão." (Salmo 72:8, 11)

"E acontecerá nos últimos dias que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes... e todas as nações afluirão a ele... porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor. E ele julgará entre as nações, e repreenderá muitos povos." (Isaías 2:2-4)

"Então a lua ficará confundida, e o sol envergonhado, quando o Senhor dos Exércitos reinar no monte Sião, e em Jerusalém, e diante dos seus anciãos gloriosamente." (Isaías 24:23)

O profeta Zacarias revela que essa administração terrena pós-julgamento envolverá as nações sobreviventes fazendo peregrinações anuais a Jerusalém para adorar o Rei.

Essa dinâmica exata — estrangeiros vindo a Jerusalém para adorar e a retenção da chuva para aqueles que se recusam — será finalmente cumprida em escala global no retorno do Senhor.

“Então, todos os que sobreviverem dentre todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão ano após ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos. E se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, não haverá chuva sobre ela.” (Zacarias 14:16-17)

"E o SENHOR será rei sobre toda a terra; naquele dia haverá um só SENHOR, e o seu nome um só... E acontecerá que todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para celebrar a festa dos tabernáculos." (Zacarias 14:9, 16)

Jesus confirmou a natureza literal desse reino futuro, prometendo aos seus discípulos que eles participariam da sua administração terrena.

“... e eu vos designo, assim como o Pai me designou, um reino, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino e vos senteis em tronos, julgando as doze tribos de Israel.” (Lucas 22:29-30)

Jesus disse-lhes: "Em verdade vos digo que, no novo mundo, quando o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, vós, que me seguistes, também vos assentareis em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel." (Mateus 19:28)

Daniel também profetizou essa governança compartilhada: *"E o reino, e o domínio, e a grandeza do reino debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo..." (Daniel 7:27).*

Como Jesus sempre afirmou a existência desse reino, a última pergunta dos discípulos antes de Sua ascensão naturalmente se concentrou em sua cronologia.

“Então, quando se reuniram, perguntaram-lhe: ‘Senhor, restaurarás agora o reino a Israel?’ Ele respondeu: ‘Não vos

competete saber os tempos ou as épocas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade.” (Atos 1:6-7)

Jesus não negou a expectativa do reino; Ele simplesmente adiou o seu momento. As Escrituras explicam que Jesus está atualmente aguardando no céu até o tempo determinado pelo Pai.

"Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés." (Salmo 110:1)

"Mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados para sempre, assentou-se à direita de Deus, aguardando daí em diante até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés." (Hebreus 10:12-13)

"Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos humanas, que é mera representação do verdadeiro, mas no próprio céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus." (Hebreus 9:24)

Estêvão testemunhou fisicamente essa realidade exata pouco antes de seu martírio: *" Mas ele, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus em pé à direita de Deus. "* (Atos 7:55).

O livro do Apocalipse confirma que esse reinado terreno ainda está por vir. Os redimidos antecipam esse dia, declarando: *"E nos fizeste para o nosso Deus reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra."* (Apocalipse 5:10).

Mais tarde, na visão apocalíptica, o período de espera termina e o Rei legítimo reivindica a Sua posse:

"E o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre." (Apocalipse 11:15)

Em Apocalipse 19, Cristo retorna como o Rei conquistador. Apocalipse 20, então, detalha o estabelecimento de um reino milenar literal (de 1.000 anos). Durante essa era específica, os santos reinam com Cristo na Terra (Apocalipse 20:1-6). Como a rebelião, as nações e a morte ainda existem ao final desse período de mil anos (Apocalipse 20:7-10), ele se distingue do estado eterno.

Somente após o reino milenar e o juízo final é que a história da humanidade transita para Apocalipse 21 e 22 — os Novos Céus, a Nova Terra e a Nova Jerusalém — onde não há mais morte, não há mais maldição e o reino eterno é plenamente realizado.

Capítulo 34. A Nova Jerusalém

O objetivo final da história bíblica não é meramente a salvação de indivíduos, mas restaurar a Terra à beleza e perfeição da Criação original de Deus e estabelecer a morada física e permanente de Deus entre o Seu povo em um reino eterno. Esse desejo de que todas as pessoas adorassem a Deus e vivessem em Sua presença foi antecipado quando o primeiro templo foi construído em Jerusalém. O rei Salomão orou:

“... então ouve dos céus, lugar da tua habitação, perdoa, age e retribui a cada um segundo todos os seus caminhos, a quem conheces o coração (pois só tu conheces o coração de todos os filhos dos homens), para que te tenham todos os dias em que viverem na terra que deste a nossos pais.” (1 Reis 8:39-40)

O que Salomão antecipou à sombra do templo terreno se realiza plenamente no estado eterno. O livro do Apocalipse detalha a chegada da Nova Jerusalém, ecoando perfeitamente as antigas promessas dos profetas.

As realidades históricas e geográficas da terra prometida e da cidade terrena de Jerusalém foram concebidas para apontar para uma

restauração cósmica final. As escrituras proféticas declaram explicitamente que a criação física atual, marcada pela destruição causada pela queda, está destinada a uma renovação completa e total.

"Pois eis que crio novos céus e uma nova terra; e as coisas antigas não serão lembradas, nem virão à mente." (Isaías 65:17)

O apóstolo Paulo confirmou que toda a criação física atual geme, aguardando a redenção prometida e a remoção da corrupção.

"Pois considero que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada. A criação aguarda com grande expectativa a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação foi sujeita à futilidade, não por sua própria vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será libertada da escravidão da corrupção e participará da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Sabemos que toda a criação geme e sofre as dores de parto até agora. E não só a criação, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, aguardando ansiosamente a adoção como filhos, a redenção do nosso corpo." (Romanos 8:18-23)

Essa esperança de uma renovação cósmica física e espiritual permanece o ponto focal fundamental para o povo da aliança.

"Mas, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça." (2 Pedro 3:13)

No ápice do relato bíblico, o apóstolo João documenta o cumprimento dessa expectativa. No futuro, a primeira Terra será substituída por uma nova Terra, e uma nova Jerusalém descerá do céu para substituir a Jerusalém terrena.

"Então vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado, e o mar já não existia." (Apocalipse 21:1)

"E vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como uma noiva adornada para o seu esposo. E ouvi uma grande voz que vinha do trono e dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus." (Apocalipse 21:2-3)

"Então veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das sete últimas pragas e falou comigo, dizendo: 'Vem, mostrar-te-ei a Noiva, a esposa do Cordeiro.' E ele me levou em Espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a santa cidade de Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, e tinha a glória de Deus; o seu brilho era semelhante a uma pedra raríssima, como o jasper, transparente como cristal. Tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos; e nas portas estavam inscritos os nomes das doze tribos dos filhos de Israel: três portas ao leste, três portas ao norte, três portas ao sul e três portas ao oeste. E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro." (Apocalipse 21:9-14)

Diferentemente da cidade histórica e terrena, este centro eterno não requer um templo físico. A presença direta de Deus o ilumina e sustenta, proporcionando uma porta aberta para os redimidos de todas as nações.

"E não vi templo algum na cidade, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro. A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada. À sua luz andarão as nações, e os reis da terra lhe trarão a sua glória; e as suas portas jamais se fecharão de dia, porque ali não haverá noite. E nela trarão a glória e a honra das nações. E nela jamais entrará coisa alguma impura, nem ninguém que pratique abominação ou

mentira, mas somente aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro." (Apocalipse 21:22-27)

A concessão de residência permanente e identidade dentro desta cidade celestial é apresentada como a recompensa suprema para aqueles que vencem pela fé.

"Ao vencedor, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dali jamais sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu da parte do meu Deus, e o meu novo nome." (Apocalipse 3:12)

Hebreus 12 também nos dá uma ideia dessa futura cidade santa onde Jesus e o próprio Deus residem.

"Mas vocês se aproximaram do monte Sião, da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, da assembleia festiva de incontáveis anjos, da congregação dos primogênitos cujos nomes estão inscritos nos céus, de Deus, o juiz de todos, dos espíritos dos justos aperfeiçoados, de Jesus, o mediador de uma nova aliança, e do sangue da aspersão, que fala melhor do que o sangue de Abel." (Hebreus 12:22-24)

O profeta Isaías predisse um tempo em que Deus recriaria completamente o cosmos, estabelecendo uma nova Jerusalém eterna, caracterizada inteiramente pela alegria.

*"Pois eis que crio novos céus
e uma nova terra;
e as coisas antigas não serão lembradas,
nem virão à mente.
Mas alegrai-vos e regozijai-vos para sempre
naquilo que eu crio;
porque eis que crio Jerusalém para alegria,
e o seu povo para regozijo." (Isaías 65:17-18)*

O apóstolo João testemunha o cumprimento exato dessa profecia. A capital eterna não é construída da terra para cima, mas desce do céu,

significando que é inteiramente obra de Deus (Hebreus 11:10). Nessa cidade, a promessa de Ezequiel de que " *A minha morada será com eles, e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo* " (Ezequiel 37:27) torna-se uma realidade permanente e literal.

"E vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como uma noiva adornada para o seu esposo. E ouvi uma grande voz que vinha do trono e dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus." (Apocalipse 21:2-3)

A arquitetura física da Nova Jerusalém harmoniza-se perfeitamente com a totalidade do plano redentor de Deus. Os profetas, particularmente Ezequiel, tiveram visões de uma futura cidade situada sobre uma alta montanha com doze portões específicos, cada um nomeado em homenagem aos descendentes físicos de Abraão.

"As portas da cidade serão chamadas segundo os nomes das tribos de Israel: três portas para o norte; uma porta de Rúben, uma porta de Judá, uma porta de Levi..." (Ezequiel 48:31)

A visão de João sobre a Nova Jerusalém reflete diretamente o plano de Ezequiel, confirmando a preservação eterna da identidade nacional de Israel dentro do estado eterno.

"E ele me levou em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, tendo a glória de Deus; e o seu brilho era semelhante a uma pedra preciosíssima, semelhante à pedra de jaspe, transparente como cristal; e tinha um grande e alto muro, e doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel."
(Apocalipse 21:10-12)

Essa harmonia histórica e espiritual é perfeitamente visualizada no estado eterno. A Nova Jerusalém honra a raiz física, carregando os nomes da nação restaurada:

"E tinha um muro grande e alto, e tinha doze portas; e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel." (Apocalipse 21:12)

No entanto, atravessar esses portões e estar diante do Bom Pastor é o cumprimento final da promessa abraâmica — o rebanho global enxertado:

"Depois disso olhei, e eis que vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos com vestes brancas e com palmas nas mãos;" (Apocalipse 7:9)

No entanto, a arquitetura vai além, sustentando esses portões sobre doze fundamentos que representam os apóstolos. Isso ilustra brilhantemente como a Igreja da Nova Aliança está eternamente ligada às alianças históricas de Israel e construída simultaneamente com elas.

"E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro." (Apocalipse 21:14)

Na Jerusalém terrena e histórica, os profetas constantemente advertiam sobre a destruição e as maldições decorrentes da desobediência. Contudo, Zacarias prometeu um dia futuro em que a cidade estaria perfeitamente segura: *"E os homens habitarão nela, e não haverá mais destruição total; mas Jerusalém será habitada em segurança."* (Zacarias 14:11)

Na Nova Jerusalém, a maldição do pecado introduzida no Éden simplesmente deixa de existir. Como não há mais separação entre Deus e a humanidade, Seus servos experimentarão comunhão direta com Ele, portando Seu nome como um selo eterno de propriedade e proteção.

"E ali não haverá mais maldição; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos o servirão; e verão a sua face, e o seu nome estará nas suas testas." (Apocalipse 22:3-4)

Capítulo 35. Uma Conclusão Inescapável

A narrativa bíblica, desde as promessas patriarcais em Gênesis (Gênesis 12:1-3) até a eterna Nova Jerusalém em Apocalipse (Apocalipse 21:1-2), apresenta uma conclusão inescapável: Deus é infinitamente fiel às Suas alianças (Deuteronômio 7:9).

O papel multifacetado de Israel neste plano divino é a chave inegável que une todas as Escrituras (Romanos 9:4-5). Eles foram escolhidos de forma singular para receber a santa revelação de Deus (Romanos 3:1-2), e sua história turbulenta serve como a lição objetiva definitiva, demonstrando a absoluta incapacidade da humanidade de alcançar a justiça sem a graça divina (Romanos 7:18; 1 Coríntios 10:11).

Contudo, apesar de seu fracasso histórico sob a lei e de sua cegueira espiritual temporária (Romanos 11:25), o amor de Deus pela nação física e pelo povo judeu permanece inabalável (Jeremias 31:3). Como o apóstolo Paulo declarou a respeito de seu destino final (Romanos 11:29-32).

Por meio dessa nação preciosa veio a manifestação suprema do amor de Deus: Seu Filho unigênito, Jesus, o Messias (Romanos 9:5; Mateus 1:1). O endurecimento temporário e parcial do coração de Israel não foi um acidente punitivo, mas um profundo mecanismo de graça designado para abrir as portas da salvação ao mundo gentio (Romanos 11:11-12).

Como a liderança nacional de Israel tropeçou, os ramos selvagens das nações foram graciosamente enxertados na raiz eterna e vivificante da aliança abraâmica (Romanos 11:17). Assim, judeus e gentios cristãos estão agora unidos em *"um só novo homem"* (Efésios 2:15),

participando igualmente da herança espiritual (Gálatas 3:28-29) e das promessas do Bom Pastor que reúne o seu rebanho global (João 10:16; Ezequiel 34:23).

Contudo, essa magnífica expansão espiritual não anula as promessas físicas feitas aos descendentes literais de Abraão, Isaque e Jacó (Jeremias 31:35-37; Romanos 11:1-2). As Escrituras harmonizam brilhantemente a existência de uma família espiritual global com a restauração futura e irrevogável do Israel nacional e geográfico (Ezequiel 37:21-28).

Quando os tempos dos gentios se cumprirem (Lucas 21:24), o prometido Rei Davídico retornará a um elevado Monte Sião (Isaías 2:2-4; Zacarias 14:4, 9). Naquele dia, a terra física experimentará uma cura topográfica e ecológica milagrosa (Ezequiel 47:8-9; Isaías 35:1-2), as doze tribos dispersas serão reunidas permanentemente em suas fronteiras expandidas (Ezequiel 48:1-29; Gênesis 15:18), e a nação finalmente cumprirá seu mandato original do Êxodo de ser *"um reino de sacerdotes e uma nação santa"* (Êxodo 19:6), servindo como um farol de justiça e adoração para todas as nações sobreviventes da terra (Zacarias 8:23; Zacarias 14:16).

Este reino milenar terreno (Apocalipse 20:4-6) dá lugar, em última instância, à perfeição eterna dos Novos Céus e da Nova Terra (Apocalipse 21:1). Na Nova Jerusalém, a arquitetura divina imortaliza perfeitamente o amor de Deus tanto pela nação de Israel quanto pela Igreja global. Com os nomes das doze tribos inscritos em seus portões eternos (Apocalipse 21:12) e os nomes dos doze apóstolos em seus alicerces (Apocalipse 21:14), a cidade representa a família completa e unificada de Deus, habitando em comunhão direta com seu Criador (Apocalipse 21:3). Toda lágrima, maldição e divisão são finalmente erradicadas na presença eterna do Cordeiro (Apocalipse 21:4; Apocalipse 22:3).

Do princípio ao fim, temos um testemunho inegável do amor infinito de Deus (1 João 4:8). Sua fidelidade inabalável à nação de Israel prova que Suas promessas são completamente inquebráveis (Números 23:19; Malaquias 3:6).

A exaltação do Messias por Deus demonstra Seu supremo amor por Seu Filho (Filipenses 2:9-11), que voluntariamente suportou a ira da lei para se tornar o Salvador do mundo (1 João 4:14). Em última análise, a meticulosa e soberana orquestração da história de Israel por Deus, seus tropeços temporários e sua gloriosa restauração futura foram planejados para um propósito singular e majestoso: demonstrar Seu imenso amor sacrificial por toda a humanidade (Romanos 5:8).

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16)

www.visaobiblica.com

Publicado pela Visão Bíblica

Copyright © Visão Bíblica 2026